



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Marcelo Ribeiro Filho

Campada Maria, São Domingos, Guiné-Bissau

Lages

2022

Marcelo Ribeiro Filho

Campada Maria, São Domingos, Guiné-Bissau

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para obtenção do Grau de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Guimarães Soares.

Lages

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Filho, Marcelo Ribeiro
Campada Maria, São Domingos, Guiné-Bissau / Marcelo
Ribeiro Filho ; orientador, Prof. Dr. Luiz Felipe
Guimarães Soares , 2022.
156 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Literatura, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Guiné-Bissau . 3. Fotografia . 4.
Retrato. I. Felipe Guimarães Soares , Prof. Dr. Luiz . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Literatura. III. Título.

Marcelo Ribeiro Filho

Campada Maria, São Domingos, Guiné-Bissau

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Schimdt Capela

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Susan Aparecida de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Arnaldo Sucuma

Centro Universitário de Patos (Unifip)

Dr. Álvaro de Azevedo Diaz.

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Literatura.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Luiz Felipe Guimarães Soares

Orientador

Lages, 2022.

RESUMO

A presente dissertação tem como ponto de partida a reflexão sobre o papel do fotógrafo na composição do retrato. Buscando assumir e explorar a interferência do olhar sobre o *outro*, a presença do retratista é intrínseca ao retrato, a fricção evidente em qualquer retrato comprova que não existe *isenção* na técnica, não existe fotografia produzida livre da interferência do artífice. A investigação se dá no contexto de viagens, retornos constantes a um pequeno vilarejo chamado Campada Maria que fica no interior de Guiné-Bissau. Retornos provocados por motivos diferentes que geram imagens diferentes e conseqüentemente laços que vão se modificando a cada visita, a evidente mudança estética nas fotografias será motivo de análise, assim como as adequações dos laços para novas realidades. A partir do conceito de *intruso* elaborado por Jean-Luc Nancy a dissertação vai explorar a relação criada com o estrangeiro (fotógrafo), uma relação que pode se transformar a cada retorno, porém, jamais será uma relação completamente naturalizada. Igualmente, o texto visa entender, na medida do possível, a forma como a cultura local se adequa a presença do *intruso*. A relação e o aprofundamento na vida da Campada Maria permitem ao trabalho caminhar para além da questão fotográfica, a dissertação ganha vida no momento que o narrador (brasileiro) começa a torna-se estrangeiro em sua própria terra; alguns instantes de sua vida no Brasil são vividos como guineense.

Palavras chaves: Fotografia. Retrato. Guiné-Bissau.

ABSTRACT

The present dissertation has as its starting point the reflection on the role of the photographer in the composition of the portrait. Seeking to assume and explore the interference of the photographer on the *other*, the portraitist's presence is intrinsic to the portrait, the evident friction in any portrait proves that there is no *exemption* in technique, there is no photography produced without the interference of the artificer. The investigation takes place in the context of trips, constant returns to a small village called Campada Maria that is in the interior of Guinea-Bissau. Returns caused by different reasons that generate different images and consequently bonds that change with each visit, the evident aesthetic change in the photographs will be a reason for analysis, as well as the adaptations of the bonds to new realities. Based on the concept of *Intruder* developed by Jean-Luc Nancy, the dissertation will explore the relationship created with the foreigner (photographer), a relationship that can change with each return, however, it will never be a completely naturalized relationship. Likewise, the text aims to understand, as far as possible, how the local culture adapts to the presence of the *Intruder*. The relationship and the deepening in the life of Campada Maria allow the work to go beyond the photographic question, the dissertation comes to life at the moment that the narrator (Brazilian) begins to become a foreigner in his own land; some moments of his life in Brazil are lived as a Guinean.

Keywords: Photography. Portrait. Guinea-Bissau.

LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

Página 10 – Praia de Kambangaram, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 23 – Estrada da Campada Maria, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 28 – Bonifácio e Papis na bolanha, divisão entre as vilas de Campada Maria e Nhataba, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 29 – Placa da Campada Namoante, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 03/2018. Imagem extraída do filme Campada Maria.

Página 31 – Janela de Vitória, Lages, Brasil. Data: 08/2019. Arquivo digital, originalmente em formato RAW. Câmera Canon 5D. Lente Canon 50mm (f/1.2).

Página 32 – Mila indo pegar água, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Kodak Ektar, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 37 – Wilba Diallo, São Domingos, Guiné-Bissau. Data: 03/2018. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 41 – Quase afogamento de Florença, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 03/2019. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 43 (parte superior) – Alexandre Fumon jogador de futebol, São Domingos, Guiné-Bissau. Data: 03/2018. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 43 (parte inferior) – Jogo de futebol no estádio de São Domingos, São Domingos, Guiné-Bissau. Data: 03/2018. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 44 (parte superior) – Gol por cobertura, São Domingos, Guiné-Bissau. Data: 03/2018. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 44 (parte inferior) – Bolanha de arroz, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Ilford HP5, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 48 – Crianças da casa de Ibrahim, São Domingos, Guiné-Bissau. Data: 03/2018. Negativo Ilford HP5, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 49 – Morro das torres, Urupema, Brasil. Data: 06/2014. Negativo Kodak Tri-x, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 200mm (f/5.6).

Página 50 – Anser dançando, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 56 – Família de Anser, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 59 (parte superior) – Anser, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 59 (parte inferior) – Kitana e Isabel, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 62 – Carol Alves, Florianópolis, Brasil. Data: 12/2019. Negativo Kodak Portra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 66 – Dansi com lenço na cabeça, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 70 – Dansi na praia de Kambangaram, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 71 – Dansi, Eu e Anser, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 06/2019. Foto tirada por um celular.

Página 73 – Sítio, Lages, Brasil. Data: 12/2011. Negativo Kodak Ultramax, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 74 – Sede do PAIGC em Cacheu, Cacheu, Guiné-Bissau. Data: 03/2019. Negativo Kodak Ektar, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 79 – Cláudio Alves, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Ilford HP5, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 90 (parte superior) – Ana Gomes e Frederick Gomes retirando a castanha do caju, Ponta Bocada, Guiné-Bissau. Data: 05/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 90 (parte inferior) – Caju descartado, Ponta Bocada, Guiné-Bissau. Data: 05/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 91 (parte superior) – Cristiano, Ponta Bocada, Guiné-Bissau. Data: 05/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 92 (parte inferior) – Caule, Ponta Bocada, Guiné-Bissau. Data: 05/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 100 – Fátima Gomes, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 04/2019. Negativo Kodak Tri-X, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 103 – Sinha Mann, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 04/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 106 – Tela do Skype, Lages, Brasil. Data: 01/2022. Imagem de celular.

Página 108 (parte superior) – Morto N'bunda, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 108 (parte inferior) – Rio da Campada, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 109 (parte superior) – Festa na casa de Luís Cunsa, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 109 (parte inferior) – Memorial da Escravatura e do Tráfico Negreiro, Cacheu, Guiné-Bissau. Data: 06/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 114 – Porto de Cacheu, Cacheu, Guiné-Bissau. Data: 06/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 119 – Sufon Coda e Eu, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Foto tirada por um celular.

Página 120 – Estrada de São Domingos, São Domingos, Guiné-Bissau. Data: 05/2021. Negativo Kodak Tri-X, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 123 – Ada quebrando carvão 1, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 124 – Ada quebrando carvão 2, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 128 – Selfie de Ada, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 11/2021. Foto tirada por um celular.

Página 132 – Noemi, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/021. Sony Cyber-shot DSC-WX100.

Página 134 – Pessoas na varanda, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 05/021. Sony Cyber-shot DSC-WX100.

Página 135 (parte superior) – Windiaba e Sofia, Bissau, Guiné-Bissau. Negativo Agfa Vista, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 135 (parte inferior) – Tete no rio, Bissau, Guiné-Bissau. Negativo Agfa Vista, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 136 – Fronteira, Ziguichor, Senegal. Data: 05/2019. Negativo Fuji X-tra, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 137 (parte superior) – Benina Fumon, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 137 (parte inferior) – Male, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 138 (parte superior) – Feliciano, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 138 (parte inferior) – Anser, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 139 (parte superior) – Vadinho, Besna e Suely, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 139 (parte inferior) – Sadio tomando banho, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 140 (parte superior) – Cadjatu, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 06/2021. Negativo Agfa Vista, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 140 (parte inferior) – Crianças, Ponta Bocada, Guiné-Bissau. Data: 05/2021. Negativo Kodak Proimage, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 141 (parte superior) – Bissau colonial, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 141 (parte inferior) – Chuva em Bissau, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 142 (parte superior) – Fotografia número 2 da estrada do Porto de Pidjiguiti, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 142 (parte inferior) – Fotografia número 1 da estrada do Porto de Pidjiguiti, Bissau, Guiné-Bissau. Data: 07/2021. Negativo Fuji X-tra, ISO 100. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 35mm (f/3.5).

Página 147 – Bissigüe e Dansi, Campada Maria, Guiné-Bissau. Data: 02/2018. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Página 151 – A paz, Lages, Brasil. Data: 09/2015. Negativo Ilford Pan, ISO 400. Câmera Canon AT-1. Lente Canon 50mm (f/1.4).

Sumário

<u>Campada Maria</u>	<u>12</u>
<u>O narrador</u>	<u>34</u>
<u>Anser e Dansi</u>	<u>52</u>
<u>Vivendo na Campada Maria</u>	<u>76</u>
<u>3ª viagem.....</u>	<u>122</u>
<u>Referências bibliográficas</u>	<u>154</u>
<u>Filmografia.....</u>	<u>158</u>

Campada Maria



Esta imagem é de uma praia de rio, chamada de Kambangaram. Sem dúvida, é um dos meus lugares preferidos no mundo. Gosto de pensar nessa praia como um ponto de recomeço, sempre que preciso refazer minha cabeça, ou desligar de tudo, vou até lá. É um lugar silencioso, quase nunca tem gente, e o sol costuma durar o dia todo. Também existem muitas árvores em Kambangaram, isso ajuda nos momentos de trégua quando o calor está muito forte. A primeira vez que entrei na água tive medo, pensei que havia crocodilos. Assim como muita gente, tinha a impressão de que em todos os rios da África viviam terríveis crocodilos, esperando embaixo da água para atacar algum estrangeiro desavisado. Não há, ou pelo menos nunca nos encontramos. Existem, sim, muitos peixes, crustáceos, pássaros e insetos.

A água de Kambangaram é de tonalidade marrom, o sabor é salgado. Em geral é calma, mas deve haver alguns cuidados ao entrar. Muita atenção com a profundidade, pois o chão é de lama bem mole, o pé pode ficar preso e o sujeito acabar imergindo. Além disso, quem não sabe nadar, como é o meu caso, deve ficar na margem. A corrente pode mudar de forma súbita e arrastar a pessoa para longe. Não é aconselhável crianças nadarem sozinhas nessa praia. Logo, elas quase nunca vão até lá. Todas são avisadas do perigo desde muito novas. Quando querem ir em Kambangaram, geralmente, esperam a

companhia de adultos, o que é bem raro de acontecer, já que os adultos estão sempre trabalhando – inclusive nos fins de semana.

Apesar de gostar da solidão da praia, nunca fui até lá sozinho. Nunca me deixaram ir até lá sozinho. Para o povo Balanta¹ é extremamente descortês deixar um hóspede andar sozinho. Por isso, as lembranças que tenho de Kambangaram, são sempre em conjunto. Lembro das minhas filhas, Dansi e Anser, lembro das minhas irmãs, Maia e Luana, também dos meus irmãos Besna, Cláudio e Mimeu. Talvez eu goste da praia de um jeito excessivo. Pode ser que, fora da minha narrativa, ela seja um lugar qualquer, meio deslocado, *feito*, com lama e um sol violento. Lá não existe cadeira de praia, quiosque ou aplausos ao pôr do sol. Não tem nada disso. Mas é em Kambangaram que eu recomeço. Mais especificamente, é nessa praia que está meu recomeço afetivo. Reinício de uma nova vida, onde participo de um caminho que não esperava percorrer. Caminho que, agora, não desejo deixar de percorrer.

* * *

Antes de continuar, é bom esclarecer algumas questões. Os eventos deste conjunto de ensaios acontecem, em sua maioria, na Guiné-Bissau. Mais precisamente na região norte do país, setor do Cacheu. O núcleo da vida/ficção que pretendo narrar é baseado em uma vila agrícola chamada de Campada Maria, lugar onde fica a praia de Kambangaram. Esta tabanca² relativamente nova, com quase 100 anos de idade, fica próxima (10 km) da cidade de São Domingos. Cidade, que por sua vez, fica a 125 km da capital administrativa do país, Bissau.

Tenho dois objetivos com estas informações e com a inclusão dos mapas a seguir. O 1º é localizar Guiné-Bissau para quem não conhece o país, a leitura de muitos dos acontecimentos relatados nos ensaios a seguir, exige uma mínima noção geográfica. O 2º objetivo é mostrar que Guiné-Bissau é algo concreto, existe de fato, lá vivem quase 2 milhões³ de pessoas em centenas de cidades e vilas agrícolas.

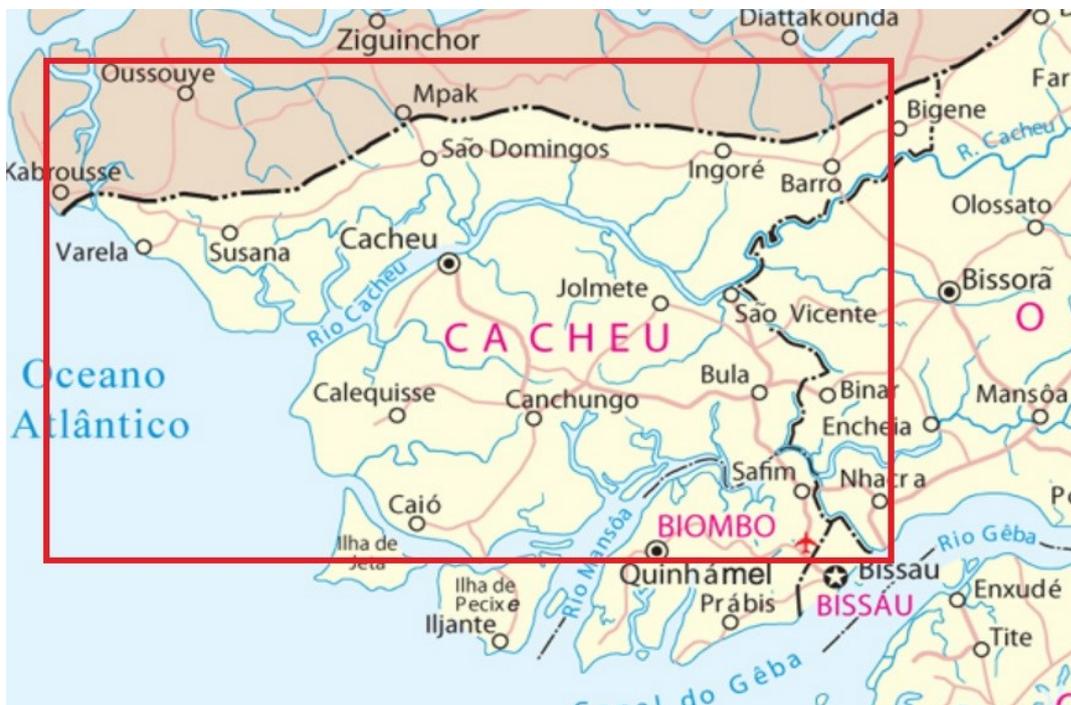
¹ Grupo social com grande abrangência em toda Guiné-Bissau. É com os Balantas que passo quase todo meu tempo no país. Em seguida, no ensaio *Vivendo na Campada Maria*, vou falar com detalhes sobre eles.

² Nome das vilas que ficam localizadas no interior do país. Espécie de aldeia agrícola. A palavra também é sinônimo de Campada.

³ O último Censo realizado em Guiné-Bissau foi no ano de 2009 pelo Instituto Nacional de Estatística. Naquele ano o número, estimado, da população girava em torno de 1.497.859 de pessoas. Como nunca mais

Mapa do país:⁴

Região do Cacheu:



houve um Censo no país, e levando em conta o alto índice de natalidade, é comum estudos sobre Guiné-Bissau estimarem que a população local, agora, gira em torno de 2 milhões de guineenses.

⁴ Fonte: <http://www.africa-turismo.com/mapas/guine-bissau.htm>

Provável localização da Campada Maria:



Após ver os mapas, é necessário buscar entender como a população de Guiné-Bissau se organiza. Para introduzir o debate vou citar o professor Arnaldo Sucuma:

A Guiné-Bissau é um país multicultural. Segundo o censo de 2009, o país possui actualmente 14 etnias, mais uma pequena parte da população que não pertence a nenhuma etnia. Ela corresponde a 2.2% da população (Ministério da Economia, do Plano e da Integração Regional, 2009:22).

Cada etnia tem as suas culturas, a sua religiosidade, e estruturas de poder político tradicional, seja na forma do reinado ou de conselho de anciões, etc. São culturas que apresentam diversos valores éticos, sociais, de solidariedade na transmissão de conhecimentos, por exemplo, no campo da medicina tradicional inspirada na relação entre o homem e a natureza. Vale salientar que as culturas dialogam entre si, facto que ajuda a melhorar a convivência interétnica.⁵

Esta afirmação sobre etnia não é algo exclusivo do professor Arnaldo. Praticamente todo estudo a que tive acesso, sobre a população de Guiné-Bissau, chega no mesmo lugar. Inclusive, quase todas as pessoas que eu conheci no país se reconhecem e aceitam a divisão étnica. Aqui entra um problema de aceitação *grave*, pelo menos para

⁵ SUCUMA, Arnaldo. *Política e democracia na Guiné-Bissau pós-colonial*. *Africa Development*, Dakar. v. 46, n. 1, p. 85-99, 2021.

mim. Desde criança nunca acreditei na legitimidade das divisões sociais, apesar de reconhecer que, inegavelmente, são elas que regem quase todos os tipos de interação humana.

Etnia é um termo que me assusta muito, tenho enorme dificuldade em separar o conceito de etnia do conceito de raças⁶ – principalmente o discurso de raças que embasa o racismo. Dentro de uma elaboração teórica descuidada (ou com intenções racistas) não existe, de fato, nenhuma diferença, etnia e raça dão no mesmo lugar. Neste discurso, a pressuposição da individualidade está diretamente ligada com fatores que constituem determinado grupo e o mantêm fechado. Como se o isolamento e a preservação de características próprias do grupo fossem a única maneira de a etnia (ou raça) se manter viva. Desta afirmação até um possível ideal de pureza racial não existe muita distância:

O termo grupo étnico, na bibliografia antropológica, é geralmente entendido (cf. Narrol, 1964)⁷ para designar uma população que:

- 1- Perpetua-se biologicamente de modo amplo,
- 2- Compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
- 3- Constitui um campo de interação e comunicação,
- 4- Possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

Esta definição ideal não é muito diferente em seu conteúdo da proposição tradicional que postula uma raça = uma cultura = uma linguagem, e ainda que uma sociedade = uma entidade que rejeita e discrimina outras.⁸

Fredrik Barth foi um opositor veemente da normalização do conceito de etnia mais utilizado na antropologia. Argumenta que ao encarar a questão étnica como um debate resolvido, produtor igualmente de um conceito imutável, nada está sendo feito para, de fato, realizar uma investigação aguda sobre culturas, pelo contrário, este tipo de pensamento ajuda no discurso de que existe supremacia em determinados grupos étnicos.

⁶ Cf. APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 21-69.

⁷ A referência completa da citação é: NARROL, R. *Etnic Unit Classification*. *Current Anthropology*, Vol. 5, No. 4, 1964.

⁸ POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 189-190.

Pois utilizar uma catalogação preestabelecida, ignorar a realização de intercâmbios entre grupos étnicos, cria uma postura que isola as etnias e gera a falsa ideia de uma existência particular de costumes e características. Como se costumes e características nascessem do nada. No vácuo desta ideia é fácil pressupor um ideal de pureza, se não existem contatos entre etnias e suas atribuições são próprias e exclusivas, não é de se estranhar que para muitos grupos étnicos, as suas características sejam, muitas vezes, afirmações de pureza.

Para o autor, o estudo das etnias é um caminho inevitável, mas deve ser feito de outro modo. Ele sugere uma mudança de foco, propõe que o estudo não fique concentrado apenas em fatores internos das comunidades, pois este enfoque trata as comunidades como grupos isolados dos demais, e fora algumas exceções, isso quase nunca acontece. Barth argumenta a necessidade de olhar com mais empenho os limites dos grupos étnicos, entender como acontecem as manutenções das fronteiras. Não considera como primários os fatores listados por Narrol como características internas, afirma que os fatores internos que constituem uma etnia, na verdade, são resultado da manutenção dos limites externos. Em suma, para Fredrik Barth, são as fronteiras e a sua manutenção que fazem a constituição primária dos grupos étnicos. As etnias reconhecem sua unidade a partir do momento em que realizam esforços para se diferenciar ou negociar com as demais etnias, portanto, um grupo étnico existe a partir do momento em que tem *estrangeiros* como referencial de oposição ou intercâmbio. A teoria de Barth impossibilita qualquer pensamento em relação à etnia como forma isolada de organização social, também impossibilita a crença numa pureza étnica, tendo em vista que a fronteira nunca será um local homogêneo, pelo contrário, nela surgem manutenção, trocas e bloqueios:

Além disso, a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade. De outro modo, uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como membros de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações na compreensão comum, diferenças de critérios e julgamentos, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesse mútuo.

Isso torna possível a compreensão de uma forma final de manutenção de fronteiras, através da qual a unidade e os limites culturais persistem. Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da

fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes. Contudo, onde indivíduos de culturas diferentes interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores – melhor dizendo, uma similaridade ou comunidade de cultura (cf. Barth, 1966, onde se encontra minha argumentação a respeito)⁹. Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais. O traço organizacional que, segundo minha tese, deve ser encontrado em quaisquer relações interétnicas consiste em um conjunto sistemático de regras dirigindo os contatos interétnicos. Em qualquer vida social organizada, o que se torna relevante para a interação em qualquer situação social particular está prescrito (Goffman, 1959)¹⁰. Se os indivíduos concordam com tais prescrições, sua concordância com códigos de valores não precisa estender-se para além do que é pertinente para situações sociais nas quais interagem. Relações interétnicas estáveis pressupõem uma estruturação da interação com essa: um conjunto de prescrições dirigindo as situações de contato e que permitam a articulação em determinados setores ou campos de atividade, e um conjunto de proscições sobre as situações sociais que impeçam a interação interétnica em outros setores, isolando assim partes das culturas, protegendo-as de qualquer confronto ou modificação.¹¹

Então, quando eu for falar sobre etnia ou grupos sociais que se reconhecem dentro de tal forma de organização em Guiné-Bissau, estarei falando a partir da perspectiva de Fredrik Barth. Vejo tais grupos não como arranjos de características puras e insubstituíveis, pelo contrário, enxergo a divisão social por meio de etnias como uma forma crível, apenas quando existe o *outro* como perspectiva. Não é possível formular grupos fechados se não existem elementos que devem ser excluídos. Desta forma, minha visão sobre grupos étnicos em Guiné-Bissau caminha no momento em que aceito, não um discurso sobre pureza, mas um discurso sobre trocas mediadas e a importância da fronteira entre tais etnias.

A introdução feita pelo professor Arnaldo é um bom ponto de partida, mas sozinha não basta. Guiné-Bissau é de fato um país multicultural e, em geral, os grupos étnicos convivem de maneira pacífica e realizam intensos intercâmbios. Qualquer pessoa que chegar ao país vai notar isso, não é algo que está escondido, a convivência entre etnias é, inclusive, uma questão básica de sobrevivência nacional. Todavia, uma permanência maior no país revela que não é tudo tão simples. O que eu consegui notar, durante meus

⁹ A referência completa da citação é: BARTH, F. *Models of social organization*. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, **Ocasional Papers**, No. 23, 1966.

¹⁰ A referência completa da citação é: GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York, 1959.

¹¹ POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 196-197.

5 anos de relação com Guiné-Bissau, é que esse contato amistoso entre grupos culturalmente diferentes é devedor, não de uma cordialidade romântica, mas sim, de limites bem estabelecidos. A fronteira entre os grupos étnicos, a delimitação entre as culturas é um fator muito importante, diria que fundamental para a sociedade guineense constituir-se como multicultural.

Existe uma significativa reserva com relação aos assuntos mais delicados, questões chave são decididas no seio de cada grupo étnico, quase nunca são abertas para os demais grupos. A colheita do caju¹² é um bom exemplo para iniciar o debate. Um pouco antes de o caju ficar maduro, o dono (ou a dona) da horta divide o trabalho em 4 grupos. O primeiro grupo é formado por pessoas que vão limpar o chão entre as árvores, retirar toda espécie de ervas e arbustos que nasceram ao longo do ano, eles devem deixar o campo de visão limpo para os coletores.¹³ No segundo grupo estão as pessoas que farão a colheita e a separação entre o caju e a castanha. O terceiro grupo é composto de pessoas que farão o transporte até o armazém da horta. O quarto e último grupo é composto por administradores – gente que vai cuidar da venda e do uso do dinheiro da colheita. Nos três primeiros grupos estão pessoas de diversas etnias, mas no último nunca, o grupo administrador é formado, sempre, por indivíduos que têm a mesma etnia que o dono (ou a dona da horta). Logo, cada etnia faz questão de definir e limitar seu grau de atuação e o diálogo com outras etnias. Marcando, principalmente, esta relação como desigual. As relações interétnicas em Guiné-Bissau nunca acontecem sem tal premissa. Ela está naturalizada, e um observador de fora pode deixar escapar, mas basta um ouvido atento para perceber frases pejorativas com propósito de diferenciação entre etnias como: *aquele menino faz briga igual Papel, Cobianos não sabem matemática, Fulas gostam de feitiço*. Afirmações que denotam um olhar diferente sobre o *outro*, um reconhecimento de que naquela sociedade há diferenças entre as pessoas.

¹² No ensaio *Vivendo na Campada Maria* vou falar com mais detalhes sobre a importância econômica do caju para Guiné-Bissau.

¹³ O termo local utilizado é *farfar*. Os camponeses dizem que antes da colheita é preciso *farfar* o caju, ou seja, limpar o chão da horta de caju. Esse processo é digno de nota, pois é responsável por uma das maiores migrações sazonais da África Ocidental. Todos os anos, antes da colheita, chegam imigrantes do Senegal, Gâmbia, Guiné-Konacri, Mali, Mauritânia e Serra Leoa. Eles vêm em busca de trabalho na limpeza das hortas, e muitas vezes, continuam durante a colheita do caju. Não existe uma forma de pagamento fixa, depende do combinado com as pessoas responsáveis pela horta, em alguns casos o pagamento é realizado antes da colheita, em outros casos, somente, após a venda de toda produção.

Em 2021 tive a oportunidade de conhecer uma das tabancas mais antigas dos Balantas. O nome da vila é *Amon*¹⁴ e fica localizada na região de Ingoré. O que me deixou surpreso foi a distância da vila em relação à estrada principal, quase uma hora de moto em velocidade alta. Depois fiquei sabendo que existem vilas mais distantes ainda. É assim no país inteiro. Perguntei para meu irmão Cláudio¹⁵ o motivo de a tabanca ser tão afastada. Ele disse que *Amon* mudou de lugares várias vezes, antes era mais distante. A vila foi fundada na época do império do Mâli¹⁶, naquela época era uma fortificação dos Balantas, que não queriam ser escravizados pelos Mandingas e também servia de Quilombo para os Balantas em fuga dos cativeiros do império. Enquanto escrevia este texto lembrei de minha visita à tabanca de *Amon* e de tudo o que Cláudio me disse sobre etnia e, principalmente, sobre escravidão. Visando uma interlocução mais bem elaborada, pedi para Cláudio escrever um breve texto com as informações que havia me contado naquela ocasião. Aqui está sua resposta:

Os sacrifícios dos nossos avôs

Sempre que te conto sobre história é fruto da nossa oralidade, não existem fósseis ou documentos daquele tempo. Eu sei que você não gosta da divisão das gentes em etnia, mas acho que o assunto vai demorar muito tempo para ser solucionado. Até acho que não vamos viver tempo bastante para ver o fim da divisão entre etnias na Guiné. Nem isso, nem uma situação de paz plena entre os pretos, nem uma situação de paz plena entre os brancos e os pretos. Mesmo que não pareça, você pode andar na Guiné por anos e nunca vai escutar nas ruas sobre os escravos, mas o sofrimento deles está presente.

O problema começa muito antes do português chegar aqui. O histórico de guerra entre etnias já existia, e os conflitos davam como resultados prisioneiros que eram mortos ou feitos escravos. E isso aconteceu muito entre Balantas e Manjacos, Balantas e Felupes, Balantas e Bijagós. Só que com o nascimento do império do Mali isso virou uma coisa grande. A guerra entre os Balantas e os Mandingas levou os conflitos para outro nível de complicação. Antes eram guerras devagar, porrete contra porrete, pedra contra pedra. Mas contra o império era outra guerra, eles tinham muitas tecnologias que pegaram dos Árabes e lutavam todos os dias sem descanso.

¹⁴ Em Balanta a palavra significa literalmente: preto. No entanto, o nome da vila é uma abreviação de *botche n'bumon*. Em uma tradução livre da língua balanta para o português: terra dos pretos.

¹⁵ No ensaio *Vivendo na Campada Maria* vou falar sobre o dia que conheci Cláudio e minha proximidade com sua família.

¹⁶ O historiador, François-Xavier Fauvelle, adota no livro *O Rinoceronte de Ouro – Histórias da Idade Média Africana* a seguinte distinção: opta por escrever *Mâli* quando estiver referindo-se ao reino medieval africano, e quando usa o termo *Mali* está fazendo menção ao país que existe no contemporâneo. Em meu trabalho vou adotar a mesma distinção. Cf. FAUVELLE, François-Xavier. *O Rinoceronte de Ouro – Histórias da Idade Média Africana*. Tradução de Regina Salgado Campos e Iraci D. Poleti. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018, p. 13.

Acreditamos que nessa época as gentes começaram a ficar fechadas nas etnias. Balanta queria saber de ficar só com Balanta.

Mas ainda vem o pior. O império dos Mandingas era cruel, mas com a chegada dos portugueses na Guiné-Bissau, a crueldade virou indústria. Os nossos avôs sacrificavam muito na época da colonização, sofreram muito na mão dos colonizadores. Os escravizados eram levados para fora do país como você sabe bem, mas muita gente esquece que outros tantos ficaram como escravos aqui. Então não é certo dizer que não havia escravidão aqui, afinal as gentes de Portugal e assmiliados precisavam de mão de obra.

Eles trabalhavam muito sem descansar, mas não é porque os nossos avôs tivessem descansados, é porque não podiam parar o trabalho. Você imagina ter medo de descansar? Muitos até foram obrigados a cavar sua própria cova. Quem cuidava para tudo continuar não era o branco, mas o Supai. Supai é um tipo de policial, guarda. Aqueles homens com chicote e armas das pinturas que vemos nos livros da escola. Alguns eram pretos, outros miscigenados, poucos eram brancos. Os chefes dos Supai, sim, eram brancos. Eles batiam muito nas pessoas sem ter pena de ninguém. Diziam que nossos avôs tinham que trabalhar constante porque a pele da gente da África não é pele de humanos, são bichos. O preto que queria uma vida melhor no domínio de Portugal devia rezar para se tornar Supai.

Você deve saber de uma coisa, Marcelo, as estradas principais da Guiné na época dos portugueses são as mesmas que foram abertas pelos Mandingas, e são as mesmas que o PAIGC¹⁷ asfaltou. Isso é simbólico. Acho que posso dizer: isso demonstra que a Guiné-Bissau percorre os mesmos caminhos há séculos. A única coisa que muda são os donos dos caminhos. Não acho que a intenção deles é muito diferente, no fundo são todos iguais. Também não sou criança, sei que se muitos Balantas estiverem com o poder vão fazer igual eles.

Não sei muito sobre os parentes antigos, mas posso garantir que o avô do meu avô trabalhou na modernização portuguesa das estradas, ainda com trabalho forçado. Século 19. Então posso dizer que falo uma história de família para você. Ele e seus companheiros carregavam pedras na cabeça e vestiam só uma tanga, estavam fazendo aterro da estrada, é um trabalho muito difícil. Mesmo com isso os Supai dizem que os nossos avôs não trabalhavam rápido e batiam muito neles. Sem pena ou compaixão. Os que eram fracos morriam no lugar de trabalho e lá apodreciam, ninguém pensava em parar, até os doentes faziam o maior esforço.

Não é só isso, os nossos avôs trabalhavam muito sem comer nada pela manhã. Ao meio-dia vinha o Supai com pouca comida, cada indivíduo podia pegar um punhado com as duas mãos e levantar. Depois de comer ninguém vai beber água, todos vão continuar trabalhando sem descanso.

E no final da construção das estradas os Supai elaboraram também um plano de semear árvores na beira das estradas, árvores que têm o nome de Bissilão. A ideia deles era que tivesse sombra nas estradas, assim era mais fácil se locomover. A população próxima, gente que tinha sido libertada do trabalho forçado, era obrigada a regar essas árvores na época não chuvosa e controlar o crescimento de um jeito

¹⁷ Partido Africano pela Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde. No ensaio *Vivendo na Campada Maria* vou falar melhor sobre o partido.

correto. Os Supai iam em todas as tabancas checar árvores e também impostos, se há problema isso significa que as gentes vão apanhar muito deles.

Por isso, não apenas *Amon*, mas quase toda tabanca antiga é longe da estrada. Ficar próximo da estrada sempre significou estar no alcance da mão do poder que governa Guiné-Bissau. As tabancas que foram fundadas nas estradas são todas do século 20, ainda assim mesmo, muitas tabancas do século 20 foram feitas longe da estrada. Uma questão de hábito por segurança.¹⁸

É claro que a resposta de Cláudio, apesar de ser um relato extremamente importante, tem seus buracos. De qualquer modo, uma coisa fica nítida, tanto neste exemplo a partir de *Amon*, quanto nos outros (a situação da colheita e também as frases pejorativas entre etnias), a história de comunicação entre os grupos étnicos não é uma história, apenas, de afirmação de características internas. É uma história baseada no contato entre as fronteiras das etnias, afirmações de poder e a busca por uma subjetividade tendo o *outro* em vista. É importante deixar isso marcado, a boa relação não nasce de maneira automática. Existe paz entre a população de Guiné-Bissau no contemporâneo porque os limites estão lá. Quando os limites estão bem definidos a convivência é de fato muito boa. Inclusive, não é raro encontrar tabancas compostas de mais de um grupo étnico. Na Campada Maria, por exemplo, vivem 4 etnias diferentes: Balantas, Manjacos, Fulas e Cobianos – fora outros grupos étnicos que passam pelo lugar durante os dias de feira, cerimônias religiosas e grupos de trabalho.

Aqui vale uma ressalva significativa. A partir de agora, tirando uma exceção, os nomes e detalhes culturais das etnias que vou citar são aprendidos do crioulo guineense ou do português. Não vou me referir a cada etnia ou a traços culturais delas a partir da nomenclatura de cada uma em sua própria língua. Não é possível, tendo em vista que seria necessário um tempo de imersão muito grande em cada uma delas. A exceção fica por conta do povo Balanta, com relação ao qual eu posso me aprofundar nos termos, pois tenho relativo conhecimento da língua e cultura étnica.

* * *

Encerrado o assunto sobre grupos étnicos, pretendo falar sobre a fundação da Campada Maria. Mas, antes de contar a história da vila, quero voltar em um detalhe que

¹⁸ Texto recebido por aplicativo de mensagem no dia 12/12/2021.

pode ter passado despercebido. Desejo abrir um último parêntese e voltar ao texto de Cláudio. Especificamente à questão do Bissilão.

Eu nunca imaginei que árvores tão lindas tivessem uma história de plantio trágica como a que Cláudio contou. Confesso que fui pego de surpresa. Antes de conhecer essa narrativa enxergava no Bissilão uma árvore da paz, um ente que proporcionava sombra e descanso na beira da estrada. Me sentei inúmeras vezes embaixo dos Bissilões que ficam no acostamento da Campada Maria sem, sequer, imaginar a história do plantio. Estar sob o Bissilão era, para mim, o mesmo que estar dentro de um verso de Odete Semedo¹⁹, mais especificamente o seguinte:

Qual pé de bissilão
na lála²⁰
está o poeta no canto da vida
espreitando o mundo

É na sombra do Bissilão que nos reunimos depois do almoço, quando isso acontece é momento de deixar o pensamento tomar conta, entrar em conversas despreziosas e mansas. Foi nessa sombra que comecei a entender o significado de *djumbai*²¹. Por estar na beira da estrada a árvore torna-se um ponto privilegiado, do Bissilão é possível ver quem está saindo e quem está chegando na tabanca. Lugar ideal para espreitar o mundo como fala Odete Semedo. Inclusive, é também um lugar ideal para perder a noção do tempo. Diversas vezes fiquei sob o Bissilão mais do que devia e acabei me atrasando para compromissos. O espaço do Bissilão é, igualmente, marcado por ser terra neutra. Fora os momentos de diversão, os Bissilões da Campada Maria, servem para reuniões da tabanca: acerto de contas, discussões mediadas pelos mais velhos e tratativas para realização de cerimônias tradicionais dos grupos étnicos.

O Bissilão representou na minha cabeça muitas coisas, mas nunca, nada daquilo que Cláudio contou. Uma árvore da exploração, sepultura de muitos escravizados. Vidas que foram trocadas por algumas horas de sombra ao longo do dia. Sombra que facilitou o avanço dos colonizadores e o progresso de um império sanguinário. Passei muito tempo embaixo dessas árvores achando que elas eram uma coisa só, achando que eram simples

¹⁹ Odete Semedo tem enorme importância no cenário literário da Guiné-Bissau. No ensaio *Vivendo na Campada Maria* vou falar sobre ela com mais detalhes.

²⁰ Lála em crioulo guineense significa descampado, uma espécie de savana ou deserto. Área sem cobertura florestal. A nota é minha, não consta no poema original.

²¹ Significa divertimento, tempo livre para brincadeiras, no crioulo guineense.

vegetais que faziam sombra para minha despreocupada digestão. Entretanto, a sombra do Bissilão não é, apenas, um lugar trivial de encontro. É um ponto de ressignificação da História, lugar que deve ser assumido como ambíguo, ponto tortuoso da humanidade. A forma como essas árvores foram plantadas nunca deve ser esquecida.

O poema de Odete Semedo que cita o Bissilão é assim na íntegra:

Pesaroso anuncio: Eis o meu poeta!

Qual pé de bissilão
na lála
está o poeta no canto da vida
espreitando o mundo

Nas ruas de estradas tortas
covas mortas
degoladas pelo “michelin”
sangrando água podre
está o poeta
desencantado

Num canto da casa
onde crianças brigam
pelo jantar de ontem
o poeta escuta
com a alma amarfanhada

Onde casas concorrem
com poilões²²
em altura e pujança
onde estradas negras
e luzidias
fazem serpentear seu brilho
e dias de esperança
o poeta vê e sonha
encantado

O poeta senta e chora
o caminhar macabro
do deserto viandante
lamenta a profecia
que dança na boca do povo
sobre a sua gente
invoca a esperança
lança-se na fúria do macaréu
e conta
a passada dos homens

²² Árvore de grande porte nativa da África Ocidental. Em Guiné-Bissau existem muitos poilões gigantescos, inclusive nas cidades. Alguns grupos étnicos, como os Balantas, realizam na base do poilão cerimônias religiosas. A nota é minha, não consta no poema original.

Onde o troar das armas
fecha o coração dos homens
o egoísmo evoca violência
a mentira impera
a podridão alastra
qual corda de lacacão...
Como um pé de bissilão
está o poeta
testemunho eterno
do tempo e da vida²³

Depois de ouvir Cláudio, pensar e reler o poema, percebo que o Bissilão não é uma entidade fixa. Sua existência não tem um único significado. Da barbárie nasce seu corpo, mas da afetação pelo mundo nasce sua força. E é neste trajeto silencioso que está o maior poder do Bissilão, ele envolve em sua sombra toda a história de Guiné-Bissau, transforma unidade em múltiplos. Até mesmo, nossa despreziosa conversa embaixo de sua copa é um sinal de que a árvore transpassa o tempo, testemunha a mudança. Sentados, eu (branco) e eles (negros), conversamos e criamos laços de amizade. Afinal, estamos recriando possibilidades da existência.

Na fotografia seguinte é possível ver dois Bissilões no lado direito da imagem. Ambos estão na Campada Maria e foram plantados antes da fundação da vila.



²³ SEMEDO, Odete Costa. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. p. 33-34.

* * *

Guiné-Bissau foi durante séculos colônia de Portugal, a ocupação do território ocorreu de maneira disforme, obedecendo critérios que giravam em torno da facilidade de acesso, segurança e interesse comercial. Consequentemente, as terras de maior valor para os portugueses e assimilados ficavam na costa do país, ou nas margens dos rios Cacheu, Mansôa e Gêba. Isso gerou uma supervalorização das terras litorâneas que vão da cidade de Cacheu até a ilha de Bolama. Esta região foi, sem dúvida, a mais ocupada e explorada pelos colonizadores. Em 1885 acaba a conferência de Berlim e Portugal sente que não tem mais poder para enfrentar os outros colonizadores europeus. Para repelir o assédio sobre os poucos territórios africanos que lhe restaram, dentre eles Guiné-Bissau, os portugueses resolveram ampliar seu poder na região. Para isso foi necessário aumentar o número de trabalhadores vindo de Portugal em cada colônia, ampliar a interlocução com os habitantes locais e, principalmente, levar para o interior influências portuguesas.

Logo, foi vital descentralizar órgãos da metrópole que atuavam no país. Desde a época do tráfico de escravizados a cidade de Cacheu ocupou o ponto central de operações portuguesas no norte, após a conferência de Berlim o governo da metrópole decide retirar alguns órgãos governamentais do local; em suma, não era mais possível manter um centro isolado de operações. É neste momento que a vila de Canchungo aparece como melhor opção de transferência. Apesar de relativamente próxima do Cacheu, a vila estava em um ponto privilegiado do interior, poderia servir de ligação entre o porto de Cacheu e o resto do país. Em pouco tempo, os portugueses fizeram desta pequena vila um poderoso centro administrativo. Por consequência, as terras da região de Canchungo ficaram muito valorizadas, a chegada de estrutura e poder colonial também significou maior circulação de dinheiro.

Um detalhe importante merece destaque. A escolha por Canchungo não está baseada unicamente na localização geográfica. As terras da região são ocupadas, desde antes da chegada dos portugueses, pelo grupo étnico Manjaco. Os Manjacos²⁴ possuem uma hierarquia estabelecida com similaridades ao modo de organização republicana do

²⁴ Ao citar o grupo étnico Manjaco estou me referindo aos Manjacos que mantêm uma ligação com o sistema tradicional de sua etnia, pois é visto que em Bissau ou em outras cidades do país, existem Manjacos que não possuem mais nenhuma ligação com a cultura tradicional da etnia. Eles, até mesmo, nem aprenderam a língua manjaca e se comunicam em crioulo ou português. Este fenômeno não é exclusivo dos Manjacos, a perda de ligação com a cultura tradicional das etnias é uma questão que afeta todos os grupos étnicos de Guiné-Bissau.

ocidente. Sua maneira de postular organização social é bem verticalizada, o número de autoridades nesta etnia chega a ser engraçado de tão elevado. A opção portuguesa, é claro, não foi inconsciente. Eles tinham interlocução com os Manjacos e sabiam que seria mais fácil operar nesta região, do que em outras onde os grupos étnicos eram organizados de modo horizontal. O sucesso de Canchungo como centro administrativo perdura até hoje, sem dúvida, a boa relação entre portugueses e Manjacos no século 20 foi ponto determinante.

É neste contexto que surge a possibilidade, não só da Campada Maria existir, como também de outras vilas da mesma natureza emergirem. O fato é que a vila fica a mais de 110 km da cidade de Canchungo, aparentemente a ligação entre um lugar e outro não está evidente. Mas, depois de entender como é feita a definição de núcleo familiar dentro da etnia Manjaca, a ligação entre a Campada Maria e Canchungo ficará clara.

Para início de conversa é preciso salientar que a elaboração de núcleo familiar no grupo étnico Manjaco é diferente da definição mais utilizada no Brasil, por exemplo. A cultura brasileira, em geral, costuma definir núcleo familiar como parentes que vivem sob o mesmo teto. Isso não impede ramificações de parentesco outras. Mas, dentro de tal definição, estes outros parentes já não constituem o núcleo familiar – inclusive, são limitados juridicamente. Para os Manjacos, núcleo familiar é concebido de maneira diversa. Os membros deste grupo étnico, principalmente os que vivem em tabancas, entendem núcleo familiar a partir do conceito de *morança*. Em uma tabanca é comum, e obrigatório muitas vezes, que pessoas de uma mesma linhagem façam suas casas próximas uma das outras. Ou seja, é comum encontrar em uma vila aglomerados de casas do mesmo grupo familiar. Este conjunto de casas é denominado *morança*. Também vale salientar que não necessariamente cada casa é habitada, apenas, por pessoas que são filhas de um mesmo homem, por exemplo. A divisão costuma ser diferente, em uma *morança* pode existir a casa das mulheres, a casa dos rapazes, a casa das crianças, e por último, a casa do chefe. Logo, para os Manjacos, o núcleo familiar está ligado ao total de membros de uma *morança*, não apenas aos moradores de uma única casa.

Em uma *morança* na vila de Canchungo nasceu Namoante Gomes, sua neta Ana Gomes (moradora da Campada Maria) me contou a história dele.²⁵ O pai de Namoante,

²⁵ Relato anotado em caderno no dia 22/04/2019.

Allas Gomes²⁶, era um jovem líder Manjaco que ficou muito rico com a chegada das instalações portuguesas, no século 19, ao pequeno vilarejo de Canchungo. Segundo ela, este prestígio rendeu para Allas poder e influência sobre portugueses e Manjacos. Namoante foi um dos últimos filhos de Allas, quando ele nasceu o pai já ocupava o maior lugar da hierarquia na etnia, tornou-se o rei²⁷ Manjaco da cidade de Canchungo.

Ana disse que durante a infância Namoante teve uma vida de privilégios, nunca sentiu falta de nada. Não passou fome e podia comprar qualquer coisa que quisesse, andava livremente em Canchungo sem ser importunado por ninguém. Todos sabiam a importância e o poder de Allas, seus descendentes eram intocáveis, inclusive para os portugueses. O avô lhe contou que os colonizadores tinham muito respeito pelos descendentes de Allas, pois o trabalho do rei Manjaco não era só garantir uma interlocução entre portugueses e o povo local, era garantir também proteção e repelir outros grupos étnicos que viviam em regiões próximas.

Não se consegue tremendo êxito sem alianças e Allas precisou fazer muitas. Segundo Ana, era costume entre os Manjacos antigos que viviam em tabancas selar alianças por meio de casamentos. Allas casou com 16 mulheres, sua morança tinha o impressionante número de 22 casas divididas em 3 núcleos diferentes. Ou seja, apesar de numerosa, a morança não era um único aglomerado de casas. As 22 casas eram divididas em 3 pontos de Canchungo. Ana não soube dizer ao certo quantas pessoas viviam nessa morança, mas presume que o número seja bem alto.

Uma reflexão apressada pode concluir que mesmo com um número de descendentes elevado, Allas, poderia facilmente deixar uma parte de seu domínio para cada filho e filha. Entretanto, não é assim que funciona, na maioria das vezes, o sistema

²⁶ Era comum dentro do império português ceder, dar de presente, sobrenomes aos nativos assimilados ou considerados de grande valia. Gomes não era o sobrenome que Allas recebeu ao nascer, ele adotou o sobrenome português depois de aliar-se aos colonizadores. Busquei pesquisar qual era o sobrenome de Allas antes de sua aliança com os portugueses, mas ninguém da família de Namoante, nem ninguém na cidade de Canchungo soube me informar. Também não encontrei documentos daquela época, a única coisa que tenho são os relatos.

²⁷ Quanto escutei o termo *rei* pela primeira vez, achei que fosse algo exclusivo, somente uma pessoa poderia ocupar tal lugar, mas depois descobri que existem muitos reis Manjacos. Ainda assim, não é algo fácil de conseguir, o único meio de obter o título é acumular dinheiro e poder. Pude conhecer muitas pessoas da dita realeza Manjaca, quase todos fazem questão de ostentar seus privilégios. Um fato curioso aconteceu em fevereiro de 2020 na cidade de Florianópolis, quando um amigo guineense me levou até a festa de um rico de Guiné-Bissau, uma espécie de Chiquinho Scarpa guineense. Posteriormente conheci o pai dele em Bissau. O homem, já idoso, não hesitou em se apresentar como um rei da etnia Manjaco com negócios na Guiné-Bissau e no Senegal.

de morança. A organização Manjaca antiga orientava o sistema de morança a partir de uma diretriz básica, não deveria haver divisão significativa da propriedade. Caso Allas pudesse dividir suas propriedades entre os herdeiros, estaria não só promovendo uma divisão importante de seu domínio, mas também acabando com ele, tendo em vista que seriam muitas pessoas para dividir suas propriedades.

A prática comum nesses casos (mesmo no século 21) é eleger um herdeiro único. Uma pessoa que ficará responsável pelos cuidados e administração do patrimônio depois que o rei morrer. Essa pessoa, todavia, não tem o direito de impedir o acesso dos demais herdeiros do rei ao trabalho da morança. Uma filha ou filho de um latifundiário de caju, por exemplo, tem o direito de tirar seu sustento da horta até o fim da vida, desde que respeite as regras²⁸ de trabalho da morança e a palavra final do herdeiro escolhido pelo antigo líder.

Ana conta que Namoante não tinha nenhuma chance de tornar-se o sucessor de Allas. Era tido como inexperiente quando comparado aos outros irmãos, afinal de contas era muito jovem. E depois, Allas não escondia sua preferência por outros filhos. Segundo Ana, Namoante sabia que no momento em que Allas morresse seus privilégios acabariam. A boa vida da infância e adolescência ia se transformar em uma vida de trabalho, onde a morança ia ganhar muito e ele nem tanto.

Paralelo a isso, Namoante conheceu uma jovem Manjaco de nome Maria. Ana não soube me dar detalhes sobre o amor deles, nem como decidiram se casar. O fato é que se casaram e foram viver na morança de Allas. Naquela época o líder Manjaco estava com idade avançada, quase 80 anos, e começava a escolher seu sucessor, e também a nomear alguns filhos que seriam considerados importantes no clã. Namoante ficou de fora. Caso decidisse continuar na morança, ele e Maria teriam uma vida de conforto, mas nunca seriam líderes ou nomes de destaque no local. Segundo Ana, nessa época um parente íntimo de Maria que vivia em uma vila próxima da cidade de São Domingos (tabanca de Nhataba) morreu. Namoante e Maria foram para a cerimônia fúnebre e se encantaram

²⁸ Tais regras variam. O responsável pela morança não pode ser excessivamente severo na criação delas, nem pouco cuidadoso, pois são essas regras que fazem a manutenção do convívio social entre os membros da morança. Para ficar claro vou dar um exemplo. Durante a colheita do caju o trabalho na morança é dividido da seguinte maneira, durante 5 dias da semana os membros da morança vão colher caju e destinar o dinheiro para o núcleo familiar, nos outros 2 dias da semana, eles vão colher caju e ficar com o dinheiro para gastos pessoais deles. Ou seja, todo o dinheiro arrecadado durante os 5 dias da morança, será empregado pelo chefe na compra de comida, tratamento médico de emergência e melhorias nas casas e hortas (é daqui que sai, também, o sustento do chefe da morança). O dinheiro arrecadado nos 2 dias livres para os membros será gasto como cada um achar adequado.

pela região. O avô contou para Ana que não haviam tantos portugueses no interior do extremo norte do país, por consequência, também não existiam nativos tão poderosos quanto Allas. Isso fazia da região um lugar de liberdade, a falta de líderes poderosos nas proximidades de São Domingos conquistou Namoante. Maria vendo a felicidade do marido propôs que ambos ficassem em Nhataba e não voltassem para Chanchungo. Namoante não aceitou, pois mesmo que não voltassem para Chanchungo e não se submetessem ao ordenamento da morança de Allas, ainda teriam que seguir as regras da morança da família de Maria em Nhataba. Ana fala que o casal encontrou uma solução intermediária. Continuaram os laços com a família de Maria em Nhataba, mas construíram uma nova casa em outro lugar. A casa ficava fora da tabanca de Nhataba, mas não muito distante de lá.

Assim, Namoante pôde continuar os laços com sua etnia e conquistar a liberdade que sempre desejou. Em termos práticos isso significa que ele continuou trabalhando com os Manjacos de Nhataba – principalmente na bolanha²⁹ de arroz. Por outro lado, ao construir sua casa em uma distância relevante da vila (onde havia apenas floresta) acabou, automaticamente, fundando sua própria morança.



Na imagem anterior é possível ver a bolanha de arroz na qual Namoante trabalhou a vida inteira. O campo fica na exata divisão entre os domínios de Nhataba e os domínios

²⁹ Bolanha é o nome dado em crioulo guineense ao campo de cultivo de arroz.

da Campada Maria. As duas crianças que estão na fotografia são trinetos de Namoante e Maria, o menino que está mais próximo da câmera chama-se Bonifácio, e o outro mais distante chama-se Papis. Na imagem também é possível ver uma árvore grande, o nome da espécie da árvore em crioulo guineense é cabaceira. É a única espécie de Baobá nativa da região continental da África – as outras espécies são nativas da ilha de Madagascar. Dizem que este exemplar de cabaceira existe desde antes da fundação da Campada Maria.

Voltando à narrativa anterior.

A ideia de Namoante e Maria fez muito sucesso, logo outras pessoas do grupo étnico Manjaco fizeram o mesmo. Construíram suas casas próximo da morança de Namoantes, pois a localização era boa: suficientemente longe da estrada, e próxima o bastante de Nhataba. O casal acabou exercendo o papel de liderança perante estas famílias, e segundo Ana, depois de 15 anos da chegada de Maria e Namoante o local já era considerado uma vila de famílias. O aglomerado de casas ficou conhecido como Campada Namoante.

Posteriormente a Campada Namoante foi reconhecida pelo governo colonial como tabanca do setor do Cacheu. Após a independência de Guiné-Bissau, o governo guineense mapeou as principais tabancas e sinalizou cada uma delas. Na entrada da Campada foi erguida uma placa:



Precisei retirar um fotograma do documentário *Campada Maria*³⁰ de 2018 onde é possível ver a placa colocada pelo governo de Guiné-Bissau, já que infelizmente a placa não existe mais, o ar salobro e as fortes chuvas da estação chuvosa destruíram-na.

Apesar de oficialmente o nome do lugar ser Campada Namoante, a tabanca não é chamada assim há muito tempo. A vila é conhecida como Campada Maria, ninguém mais fala Campada Namoante. No mesmo documentário de 2018 há um depoimento de Mana³¹ Fina Gomes sobre o motivo da troca de nomes. Ela fala o seguinte:

Um homem que morou aqui, um senhor Manjaco, foi o primeiro a chegar aqui. Ele se chamava Namoante. Namoante é o nome do homem que fundou este lugar, um Manjaco. E sua mulher chamava-se Maria. E a Maria... Como posso dizer? Digamos que eu estou aqui e meu marido está ali conversando. Ela era mais falante que o marido. E ela estava sempre com as pessoas do vilarejo... trabalhando, se comunicando, interagindo. Como posso dizer? A mulher tinha voz no vilarejo. Sentava com as pessoas, se divertia. E o homem sempre ficava calado, isolado. Então, logo se popularizou o nome da mulher. Foi assim que começamos a chamar Campada Maria. Mas o homem que fundou esta comunidade tinha o nome de Namoante, assim como está na placa.³²

Existem variações da narrativa sobre Namoante ter fundado a Campada Maria, existem também narrativas que excluem, totalmente, Namoante da fundação da Campada Maria. A questão é que não há provas inegáveis sobre nenhuma destas versões. Eu como narrador preferi transcrever a narrativa que tem Namoante como fundador da campada. Fiz a escolha a partir de 2 pontos, a narrativa que assume Namoante como fundador da Campada Maria é a mais aceita pelos membros da comunidade, e também é a mais aceita pelas autoridades do país. Independente de versões existe um fato. Namoante e Maria não eram os únicos descontentes com o aumento do poder português no interior do país. O fenômeno migratório gerado por tal descontentamento aconteceu em toda Guiné-Bissau, muita gente não queria depender do poder português ou de nativos assimilados. Diversas vilas, como a Campada Maria, nasceram no início do século 20 fundadas por guineenses que não estavam satisfeitos com os rumos da região

³⁰ CAMPADA MARIA. Direção de Danilo Dias de Freitas. Campinas: Metrô filmes, (2018). Vídeo (102 min.).

³¹ Palavra do crioulo guineense que quer dizer “mãe” em português. Costumo usar esta palavra para me dirigir a Fina Gomes, pois tenho um enorme carinho por sua família, além disso, somos vizinhos quando estou na Campada Maria. Ela foi uma das primeiras pessoas a incentivar minha permanência na tabanca.

³² CAMPADA MARIA. Direção de Danilo Dias de Freitas. Campinas: Metrô filmes, (2018). Vídeo, minutos 23-24. O depoimento de Fina foi dado em crioulo guineense e posteriormente traduzido por Silvino Santos a pedido da produção do filme.



O narrador



Na ânsia de escrever sobre uma experiência recente é possível encontrar vestígios de uma subjetividade em construção, mudanças de postura ocasionadas pela experiência e o frescor do momento em que as crenças pessoais ainda não haviam dado um veredito sobre o que aconteceu. Por outro lado, não esperar a digestão da experiência pode causar uma série de desacertos, a perseguição de rastros desproporcionais leva a uma espécie de limbo emocional. Onde são aceitas apenas percepções que confirmem uma reflexão unilateral da experiência.

Sinto meu relato sobre minha vida em Guiné-Bissau orbitando esta dualidade. Em alguns momentos estou falando de uma construção de subjetividade que não é refém, excessivamente, de dogmas. Em outros momentos, estou completamente preso em um limbo onde existe, somente, meu veredito. Não estou falando isso para que você simpatize ou se oponha ao narrador, mas para que perceba a existência de ruído no discurso e realize sua própria leitura.

Para entender melhor o que estou falando, é importante examinar o parágrafo chave, a primeira coisa que escrevi sobre a Campada Maria:

A primeira vez em que estive em Guiné-Bissau foi no começo de 2018, o motivo da viagem era trabalho. Havia sido convidado para ser diretor de fotografia de um longa-metragem que buscava investigar, e também refletir, como é a vida dos guineenses que vivem em uma vila no interior do país chamada de Campada Maria.

A equipe do filme queria entender os processos de irrigação e a escassez de alimentos. A rotina de trabalho correu bem, à medida que o cronograma de filmagem era vencido, nosso tempo livre aumentava. Nas horas vagas me empenhei na tentativa de conhecer melhor a população local. A investida por uma interação menos óbvia proporcionou um convívio de relativa confiança, longe das câmeras pude ouvir e ver detalhes que ainda escapavam dos meus companheiros de viagem. Nasceu uma amizade inesperada, não tinha ido para criar laços, muito pelo contrário.³³

É engraçado, pois o texto aparenta ter sido escrito em um futuro *distante*. Ali eu me refiro ao ano de 2018 como se ele estivesse *passado*. Todavia, não. O texto foi escrito um mês depois da minha chegada em Guiné-Bissau. Era março de 2018. Fiz o parágrafo imaginando que poderia, um dia, ter interesse em refletir sobre a experiência. Estava certo, depois acabei escrevendo mais sobre ela. Quando o texto surgiu, não tinha ideia de que existia a dualidade que comentei antes. Obviamente, minhas palavras tornaram-se anacrônicas pouco tempo depois. Não existe como fugir de uma ressignificação, a relação com a Campada Maria é mutável, nunca fica estática.

Penso que o parágrafo continua sendo importante. Ele introduz um sujeito que pensava ter muitas certezas, mas que, ao escrever aquelas palavras, em sua cabeça um veredito garantido, acaba caminhando para o incerto. Pois, ao voltar para o Brasil, o narrador (eu) vê suas certezas desabando de maneira sistemática. Até que um dia, a falta de repertório para lidar com o choque da volta provoca minha implosão. Foi nesse momento que surgiu minha primeira lacuna importante. Eu não era mais o sujeito completo que supunha ser. A relação com as pessoas da Campada marcou minha vida, a fricção com a cultura guineense virou necessidade. Não conseguia mais viver como antes, sequer gostava de imaginar um mundo sem aquela ligação. Estava feito, não tinha como negar o caminho que se abria. Ao mesmo tempo, busquei evitar qualquer esforço desesperado por assimilar a cultura de Guiné-Bissau, minha relação seria uma experiência com potência de transformação, enquanto reconhecesse a incompletude do meu conhecimento sobre o lugar. Eu nunca iria conhecer *tudo* sobre Guiné-Bissau. Em silêncio pelos espaços de uma vida morna pensei no meu futuro – o desconhecido era a melhor matéria prima naquele momento. Apegado aos semblantes que não saíam da minha cabeça decidi continuar. Em julho de 2018, menos de 2 meses após o retorno para o Brasil, fundei junto com alguns brasileiros e guineenses um projeto de pesquisa: *Projeto de Ajuda Anônima em Guiné-Bissau*.

³³ Rascunho produzido durante a 1ª viagem à Guiné-Bissau.

Nosso trabalho consiste no envio de comida, medicamentos, bolsas de estudos para o interior do país, e também a realização de pesquisas sobre a realidade guineense. Conseguimos operar diariamente, e o quadro de colaboradores é preenchido, em sua maioria, por jovens que vivem no interior do país. As atividades do projeto estão concentradas na região norte, a base principal, por questão de afinidade fica na Campada Maria. As campanhas são mensais, organizadas e pensadas em conjunto com os moradores. Felizmente contamos com um grande número de doadoras e doadores em diversos países.

Relendo o primeiro parágrafo que escrevi sobre a Campada é possível notar, para além da falsa certeza, certa soberba. No texto não há nenhum pudor em definir a relação dos meus ex-colegas de equipe com a Guiné-Bissau como rasa, óbvia e dependente do aparato cinematográfico. Ou seja, eu via neles o comportamento ocidental turístico, quase uma espécie de colonialismo de extração. Retiram o que querem, nesse caso imagens e sons, e voltam para sua terra comercializar. Acreditava que em minhas pretensões, as mesmas que acabaram gerando o *Projeto de Ajuda Anônima em Guiné-Bissau* meses depois, encontraria todas as respostas. Imenso engano. Apesar de considerar, ainda, muitas das atitudes³⁴ de meus ex-colegas de filme problemáticas, não considero mais o meu caminho como *ideal*. Em poucos meses de projeto, a experiência na África demonstrou que minha ilusão de que seria possível construir um mundo pacífico, perfeito, onde todos fossem iguais é inalcançável.

Paralelamente a construção de obras importantes – atendimento médico constante, disponibilidade de medicamentos nas tabancas e diversas pessoas formadas na graduação – estamos igualmente produzindo um grande número de interferências. As principais delas são a interposição entre culturas e a diferenciação entre famílias. Acredito que em ambos os fatores estão os piores efeitos colaterais de iniciativas que lidam com a tentativa de combater a pobreza. Por não conseguirmos dar conta de todas as pessoas, acabamos criando ilhas de diferenciação. Assumo que é fácil perceber os efeitos colaterais de nossas atividades, mas não vejo perspectiva de conseguir acabar com eles tão cedo. Logo, a decisão de tocar um projeto do gênero não é recompensadora como muitos dizem, pelo contrário, sinto constrangimento e cansaço quase sempre. Há 5 anos faço isso, e todos os

³⁴ Mais adiante, no ensaio *Anser e Dansi*, pretendo falar sobre quais tipos de atitudes me pareceriam problemáticas e ainda parecem. Porém, não quero fixar um comentário exclusivo sobre a equipe do filme citada, mas sim, sobre um comportamento geral que muitos estrangeiros que vão até Guiné-Bissau têm.

dias penso em parar. Esta não é uma inclinação só minha, muitas pessoas que trabalham em propostas do tipo sentem o mesmo. Da minha parte posso dizer: mesmo sentindo todos os dias vontade de parar, é provável que eu nunca vá parar. A luta diária de os todos que trabalham no projeto, resistindo à tentação de parar, aliada às pequenas vitórias, movem nossas vidas.

E entre os aspectos do projeto que listei, minha principal motivação é o trabalho com as crianças. A conquista da individualidade em cada uma delas é uma forma de resistir ao aparente determinismo que acompanha a pobreza. Nosso trabalho diz que é possível fazer algo, ninguém nasce com o destino traçado. Quando uma criança começa a frequentar a escola, ou começa a receber tratamento social digno, nasce um novo mundo. A partir desses pequenos mundos, momentos fundamentais para quem quer viver uma nova história, é possível encontrar uma vida menos temporalizada, com abertura e espaço para enfrentar o determinismo social. Entretanto, todos os dias devemos buscar o abandono de visões ingênuas e patriarcais. Não acostumar-se com o rótulo de messias ajuda a minar as replicações de poder colonial, que a partir de nós mesmos estão sempre querendo tomar controle das atividades.

* * *

Quando cheguei em Bissau pela primeira vez era noite, as festas do carnaval já tinham começado. Fiquei assustado com o aparente descontrole e com a escuridão proporcionada pela mínima rede elétrica. Havia muita gente na rua, e o carro precisou abrir caminho por entre as pessoas. Em certo momento houve um desconforto da parte do motorista, a multidão não queria se mover, e ele começou a gritar ameaças contra os pedestres – o homem possivelmente estava num turno de mais de 24 horas, sem previsão para acabar. Aquela primeira impressão ficou na minha cabeça de maneira bem desagradável. Nunca tinha visto ou tido experiência similar. Veio logo na memória a fala de um português dita antes de o avião pousar em Bissau: *existem lugares mais pobres que Guiné-Bissau, são infernos piores*. Não esqueço que meu desejo era fugir daquele país no mesmo segundo, talvez uma soma de surpresa, medo e cansaço da viagem. O fato é que não fugi, nem poderia, estava contratado para realizar o filme. No meio de todas as impressões, falta de referência e o barulho que vinha de fora do carro, percebi que para sobreviver com uma saúde mental satisfatória era necessário criar uma estratégia.

No meio da movimentada Bissau lembrei de um conselho. Certa vez, em uma conversa, o diretor Andrea Tonacci me disse que quando chegou na aldeia dos índios Timbira para filmar *Conversas no Maranhão*³⁵, deixou o equipamento de filmagem um mês parado nas caixas. Isso servia para familiarizar os índios com a equipe do filme, e também para amadurecer sua visão do lugar até o desejo de filmar ser realmente incontrollável. Explicou que ao deixar os equipamentos parados, igualmente estava deixando parada a necessidade de produção em um ritmo urbano.

Acatei a posição de Tonacci como ética pessoal. Quando chegava na Campada Maria para rodar o filme, trabalhava normalmente e buscava não levantar nenhum tipo de expectativa, muito menos lembrar que havia levado minha câmera fotográfica pessoal. Nesse casulo fiquei por 2 semanas. Porém, o desejo de tentar enxergar imagens fotográficas do lugar fez com que eu saísse. Acredito que comecei a fotografar no momento em que acatei o interesse pela experiência. Buscando um papel menos predatório, não queria sair capturando um monte de imagens só pelo fato delas trazerem lucro em minha sociedade. Quase toda investida ocidental sobre terras de fora é um discurso em que o falante ambiciona justificar sua própria realidade; tentando enxergar nas figuras – os outros – um passado sombrio da humanidade. O olhar ocidental costuma ser uma tradução exagerada da ideia de que existe um homem superior. É de se esperar que o encontro deste olhar com outras formas (desconhecidas) de cultura traga para si uma ideia de supremacia. Ao pensar nisso, desejei usar outro caminho, se possível nem lembrar de prerrogativas do ocidente.

É claro que não consegui, o dualismo ocidental é peça chave na formação da minha personalidade. Logo entendi que o problema eram os olhos do fotógrafo. Mesmo que afiados, eram afiados na direção de uma construção narrativa ensimesmada. Independente de qual fosse a imagem, Marcelo brilharia no centro. Talvez se evitasse a ideia de congelar a realidade, eu poderia assumir as fotografias em uma perspectiva menos refém do tempo cronológico. Como resultado, era preciso admitir que eu não sabia o que estava fazendo, devia ignorar qualquer impulso para realizar uma série de imagens homogêneas. Durante esta confusão, completamente dividido entre certezas estéticas e uma queda de convicções, percebi que tinha obrigação de reconhecer a fricção do

³⁵ Cf. *CONVERSAS no Maranhão*. Direção de Andrea Tonacci. São Paulo: Extremart, (1977 – 83). 16mm (116 min.).

retratista. Entender que meu processo fotográfico deveria carregar incerteza e quase nunca seguir um caminho único.



O nome da menina na imagem é Wilba³⁶. Este retrato e a história que o circunda são um marco na minha vida. Posso dizer que tal imagem é uma consequência de um período importante. Inclusive, acho que esta fotografia é o registro exato do meu nascimento como fotógrafo.

O trabalho no longa-metragem acabava por volta das 17h, viajávamos cerca de 20 minutos até a cidade mais próxima da Campada Maria, São Domingos. Lá ficava nossa base. Para aproveitar o resto de sol e o tempo livre, eu gostava de jogar futebol com as crianças do bairro, simplesmente *djumbai*³⁷. Formava um time com 2 crianças, Wilba e Mamadu. Nunca fizemos contagem de gols, mas do jeito que Mamadu era craque, com certeza ganhávamos quase todas.

A proximidade com as crianças, somada ao fato de estarmos todos os dias saindo e entrando na cidade, despertou a curiosidade dos adultos. O pai de Wilba, Ibrahima, passou a me convidar para o chá, gostava de saber curiosidades do Brasil. Dizia que os brasileiros eram mais fortes e bonitos porque comiam batatas. Eu ponderava o máximo

³⁶ O modo correto de pronúncia é Uilba.

³⁷ Ver nota 20.

que podia, apelava para estatísticas ou piadas dizendo as piores barbaridades sobre batatas. Não havia jeito. Era uma certeza absoluta do homem, que não contente me atacava: *notei que você é meio fraquinho, se não gosta de batatas deve ser de algum daqueles países pequenos que ficam rodeando o Brasil*³⁸. Nunca vou esquecer dessa afirmação. Ibrahima também tinha a mania de usar palavras no diminutivo. Era uma forma de, segundo ele, imitar como os falantes do português brasileiro se expressam. Dizia que sempre usamos no final de tudo o sufixo “inho”. Seu conhecimento da língua portuguesa era relativamente alto, pois como negociante tinha contatos diários com estrangeiros.

Fora a estranha e irremediável discordância sobre a importância da batata, tivemos (e ainda temos) uma ótima relação. Vindo do Mali, Ibrahima se estabeleceu em São Domingos junto com a família adotiva. Todos eram comerciantes. Ajudou na loja e na casa até conseguir dinheiro para abrir o próprio negócio. Mais tarde, depois de muitos anos, abriu sua primeira loja. Em uma década conseguiu abrir 3 lojas. Dizia que sua devoção ao Islã o transformou em figura proeminente na mesquita de São Domingos. Vendo meu interesse, contou muitos detalhes da doutrina Islâmica. Fez tudo isso com muita paciência e nunca questionou qual era minha religião.

Quando comecei a digerir minha relação com Ibrahima e sua família, entendi pela primeira vez que minha experiência em Guiné-Bissau estava se aprofundando. O contato, por mais recente que fosse, tinha traços de intimidade. Era uma situação construída com base na inquietação e interesse de ambos os lados. As pessoas começavam a me buscar, não precisava mais ficar planejando encontros forçados. Até que um dia fui à casa de Ibrahima para tomar chá e fiz o retrato de Wilba consciente destas coisas. Estava escolhendo um caminho sem volta, eu não seria mais o mesmo. A partir dali minha vida como artista ia depender de muito mais disposição e empenho (inclusive técnico) do que sequer imaginei antes.

* * *

³⁸ A tradução da frase de Ibrahima para o crioulo guineense é igualmente graciosa, por isso resolvi transcrever ela aqui: *N,nota kuma abo i metade fraco, si bu ka misti batatas bu dibidi sedu utrus djintis di kil paisés pikininos ki fika a volta di Brasil*. Tradução de Cláudio Alvez.

Em *Mitologias* Barthes expõe, em um relevante número de fragmentos, a condição do retratista contemporâneo como alguém que está a todo momento sendo colocado contra a parede: tendo que optar pela excessiva narração dentro de uma ideia de *realismo* que gera incorporações do mito humanista³⁹ (e o conseqüente anestesiamento de si como criador), ou pelo arranjo de uma vida perigosa, onde o enquadramento não colabora com esta ideia. Sobre uma exposição de fotos-choque no Museu de Orsay, Barthes diz:

A maior parte das fotografias aqui reunidas para chocar o público não produzem o menor efeito sobre nós, porque precisamente o fotógrafo substitui-se-nos larga e excessivamente na formação do seu tema: quase sempre elaborou de forma exagerada o horror que nos propõe, acrescentando ao fato, através de contrastes ou aproximações, a linguagem tradicional do horror; um deles por exemplo coloca lado a lado uma multidão de soldados e um campo coberto de cabeças de mortos; um outro, apresenta-nos um jovem militar olhando um esqueleto; um outro enfim, foca uma coluna de condenados ou de prisioneiros no momento em que se cruzam com um rebanho de carneiros. Ora, nenhuma destas fotografias, excessivamente hábeis, nos atinge. É que perante elas ficamos despossuídos da nossa capacidade de julgamento: alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós; o fotógrafo não nos deixou nada – a não ser um simples direito de uma aprovação intelectual: só estamos ligados a essas imagens por um interesse técnico; carregadas de sobre-indicações pelo próprio artista, para nós não tem história, não podemos *inventar* o nosso acolhimento a essa comida sintética já perfeitamente assimilada pelo seu criador.

[...]

A maior parte das fotos-choque que nos mostraram são falsas, porque precisamente escolheram um estado intermediário entre o fato literal e o fato majorado: intencionais demais para serem fotografia e excessivamente exatas para serem pinturas, falta-lhes simultaneamente o escândalo da literalidade e a verdade da arte: o erro foi querer transformá-las em signos puros, sem consentir em proporcionar pelo menos a esses signos a ambigüidade, a distanciação de uma espessura. É lógico, portanto, que as únicas fotos-choque da exposição (cuja intenção permanece louvável) sejam precisamente as fotografias de agência, onde o fato surpreendido explode na sua natureza obtusa. Os fuzilados guatemaltecos, a dor da noiva de Aduan Malki, o sírio assassinado, a matraca, levantada do policial, estas imagens espantam porque parecem à primeira vista estranhas, calmas mesmo, inferiores à respectiva lenda: estão diminuídas visualmente, desprovidas desse *nume* que os pintores de composição não deixariam de lhes ter acrescentado (e com razão visto tratar-se de pintura). Simultaneamente privado do seu canto e da sua explicação, o *natural* destas imagens obriga o espectador a uma interrogação violenta, induzindo-o na via de um julgamento que ele elabora por si mesmo, sem que o embarace a presença demiúrga

³⁹ Ao falar de mito humanista necessariamente se está falando de um discurso que fica alicerçado na reflexão sobre o homem do ocidente como figura central no tempo. O homem do humanismo é um ser racional que vive contido dentro de um conceito de história baseado no tempo cronológico, fixo em seu repertório de espécie, evolui em direção ao futuro e a perfeição. O mito do humanismo realiza-se na definição de uma perspectiva educacional, onde o homem obtém conhecimento suficiente para identificar seu trajeto – em retrospecto – como um caminho hereditário, divino, e fora da natureza. Recomendo o debate criado por Peter Sloterdijk, em *Regras para o parque humano*, quando responde a *Carta sobre o humanismo* de Martin Heidegger.

do fotógrafo. Temos, pois, claramente a catarse crítica exigida por Brecht, e já não uma purga emotiva, como no caso da pintura temática: aqui encontramos talvez as duas categorias do épico e do trágico. A fotografia literal apresenta-nos o escândalo do horror, não o horror propriamente dito.⁴⁰

Este narrador que Barthes problematiza não está necessariamente na clareza da tomada de posição, ele está muito mais relacionado ao modo de criar funcionalidade discursiva. A partir do trecho é possível concluir que a manifestação do mito humanista na fotografia não acontece simplesmente na tomada de posição política, ela acontece na forma em que a técnica encara a narrativa. Aqui está meu ponto junto com Barthes: a desconfiança. A técnica quando não problematiza a sua estrutura, tem muita chance de tornar-se uma atividade que tranca a mudança da forma estética. Indo na direção de incorporar uma autoridade, formal, supostamente inquestionável – também imutável. Trazendo para si, independente do lado político, a impossibilidade de uma reflexão histórica. Esta escolha promove uma hierarquia que está baseada na exagerada significação moral dos elementos. Quando o retratista coloca a técnica como função fechada de um discurso pronto, está soterrando, junto com o excesso de significação moral, qualquer possibilidade de a imagem existir como potência do aberto (como forma a ser descoberta e ressignificada).

Quando resolvi citar o primeiro parágrafo que escrevi na Guiné-Bissau, ou falar da minha incapacidade inicial como fotógrafo, queria chegar nesta encruzilhada. Admitir ambiguidade, mostrar que em meu próprio trabalho existem os pólos que Barthes apresenta.

No início, assim que cheguei na Campada Maria, percebi que tinha uma narrativa com muitas possibilidades. Entretanto, hoje reconheço que meu trabalho narrativo não rendia nada além de um discurso moralista e egocêntrico. Mas também sei que admitir isso é anestésico rápido. Nunca mais quero afirmar ter encontrado o caminho correto, muito pelo contrário, tenho errado quase que compulsivamente na busca de um percurso. As fotografias realizadas em Guiné-Bissau por mim nascem do atravessamento entre os tempos, da impermanência do estrangeiro, do sorriso gratuito e do medo de avião. Ainda assim, não sou completamente estrangeiro enquanto brinco com as crianças, sou outra

⁴⁰ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 67-69.

pessoa ao caminhar pela mata. É essa outra pessoa que me ajuda, faz com que eu esqueça os espaços e vislumbre minha subjetividade enquanto fotógrafo.



Esta imagem é posterior a um quase afogamento. Florença se distraiu na praia de Kambangaram, pisou em um buraco e afundou totalmente. O menino que estava próximo (aquele sem roupa ao fundo) puxou-a de volta. Eu estava conversando com minha filha mais velha, Dansi⁴¹, na areia. Assim que vi o movimento em torno de Florença, deixei a câmera na mão de Dansi e fui ver como estava a situação. Com a máquina ao seu dispor, ela achou interessante bater uma fotografia. Não sei o motivo, mas sei que foi intencional. Dansi não conhece as regras fotográficas, muito menos tem um repertório vasto sobre a técnica. Nisso, em um primeiro olhar, é possível dizer que a imagem apresenta alguns problemas, ou até mesmo que não existe uma visão fotográfica, tendo em conta que a menina afogada, foi praticamente excluída da cena, aparecendo vagamente no canto inferior direito, bem no limite da imagem.

É trivial engolir argumentos como estes. Concordar e dizer que a fotografia feita por Dansi é problemática e mal caracterizada. Fim de conversa. Porém, acredito que fotografias com tal natureza convidam o olhar para fora. São locais para afiar a visão e renovar a técnica, pensar teoria da imagem por um viés menos conformado. A forma limitada, o espaço mal construído, fazem ver a proposta de Barthes. Dansi *esqueceu* de

⁴¹ Contarei melhor sobre minhas filhas no próximo ensaio.

enquadrar a afogada, o limite do quadro ficou solto, abriu espaços para outros personagens (o menino, a garota que está em pé, o próprio horizonte de Kambangaram), que reagem ao volume da luz difusa que o fim da tarde proporciona. Ao meu ver, nenhum deles tem hierarquia definida na imagem, o que impede a existência de um discurso pronto acompanhando o imagético.

A incapacidade de Dansi em criar um veredito moral sobre a imagem concebe um conjunto de elementos desordenados que provam que não existe um discurso ideal sobre a cena. Nesta imagem, não é o veredito, mas sim, a *desordem* dos elementos que traz uma interlocução entre o enquadramento e quem vê a imagem. Os elementos não estão marcados tecnicamente de um jeito firme, ou seja, os referenciais dançam e não são reféns de uma narração única. A fotografia de Dansi instaura uma problematização importante, não somente na confrontação da infinidade de aspectos técnicos, mas também, e principalmente, sobre o papel de autoridade que historicamente a fotografia ocupa. Esta imagem sem ambição consegue ir além de uma aparência superficial moralizante. Olhando para a fotografia que minha filha fez, torna-se impossível ignorar que a tarefa de uma teoria da imagem, pensada junto com Barthes, é ocupar-se, não só das formas, mas também da experiência narrativa que faz possível a existência da técnica fotográfica.

Meu trabalho como retratista começa na adesão ao processo de reconhecer em si o indefinido. É claro que a dicotomia entre certo e errado aparece quase sempre como resposta, mas é possível driblar isso. Prefiro não acreditar que o equilíbrio, um ideal de estética, está na morte do desequilíbrio. O desequilíbrio e a incerteza estética são essenciais. Os vetores da problemática estética não devem ser apagados, a fotografia existe na disputa entre os elementos do quadro, nunca em uma prevalência absoluta. Quando disparo o obturador faço isso com dúvida, não tenho vontade de fazer imagens que tirem a indefinição. As fotografias criadas na dúvida dificultam respostas fáceis, impedem a criação de uma ideia colonizadora de estética. Por isso, escolho deixar a discordância na imagem – assim como fez Dansi – minha abalada certeza de realismo brigando com uma nova percepção cambaleante e prematura de ficcionalização. Acredito em um mundo que escapa aos dedos e se reinventa na impossibilidade de responder tudo. Busco caminhos de atravessamento e contaminação, onde laços são movimentos de transformação e nunca identidade pura.





Ó Deus, ó Deus – Grita a jovem mulher.

Ela acaba de encontrar seu marido decapitado atrás de uma colina. Com 22 anos é mãe de 3 crianças, Camnate, Fatu e Ibrahima (o mais jovem). Envolver-se com política no Mali é perigoso. A única salvação é fugir e nunca mais voltar. Encontrar outra vida, um lugar onde as crianças possam viver longe da desgraça. Na mesma noite o homem foi enterrado. Ela afirma que se depender dela as crianças nunca vão ter conhecimento do modo como o pai morreu. Amadou viveu pela causa dos camponeses, como recompensa obteve um destino violento, o resto do mundo displicentemente continuou a respirar. A colina íngreme de pedra estará na memória de sua mulher para sempre.

Os velhos da vila se reúnem, eles devem fazer vingança. Fugir não é opção honrada. O primogênito, Camnate, deve ser mandado para a brigada dos meninos, já pode segurar uma arma. Fatu viverá com a tia, será preparada para o casamento assim que menstruar pela primeira vez. Ibrahima vai continuar com a mãe até que pensem em alguma solução. O pai de Amadou está quase eufórico com a decisão. Mesmo com a desmoralização, acredita que sobre o corpo do filho será construído um império. De modo algum ele vai permitir que a questão acabe sem resposta. A lanterna em suas mãos não para de balançar, está ansioso, o sangue será cobrado.

No dia seguinte um homem de uniforme militar aparece, Camnate se despede da mãe. Iniciará, assim, sem cerimônia, com 8 anos de idade, sua carreira como soldado de milícia. A mulher segura o choro, olhos impassíveis assistem ao carro sumir com o garoto. Após o militar ter ido embora, o assunto não é Camnate, mas sim a corrente de ouro do homem e sua bota francesa. Aparentemente itens como esses são mais raros do que uma criança. Muitas pessoas repercutem o modo como o soldado se vestia. Fatu, empolgada, diz que deseja viver em Paris, casar com branco e ter um cachorrinho pequeno. A menina não foi para a França. Tampouco esperaram sua primeira menstruação. Foi mandada rapidamente para o casamento, a avó conseguiu arranjar uma cerimônia com um importante comerciante da capital, não havia como esperar. No dia da partida a criança tentou se despedir da mãe, porém a mulher sofria com febre alta por conta de alguma doença. Nem percebeu o adeus da menina. Quando levantou da cama, recuperada quase por um milagre, jurou que não haveria mais derramamento de sangue em suas crianças. Pelo menos uma ela iria salvar.

Interrompo. Pergunto para Ibrahima porque não me diz o nome da mãe, está sempre falando “ela” ou “mulher”. Responde que não sabe o nome da mãe, muito menos

dos irmãos. Conhece apenas o nome do pai, ninguém esquece um herói de guerra no Mali. Sabe o destino do irmão e da irmã, mas nunca lhe disseram como se chamavam. Inventou esses nomes muito tempo depois.

Por que não inventou um nome para sua mãe também? – pergunto.

N'ka tene coragem⁴² – responde.

A criança muito pequena logo percebe a diferença, nunca esteve na cidade. O movimento intenso de gente assusta. As motos parecem infinitas. Enquanto a mãe se reúne com um grupo de pessoas dentro da casa, Ibrahima permanece brincando com outras crianças do lado de fora, meninas desconhecidas que conversam em uma língua que ele não entende. Depois de uma hora, mãe e filho deixam a construção suntuosa. Almoçam em um restaurante, a mulher está nervosa e gentil ao mesmo tempo, poucas vezes o menino havia comido de colher. É um lugar onde a maioria dos clientes é gente branca. A mãe explica para a criança que todos aqueles brancos são fortes e bonitos, pois comem tudo o que querem. A melhor comida é a batata, na terra deles as crianças comem isso desde muito cedo, a vitamina deixa elas vigorosas. O garoto admirado apenas acena com a cabeça, a lição se mistura com a experiência de estar tomando refrigerante pela primeira vez na vida.

A suculenta carne de boi parece mentira, Ibrahima come esse tipo de comida apenas quando alguém muito importante morre. O sabor permanecerá eternamente em sua boca, não lembra o rosto da mãe, muito menos a voz, mas sempre lembra dela quando sente sabores como os daquele dia. A imagem que tinha da cidade era bem diferente, afinal de contas é um bom lugar para se viver. O instinto faz com que lamba os lábios, logo olha para a mãe com medo de repreensão. Ela acena com a cabeça e sorri. O garoto pergunta se pode comer com a mão o resto do osso, ela diz que sim. Acha estranho, em épocas normais não poderia fazer isso. A mulher está diferente. O ar do lugar está cinza, é muita fumaça. Acha bonito e divertido como aqueles brancos se comportam, todos conversam animados, é como se fossem donos de seu tempo. Ninguém pode mandar neles, comendo e fumando, cheios de dignidade. Quanto mais batatas comem, mais livres se tornam, é realmente um alimento vindo de Deus. Não há bênção maior do que um bom almoço, o pequeno intruso memorizou cada detalhe, menos o rosto da mãe.

⁴² Em uma tradução livre do crioulo guineense para o português: eu não tenho coragem. Note que Ibrahima mesmo falando português com fluência, desta vez respondeu em crioulo guineense.

Ally Diallo chega muito atrasado, pede desculpas e coloca a culpa no trânsito. Brinca um pouco com o garoto, a mãe avisa que o menino deve ir com o homem, ela vai ao mercado e depois se encontrará com eles. Ibrahima está distraído com um sorvete e concorda. O menino entra no carro. Antes que Ally entre também, a mãe afirma que mudou de ideia sobre a morte de Amadou. Quando a criança tiver idade para entender, eles devem contar sobre a morte do pai. De resto não devem contar mais nada, os nomes devem ser esquecidos, a localização da vila jamais deverá ser revelada. Ally concorda e entra no carro. A mulher vai até a esquina e se esconde; segura o choro, olhos impassíveis assistem ao carro sumir com mais um garoto. A partir desse dia o nome do menino é Ibrahima Diallo.

Ibrahima me fala que seu pai adotivo nunca lhe contou nenhum detalhe a mais. Qualquer informação adicional não poderá ser confirmada. Argumenta que, após a independência do Mali, a instabilidade tomou conta do interior, muitas vilas permaneceram em conflito entre si ou contra o poder central. Mesmo assim, não sabe bem o motivo pelo qual mataram Amadou. Também afirma ter quase certeza de que sua mãe foi punida; ninguém tem direito de quebrar um acordo de honra com os conselheiros de uma vila.

Percebendo o choque em meu rosto, o narrador tenta amenizar a situação. Diz que não devo levar tudo em alta conta, é apenas a história de um velho Fula⁴³ que em breve não aguentará com o próprio peso. Devo ter paciência e fé. Pergunta se quero mais chá. Aceito. Enquanto serve a bebida, Ibrahima conta que Ally Diallo era um homem muito severo, quando chegou em São Domingos sua infância acabou. A única coisa que o pai adotivo permitia que ele fizesse, além da escola, era trabalhar na loja da família. Acrescenta que não tem mágoa, naquele tempo as coisas eram assim, aliás, se não fosse Ally sua vida teria tomado outro rumo. O sol está muito quente, o Warga⁴⁴ quase fervendo desce cortando. Não escondo de Ibrahima minha careta. Ele acha engraçado. Diz que agora posso achar ruim, mas na próxima vez em que estiver na Guiné vou gostar de chá. Se eu aprender a tomar chá e mascar Noz-de-Cola posso até virar um Fula.

⁴³ Grupo étnico com grande abrangência em toda África Ocidental.

⁴⁴ Chá típico da África Ocidental, caracterizado por um sabor levemente amargo. Lembra um pouco o chá verde. Deve ser servido bem quente. Na região de São Domingos é costume tomar Warga após o almoço e fim de tarde.

Ibrahima me contou esta história no penúltimo dia da minha primeira viagem à Guiné-Bissau. Quando acabamos o Warga ele pediu que, no dia seguinte, antes de ir pegar o avião, eu fosse me despedir de sua família.



Esta é a última fotografia que tirei na casa de Ibrahima naquele ano. Achei que seria a última imagem que eu ia conseguir produzir em Guiné-Bissau. Não pensei que conseguiria voltar ao país. Após bater a foto me despedi de todos, foi doloroso, chorei muito. Não lembro de ter chorado tanto desde minha infância. A despedida, principalmente das crianças, me deu a impressão de que aquilo tudo que havíamos vivido juntos iria acabar. O laço não teria força, eu me tornaria mais um estrangeiro saudosista em relação à África. Talvez voltasse depois de uns 20 anos, mas no ano seguinte seria impossível. Estava desempregado no Brasil, vivendo de favores e ganhando dinheiro pingado. As crianças e duas esposas de Ibrahima também choraram. Não sei por quê, acho que por saudade ou pelo simples fato de eu estar chorando também. Ibrahima não perdeu a oportunidade de brincar. Segundo ele, eu não poderia mais me tornar um Fula de São Domingos, chorão daquele jeito e comendo apenas coisas doces, eu já havia me tornado um Balanta da Campada Maria. Foi um dia marcante. Tenho muito orgulho de ter saído de lá aos prantos, mais ainda de ter voltado no ano seguinte, também aos prantos.



Anser e Dansi



A fotografia acima retrata minha filha mais nova, Anser, dançando. Levo a imagem sempre comigo. Neste dia, logo após o almoço, ela pediu para colocar música e junto com outras crianças começou a dançar. Na hora tive vontade de fotografar o movimento do vestido, quando fiz o retrato nem imaginava que esta fotografia seria uma das únicas âncoras que poderiam firmar minha vida no futuro.

Lembro que naquele dia pela manhã Anser foi me acordar. Avisou que o professor estava doente, assim não ia ter aulas. Disse para ela dormir mais um pouco, não quis e me falou que tinha fome. Caminhamos até a padaria, ela comeu um pão grande, um pacote de bolachas e dois sucos. Eu tomei apenas uma Coca-Cola, tenho o costume de beber isso em qualquer lugar do mundo. Tomar a bebida na África me faz ter a péssima sensação de que sou um gringo, como se tivesse saído de um filme de ação, sempre usando roupas de safári e andando por aí com ar de aventureiro.

Lembro do dia quase um ano depois em plena pandemia de Covid-19. Tomo um calmante (prefiro chamar de pílula do esquecimento). A saudade é insuportável, e a perspectiva de voltar à Guiné-Bissau ainda não existe. Nunca imaginei olhar para a dança de Anser pensando em perda. A intangibilidade do que vivemos é tão concreta que evapora, é quase impossível não se revoltar ou ser fatalista em uma situação como esta.

Junto disso, eu me pego buscando a certeza de que nosso amor vai continuar igual no reencontro; tal certeza não existe. A incerteza faz ver um infinito. Sinto medo. O remédio faz efeito. Começo a pensar na segurança daquele mundo na imagem, do sentimento no dia específico em que a foto surgiu. Estávamos muito felizes em não ter nenhuma obrigação chata. Gostaria que o incerto e a tristeza fossem o contrário: uma potência da dança que está na imagem. Que nós, os de fora, tivéssemos dias previsíveis, tolos e seguros. Minha ansiedade não vai existir enquanto o remédio estiver ativo, é um estado novo, é como se estivesse mergulhado em nada. Dá vontade de rir.

A fotografia me trouxe até aqui. Pelo que lembro, nunca usei a imagem como um passatempo, tampouco fiz dela o sentido da minha vida. Quando comecei, a relação com o mundo era puramente instrumental. Sem dúvida ele estava nas imagens, mas sem protagonismo algum, existia como pano de fundo. Era algo que servia ao meu trabalho, nada além disso. Passei anos atuando em laboratórios de fotografia. A única rotina que me fazia feliz: sair para recolher imagens e depois trabalhar nelas. O que estava nos fotogramas ocupava o papel como matéria prima, naquela época eu achava que o mundo era meu servo.

Sinto que começo a desistir dos meus valores. Minhas convicções, que já eram bem pesadas, com a pandemia viraram chumbo. Estou indo na direção de um lugar que nem sei onde é, não sei se Anser vai estar lá, não há como voltar. Era um alívio ficar na praia de Kambangaram boiando enquanto as crianças brincavam com minhas câmeras, isso me afastava da autoridade. Da água via as mais velhas, na pressa de tornarem-se adultas, tentando evitar que as crianças mais novas abrissem a tampa de trás da máquina – vai estragar a foto. A experiência de um convívio prolongado na Guiné-Bissau, me ensinou que é fundamental perceber as situações encontradas em outras culturas, nunca como uma figura de um lado único, tudo é múltiplo. Não é um simples veredito formalizado em imagem que vai definir quem são essas crianças, ou qual deve ser a solução para os problemas africanos. Eu sei que elas estão conscientes do processo, sabem da distância material que separa o país entre crianças da cidade e crianças do campo, por exemplo. Não devo pressupor que vivem na inconsciência total.

O esquecimento provocado pelo calmante funciona para coisas boas e ruins. Amor é uma palavra que se perde em meio ao fluxo do medicamento, sou mais um humano embargado pela pandemia. A atitude que me dava segurança não vive longe da metafísica de sentir-se alerta, talvez meu amor por minhas filhas seja uma consequência da

racionalidade – pode ser um reflexo inconsciente que existe e vem de um moralista. Quando a pandemia acabar já não vou saber mais quem são essas crianças. No presente, aqui no Brasil, o dia aproveita para amanhecer.

Concentro-me de novo, tento driblar o medicamento. Atenção fixa e em silêncio, talvez esta seja a forma ideal de começar uma análise da fotografia. Aproximo a imagem dos meus olhos, tento sentir o tom que fica no rosto de Anser. Há muita sombra, o volume das cores está espalhado e briga com o contraste. Um filme de ISO alto, junto com uma iluminação melhor, talvez resolvesse a subexposição. A ausência do olhar dela aproximado me faz pensar, isso pode ser um enigma, um paradoxo. No momento em que criei o enquadramento, eu estava atento para o afeto, esqueci da luz. É um rosto que mal vejo. Tampouco consigo lembrar dele agora. Pode ser que a mistura de saudade e nada faça meu amor ressurgir, recriar um rosto para Anser. Trazer de volta os olhares e alguma certeza.

Leio o comentário do meu amigo Felipe:

Gosto de ver nelas a altivez do olhar. Não são olhares alegres nem tristes, parecem passar por fora dessa dicotomia (alegria/tristeza). São olhares diretos, focados, concentrados, precisos e corajosos, cara a cara com o olho da câmera, com o mundo que os olha. Muito lindo. A firmeza desses olhares parece ser o prato principal em toda a arrumação pra festa que você descreve.⁴⁵

Não consigo dormir. Amanhece de novo. Já é outro dia. O céu tem poucas nuvens, está frio, o vento dá indícios de que vai ser insistente a manhã toda. Postes cobertos por uma camada de gelo leve e crua, o vizinho com cara de mau joga água quente no para-brisa do carro. Aos poucos o ritmo das pessoas ganha força. Os primeiros sons da cidade atribuem razão cômica ao movimento do homem, suas mãos aflitas me fazem rir – ele claramente tem pressa.

Consigo pegar no sono às 11 horas da manhã, levanto da cama às 4 horas da tarde. Na Campada Maria são 7 horas da noite, começa o anoitecer:

Acordei para a mesma vida que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.

⁴⁵ Email recebido em agosto de 2020.

Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta – até essa vida...⁴⁶

* * *

Levei alguns dias para escrever o começo do ensaio. Retomo agora, meses depois.

A vida que tenho com minhas filhas é um espaço de indefinição. Desde cedo foi preciso assumir que não estamos em posições convencionais, não temos vidas convencionais, muito menos somos uma família que possa ser chamada de convencional. Para manter a sanidade tivemos que reinventar a ideia de laço, saber que proximidade física era um luxo que teríamos em alguns meses do ano, depois estaríamos longe e intermediados por um batalhão de meios tecnológicos, colaboradores e regras. Por isso, viver um amor que existe na experiência do afastamento ensinou que não é crível – nem saudável – ambicionar estar em todos os lugares ao mesmo tempo. O respiro está na materialização deste afeto. Já que existimos como família de modo anticonvencional, as emoções que carregamos podem se construir de outro jeito, desautorizar o que é definido de modo fácil pelo senso comum. Quanto mais nos embrenhamos, mais o senso de realidade absoluta treme. Nosso afeto vive no dia que Anser passou dançando. Naquele dia, o afeto apareceu como força. Mas não na forma de vingança contra o absoluto, e sim na forma de um Amor que existe para muito longe do que convencionalmente chamam de legível.

A escritora italiana, de origem somali, Igiaba Scego vive a partir deste mesmo lugar de indefinição. Boa parte do seu trabalho acontece na memória, evoca uma presença criada para tentar sentir o que significa ter nascido em um país, mas ter raiz fixa em outro lugar:

Por que aquilo me acontecia?
Sou o quê? Quem sou?
Sou negra e italiana.
Sou também somali e negra.
Então sou afro-italiana? Italo-africana? Segunda Geração?
Geração Incerta? *Meel Kale*?⁴⁷ Um estorvo?

⁴⁶ PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Organização de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 151

⁴⁷ Um outro lugar. [N.T a partir da N.A]

Negra Sarracena?⁴⁸ Negra suja?
 Não é politicamente correto chamá-la dessa forma,
 sussurra alguém da sala de roteiro. Então, como você me chamaria?
 Ok, entendi, você diria de cor. Politicamente correto, diz. Para mim, é
 humanamente insignificante.
 Qual é a cor da sua graça? Preto? Ou mais pra marronzinho?
 Canela ou chocolate? Café? Cevada⁴⁹ em xícara pequena?
 Sou uma encruzilhada, eu acho. Uma ponte, uma
 equilibrista, alguém que está sempre no limiar e nunca está.
 No fim, sou somente minha história. Sou eu e os meus pés.
 Sim, os meus pés...⁵⁰

Igiaba escreve um livro de memórias sobre a Somália, criações de uma adulta que se perdem em meio ao caos de uma infância reinventada. Narra instantes da vida que nunca *existiram*, percorre Mogadíscio em passos amortecidos de fantasma, desgarra figuras que cruzam ruas da Somália e chegam na Itália. Consegue enxergar nos cacos da realidade outro mundo. Longe da guerra civil que domina o país, sua memória *inventada* complementa o que falta para o renascimento da paz. Em um caminho de atravessamento entre narrativas, a intuição afetiva da narradora evoca a oralidade, retoma na imaginação os aspectos das lendas nômades que a mãe contava. O incerto e a falta são potências de um devir de quem acostumou-se ao contingente desenfreado, não busca disfarçar que é sua mentalidade ocidental (ela afinal de contas é italiana) que interpreta a condição de não ser totalmente ocidentalizada.

Quase sempre exposta, com olhar variante percorre uma cartografia da incerteza. Faz seu próprio mapa de Mogadíscio, um mapa que não é desenhado como os outros, seria impossível, já que seu contato com a cidade é quase nulo. Sem contar que a capital da Somália, segundo ela, é um constante renascimento de mundos jovens. Quando algum deles pensa que vai atingir a maioria, a guerra vem e mata. Igiaba propõe solucionar

⁴⁸ Sarraceno é um termo genérico que se refere aos árabes nômades e aos muçulmanos, principalmente aos que se estabeleceram na costa do Mediterrâneo centro-oriental, na Espanha e na Sicília durante a idade média cristã. [N.A]

⁴⁹ Em italiano, *orzo*, bebida feita de cevada que substitui o café e é servida em todos os bares italianos. [N.T]

⁵⁰ SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Nós. 2018. p. 28-29. O texto em italiano, língua na qual foi escrito, fica assim: Sono cosa?/Sono chi?/Sono nera e italiana./Ma sono anche somala e nera./Allora sono afroitaliana? Italoafricana? Seconda generazione?/ Incerta generazione? *Meel kale?* Un fastidio?/ Negra saracena? Sporca negra?/ Non è politicamente corretto chiamarla così./ mormora qualcuno dalla regia. Allora come mi chiameresti tu?/ Ok, ho capito, tu diresti di colore. Politicamente corretto, dici. Io lo trovo/umanamente insignificante. Quale colore di grazia? Nero? O piuttosto marroncino?/Cannella o cioccolato? Caffè? Orzo in tazza piccola?/ Sono un crocevia, mi sa. Un ponte, un'equilibrista, una che è sempre in bilico e non lo è mai./Alla fine sono solo la mia storia. Sono io e i miei piedi./ Sì, i miei piedi...

o problema por meio de arranjos entre intimidade e reflexão. Em *post-it*, cria um novo mapa, não com figuras, mas com anotações afetivas que se organizam em forma de constelação. Nesta lógica, o Estádio Olímpico de Roma é, inegavelmente, vizinho dos campos de batalha que pipocam em Mogadíscio. O mapa da autora recria, à maneira de orientação nômade, uma nova subjetividade. Longe da dureza que um mapa desenhado instauraria é possível inventar lugares, leves ou ásperos, tanto faz.

O gracioso mapa, que nada mais é do que papéis coloridos colados na parede, não congela nada. Abre um mundo que existe no tempo e não em função dele. Quando li o texto de Igiaba Scego pela primeira vez fiquei muito impressionado, achava loucura fazer um mapa de *post-it*. Tive medo: o vento pode levar esses papéis embora. Arrepiou-me a ideia de que um elemento externo pudesse ter a capacidade de levar minha subjetividade para longe dos meus olhos.

A questão colocada por Igiaba deixou aguda a percepção sobre o lugar indefinido onde o amor por minhas filhas reside. Percebo que o sujeito errante, vivendo como estrangeiro em sua própria vida, não é somente uma consequência da pandemia. Eu já era assim muito antes. Se o vento (ou qualquer ameaça) sobre os pequenos papéis que demorei tanto para conseguir colar na parede assustam, minhas lacunas não começaram em 2020.

Lembro que antes de embarcar pela primeira vez para Guiné-Bissau, um amigo perguntou o que eu esperava do país. Respondi que esperava uma realidade terrível. Agora, enquanto escrevo – sou sincero ao dizer que nunca tinha pensado nisso antes – começo a ver que o termo *terrível* ainda faz parte da minha percepção. O medo do vento é um sintoma do *terrível*; o próprio termo, *terrível*, nada mais é que uma imagem opaca da total falta de controle.

Precisei do Covid-19 para entender que amor não é controle, muito menos um sentimento contínuo de firmeza. Os dias que vivi na forma de um sujeito completamente despedaçado, entupido de remédios e descrente me fizeram considerar este amor de novo: afinal de contas ele não acabou. Acabou tudo o que eu tinha, menos o amor. Fiquei duas semanas sem ligar para as crianças e minha caixa de mensagem se encheu de chamadas diárias. Foram elas que me puxaram, o lugar que chamei de *terrível* sem conhecer foi meu resgate, as meninas com suas brincadeiras e leveza me tornam gigante; isso independe do controle.

Perceber isso foi excessivamente violento. A imagem do estrangeiro está enraizada em Igiaba, nas minhas filhas, em mim e nas pessoas que precisam encontrar subjetividade na ausência de quem amam. Que precisam encontrar pátria no silêncio e na falta. É um erro ignorar um dado pronto como este. Os tempos coexistem e transformam a incerteza no que alguns chamam de força.

* * *



Anser é a menina bem no canto direito da imagem. Usa vermelho e está com o cabelo enfeitado. Quando fiz o retrato ainda não nos conhecíamos. A fotografia foi sugestão de Isabel (a garota que faz positivo com a mão). Ela me parou e disse *branco, tira foto*. Tirei, mas com a condição de que ela não me chamasse mais de branco, e sim pelo meu nome. Desde então somos amigos. Logo, Maia (a terceira da esquerda para direita) perguntou se eu gostava de arroz, falei que muito e dei um leve tapa na barriga. Não sou extrovertido, então foram elas que deram os primeiros passos. No dia seguinte recebi convite para almoçar com a família delas. Achei uma ótima oportunidade para me livrar da companhia de alguns dos meus colegas do Brasil. O ambiente estava pesado, eu queria paz.

Muitos projetos e trabalhos com mentalidade excessivamente ocidental que são feitos em países como a Guiné-Bissau por estrangeiros costumam gerar uma carga de desgaste muito alta para os membros da equipe, e também para o povo local. Em geral, estas iniciativas esquecem de um pressuposto básico de convivência entre culturas. Quando você é estrangeiro faz-se necessário reconhecer o seu não pertencimento e buscar entender nuances da cultura local. Somados ao ruído cultural temos outros fatores: o clima, o deslocamento entre os lugares, a barreira da língua etc. É bem comum os estrangeiros sofrerem, não apenas com tais variantes, mas também com a falta de estrutura urbana para amenizá-las. Dentro deste contexto, qualquer problema pequeno vira um problemão, pois mesmo em iniciativas organizadas, e crenças de sua boa intenção, é bem possível que aconteçam algumas discordâncias entre membros da equipe, e também entre membros da equipe e a população local. No longa-metragem em que eu atuava aconteceram diversos problemas nesta linha. Na época eu não soube lidar bem, discordava de muitas decisões dos líderes da equipe. Isso me fez mal, guardei mágoa. Agora, anos depois, ocupando o cargo de coordenador em um projeto com alguma semelhança ao deles, entendo o que se passava na cabeça dos responsáveis pelas operações. Hoje penso diferente, respeito aquelas pessoas. Percebi que indiferença e profissionalismo são as únicas ferramentas que alguns têm para lidar com Guiné-Bissau.

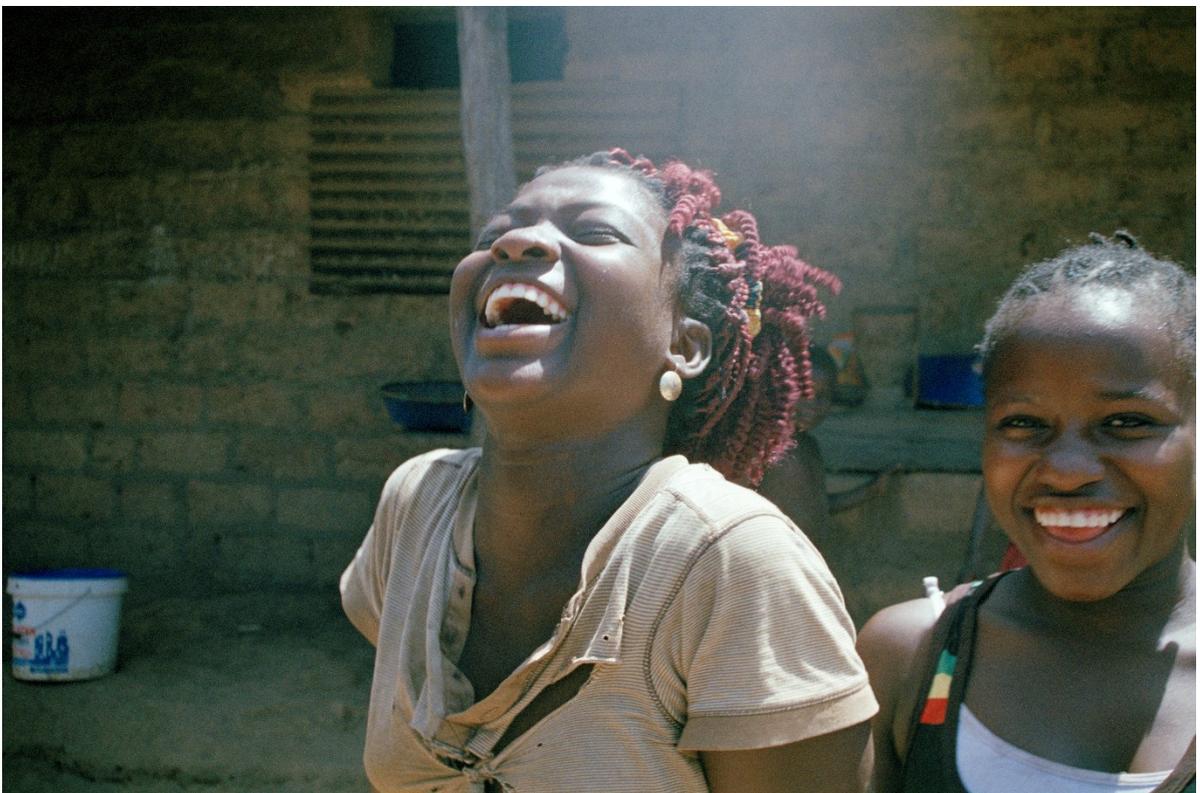
Bom, mas naquela época eu não era tolerante assim. Estava irritado e queria me livrar deles, por isso aceitei o convite de Maia. No dia do almoço o trabalho no filme se estendeu até quase 13h. Quando cheguei na casa de Maia a comida já estava pronta, não deu tempo de vê-las preparando o almoço. A minha primeira impressão da comida foi estranhamento. Estava bem apimentada e quente; peixe com arroz, usei colher para comer – até hoje uso, me alimento usando a mão só quando é alguma solenidade. Pedi para comer junto com as crianças. As mulheres me disseram que o costume quando chega uma visita importante, é afastar as crianças. Respondi que isso era muito bom, então não haveria problema elas comerem comigo. No meu país eu era a pessoa menos importante, e lá seria igual. Todas riram, comemos juntos. Não sei quantas panelas foram, cada mulher fez uma comida diferente, ao fim não aguentava mais comer.

Dias antes, um companheiro de trabalho guineense tinha me ensinado um monte de palavras na língua Balanta (etnia da família de Anser). Uma só me interessou, a palavra N'duma – que quer dizer fantasma. Aguardei o momento certo, não sabia a reação das pessoas. Chamei Isabel e simulei uma cara de preocupação, disse para ela traduzir o relato

de um fato muito assustador que tinha acontecido comigo. Em pouco tempo juntou uma roda de crianças e adultos. Quanto mais eu enrolava falando que no dia anterior tinha me perdido no mato e estava quase de noite, mais o interesse pela estória aumentava. Por fim, na ficção, ao chegar em uma horta de caju, vejo uma figura assustadora. Ela olha e fala em uma mistura de Balanta e português: sou N'duma do caju!

O conto ficou famoso na região, as pessoas se aproximavam para perguntar se eu tinha visto mesmo um N'duma. Aparentemente a vida após a morte é um tema que interessa todos os povos. A estória do fantasma do caju me ajudou na primeira viagem em 2018, foi a partir dela que passei a enxergar, um pouco, como poderia se organizar uma possível *subjetividade* Balanta. Dentro do grupo étnico dos Balantas, fazer uma narração é criar um compromisso perante todos. Porém, não um compromisso com a *verdade*. A narrativa na cultura Balanta evoca forças da ficção, e se o conto partiu de uma verdade ou de uma mentira, tanto faz. O caso é que a narração para os Balantas torna-se uma espécie de documento, algo que vai representar seu narrador perante o grupo. Este documento, sempre mutável, é um compromisso de honra de quem contou a ficção. A narração é o rosto do artífice perante a tabanca. Ao decidir, mesmo que de modo inconsciente, fazer uma narração, passei a *existir* na Campada Maria. As pessoas começaram a me enxergar como uma figura representada por um documento.

Depois disso passei a ficar somente o tempo necessário com meus colegas do Brasil. Comecei a viver um pouco mais na tabanca, assumi uma rotina semelhante à dos habitantes, me alimentando das mesmas coisas, tomando o mesmo banho. E percebendo logo de cara que a enorme assimetria entre nós nunca seria nivelada. O privilégio de poder ficar mais tempo que a maioria das pessoas externas à tabanca me fez entender algo com profundidade: minha condição de estrangeiro se modifica, mas nunca passa. Mesmo portando um RG Balanta, afinal de contas fui eu que inventei a narrativa do N'duma do caju, eu nunca vou ser um Balanta. Esta convivência baseada na disparidade e no afeto criou em mim uma subjetividade ancorada na incerteza. Reconheço que o potente do nosso espaço de relações existe na incapacidade de unir de modo completo identificação e cultura. Reconhecer na relação o impermanente e o mutável é um jeito de esquivar-se do excesso de função moral que tal relação poderia gerar na minha cabeça. Tento apenas viver meu lado Balanta. Nem por isso somos incompletos (presos em uma relação não desenvolvida), pelo contrário, viver na falta é a nossa completude. Os buracos entres culturas são preenchidos por sorrisos e vontade de estar lado a lado.



Acordo em um quarto marrom, está chovendo. Sem mexer o rosto Vitória olha para mim, sorri. O vestido está preso aos ombros, as mãos passeiam devagar. Os olhos carregam uma profundidade estabilizada, perspectiva lateral, a luz que vem da janela está sem foco, nossa relação é recente, não sei como chamar. A mulher descansa de olhos fechados, o marrom torna-se verde, é a luz da televisão que tranca o quarto. O som da chuva está forte, ela me conta empolgada como éramos no passado. Os reflexos dos movimentos combinam, estou totalmente dedicado a ela. As minhas mãos estão alinhadas com suas pernas, regulo o som em qualquer altura. A pandemia nos carregou para um mundo particular e convicto, a raridade deste mundo tem os dias contados. Sem sermão ou atitudes programadas vivemos o ápice, participamos de uma vida nossa, existindo e mais nada. Talvez ela tenha me dito *te amo* muito cedo. Um estalo: meu amor vive em outro lugar.

Um deserto ao meio-dia. Sol bem forte, sombras, algum vento. Um riacho leve cruza o espaço, é seu ruído que define a profundidade de onde se olha, este som é a base dos outros sons. O azul é maioria na tela, o sol passa entre as folhas. Areia com vento forte, folhas verdes balançam com o vento, tudo feito em um único dia. Som de vento, quase silêncio.

Vitória está em um ambiente externo e fala sobre si. Chegou de uma campanha publicitária. O rosto condensa a expressividade, roupa preta e fundo homogêneo não muito desfocado. Os reflexos dos movimentos combinam com o som quase inteiramente dedicado ao que ela diz. O quadro pode ser regulado em qualquer altura desde que a expressividade concentre-se nos olhos. Letargia. No restaurante os peixes exóticos movem-se em uma calma maciça, o alaranjado parece existir somente nos limites do aquário. Paz é um estado que vive longe do meu coração. Um nevoeiro cobre a montanha, o beijo de Vitória é leve e descontínuo.

Ficamos alguns dias sem conversar.

Ela me liga, diz que acabou de chegar em casa. Observamos o fluxo do trânsito. Sua feição combina doçura e fracasso, o fim é questão de tempo, nossas justificativas acabaram. Ninguém vai desistir de si pelo outro. A relação só foi possível na pandemia, ambos experimentamos a vida que nunca vamos ter, ela longe do luxo e das aparências, eu longe da África e da obsessão. A vida que tenho agora é uma entidade que não desgruda do meu corpo, impossível voltar ao modo de vida anterior. É uma marca que caracteriza premissas éticas. Deixo qualquer mundo ou lugar por minhas filhas, não teria que ser

assim. No fundo, Vitória é a felicidade ideal que eu nunca quis ter. Viver na classe média brasileira, casar com alguém socialmente aceitável, comer até explodir e falar besteira – viver no interior com dinheiro sobrando. Aceitar um mundo onde a atmosfera é propensa ao invariável. Todos completamente habituados ao estilo de vida que levam, ninguém pensando em abandonar ou fazer alterações de qualquer tipo. Vitória casaria comigo, ela aceitaria ter uma vida corriqueira, ser a companheira de um cara rico. Minha sexualidade colonizada diz que isso é sucesso absoluto, desconfio: e a fome?

Ela comenta que preciso sempre justificar meu amor. É verdade, pois viver quase todo tempo sozinho é viver no eco. Falo para os outros a fim de falar comigo mesmo. Grito se for preciso, eu não acredito na bênção que é ter nascido aqui. A beleza e os privilégios não me fazem esquecer as mortes de crianças, as noites em que escutei bombas caindo, a minha raiz na areia.

Vitória não ignora que isso existe, ela reconhece no meu desejo legitimidade. Ainda é pouco, tudo isso visto de longe não passa de uma fantasia bonita. Quem vive como eu vivo aprende a identificar os buracos para depois preenchê-los com imaginação, saber pautar as relações, não em identificação, mas em afeto sem coordenada e vasto. Os dias que não passei com minhas filhas se multiplicam em milhões de dias inventados onde exercitamos nosso amor.

Por isso, minha realidade não se refere somente a efetividade temporal, é também devir e potência de futuro; as imagens que invento carregam mudanças constantes, a cada novo retorno a Guiné-Bissau o espaço assume novos significados: vai ter influência direta em nosso modo de criar a narrativa do que não vivemos. É claro que é possível entender tudo o que digo como paixões juvenis, ou ilusões que crescem na cabeça de um egocêntrico. Entretanto, quem vive nesse abismo não tem tempo para se preocupar com isso, é apostar a cabeça e pronto.

Nosso amor acabou bem rápido, conforme as restrições da primeira onda da pandemia eram retiradas, eu e Vitória nos víamos cada vez menos. Depois descobri que ela me condenou por não ter insistido no relacionamento. Nunca mais conversamos, evito os lugares por onde ela passa. Escrevo junto com fotografias, como não tenho permissão de expor sua imagem, conversei com uma amiga. A próxima imagem não é de Vitória e sim da Carol. Faça isso para que o trecho não fique sem ilustração.



Jean-Luc Nancy inicia *o intruso* de tal modo:

O intruso se introduz à força, de surpresa ou por astúcia, em todo caso sem direito, sem ter sido de saída admitido. É preciso que haja o intruso no estrangeiro, sem o que ele perde sua estrangeiridade. Se ele já possui o direito de entrada e de estada, é esperado e recebido sem que nada dele fique fora de espera nem fora de acolhimento, ele não é mais o intruso, também não é mais, tampouco, o estrangeiro. Também não é logicamente aceitável nem eticamente admissível excluir toda intrusão na vida do estrangeiro.⁵¹

A posição do estrangeiro é sempre um destaque, ele é um ser que não está fixo, aparece de modo atravessado ao real sem um critério uniforme de aparecimento. O *intruso* é um evento de desequilíbrio, seu corpo ocupa inesperadamente um espaço que até então era legível. Mesmo depois de muito tempo de sua chegada ele continuará chegando na forma de interferência vinda de fora dos limites – aceitar-se como estrangeiro é reconhecer sua própria intrusão em um mundo novo. Vale ressaltar que Nancy está tratando do *intruso* como figura oposta à centralidade dos projetos de pensamento, o corpo que aparece sem avisar é um resultado da indefinição de lugar. O desconhecido que assombra e fascina é uma condição do deslocamento temporal, movimento indefinido entre chegada e partida. A impossibilidade de existir como espectro fixo no tempo transforma o *intruso* em *devenir* – de algum modo, seu movimento denuncia a disparidade entre projeto de poder e contingência. Sendo assim, a potência política do estrangeiro está na sua existência não programada; o estrangeiro participa de um mundo no qual é dispensável, não existe como necessidade interna ao conjunto do qual não é natural. Quando abdica de uma adaptação em excesso, e faz isso reconhecendo seu papel temporário, assume a intrusão como maneira de resistência política. A falta de um lugar para o estrangeiro é uma clara demonstração: a estruturação histórica convencional (do ocidente) de pertencimento não consegue dar conta de tudo.

O *intruso* comprova que a interferência é condição da vida, por isso, aceitar que o estrangeiro não cessa de chegar é o mesmo que duvidar da esquematização homogênea e da criação de um conceito de realidade que não leva a impermanência em conta. O surgimento do estrangeiro, sem nenhum tipo de alerta ou aviso, demonstra que até é possível prever a chegada do *intruso*, mas não é possível prever como ela se dará. O trajeto do *intruso* parecer ser, até mesmo, uma invenção discrepante, talvez uma insolência, mas nunca uma verdade absoluta.

⁵¹ NANCY, Jean-Luc. *O intruso*. Tradução de Priscila C. Laignier, p. 1.

Nancy revisita o texto cinco anos depois, e termina assim:

De uma maneira ou de outra, uma nova estrangeiridade tomou conta de mim. Não sei bem exatamente a título de que sobrevivi, nem se tive verdadeiramente os meios ou mesmo o direito. (“Sobreviver”, Jacques Derrida fez disso um conceito. Ele já se foi faz seis meses. Não se enxerta o pâncreas.) É claro, que esse sentimento aflora raramente e fugidamente. A maior parte do tempo, não penso nisso, assim como frequento menos o hospital (o qual, realmente, perde a familiaridade que havia adquirido). Mas, quando esse pensamento me atravessa, compreendo que não tenho mais um intruso em mim: me tornei um, é como um intruso que frequento um mundo no qual minha presença poderia bem ser por demais artificial ou muito pouco legítima.

Tal consciência não seria de forma banal aquela da minha singelíssima contingência? Será a está simplicidade que me reconduz e que me expõe, novamente, a engenhosidade técnica? Esse pensamento traz uma alegria singular.⁵²

Em suma, a proposta de Nancy é interessante a partir do momento que torna a subjetividade do *intruso* ponto de ruptura cultural; o autor tira da subjetividade todo peso excessivo com relação a uma possível dependência do *normal*. O trabalho teórico de seu pensamento demonstra que tal ruptura é impossível de ser desfeita. Simultaneamente, a situação do estrangeiro não pode significar o estabelecimento de uma nova hegemonia, pois não existe nenhum alinhamento de unidade em sua vida. Pode-se dizer que o *intruso* vive uma vida esparsa, está preso nela e não pode sair.

Há várias maneiras de interpretar tal prisão. No começo, a impossibilidade de viver a partir de outro jeito assusta. Entretanto, eu prefiro enxergar como Nancy. Reconhecer-me na nebulosidade, estar feliz em um estado de *intruso* permanente. Acredito que depois de muito sofrimento é possível partilhar da sensação de costume do autor, o papel de estrangeiro vira um alívio. A nova estrangeiridade, na qual ele se refere, nasce do entendimento de que é impossível voltar para o lugar de origem. O *intruso*, mesmo quando volta para sua terra natal, continua deslocado, não é mais um componente daquele lugar.

Eu me tornei um sujeito do contingente. Quando volto para o Brasil percebo que também estou deslocado, apostei demais na dúvida e na problematização da minha cultura local. Não enxergo mais nela uma casa, em paralelo, também não sou mais recebido como alguém que está voltando para casa. Aqui, quando uma pessoa perde sua funcionalidade, ela é colocada para fora do projeto de poder. Não existe reconciliação, é assim e pronto. Por isso, tento olhar este lugar com paciência e desconfiança, valorizo muito o fato de ter

⁵² Idem p. 31.

sido, de certa forma, colocado para fora de minha própria cultura – isso diz que, em alguma parcela, também sou africano. Assumo meu contingente perante um mundo que me exterminaria se pudesse. O maior choque não é ir para África, é voltar e ter de me relacionar com uma cultura que não me serve mais. Ao mesmo tempo, não posso ficar na Campada Maria, preciso de dinheiro para seguir com meus planos, não poderia me sustentar como fotógrafo vivendo lá. E é a fotografia que amo fazer.

Pensar em tudo isso me deixa feliz. Reconheço uma lógica própria, não uma vida preestabelecida por uma cultura única. A narrativa da cultura Balanta me ajuda neste desafio, passei a evitar uma criação de vida baseada em pilares fixos de verdade ou mentira, bem ou mal, certo ou errado. Busco enxergar minha vida como uma grande narrativa Balanta, composta por vida/ficção sem uma caracterização absoluta do *real*. Uma aposta estética em indefinição, evitando, sempre que possível, dicotomias.

Logo, espaços descontínuos, contradição, aniquilação de símbolos, felicidade gratuita e o cheiro da noite, é nestes termos que nascem minhas decisões de *intruso*. Nunca por um símbolo nacional, a nação não existe, e os dias acontecem insuficientes e inacabados. É importante reconhecer que uma subjetividade assim aparece na falta de um lugar estável, é o chão do abismo que sustenta minha casa. É deste solo onde já existiu alguma coisa que devo falar. Não em busca de encontrar os pedaços que faltam, isso é impossível. Mas, falar para interpretar a textura do que torna alguém *intruso* em sua própria vida, existindo em uma subjetividade distante da ideia de futuro ideal. O contingente tornou-se minha forma de existência, é a fricção diária que me permite lutar e viver, é nesta lógica própria que nasce um preenchimento de poder vazio, um desnudar moral.

Aproveito o espaço para estender meu argumento aos outros estrangeiros. Fazer um convite aos *intrusos*, aqueles que nunca vão encontrar uma vida completa, sempre vivendo na sombra e no escuro. É preciso conviver com a angústia (afinal, esquecer seria impossível). É necessário buscar leveza neste caminho íngreme, sabendo que nossa subjetividade é um obstáculo para qualquer projeto de poder.

* * *

É comum em trabalhos feitos por estrangeiros nas tabancas, a aglomeração de uma infinidade de crianças. Animadas e saltitantes, tornam a rotina mais leve. São muito interessadas, costumam andar em grupos com mais de 5 e todas da mesma idade. Geralmente nascem ligações de ambas as partes, algum estrangeiro específico acaba criando laço com alguma criança local e vice-versa. Mas também é verdade que o laço quase nunca dura, assim que acaba a curiosidade e os problemas começam a surgir, ambos os lados voltam para suas culturas.

Este fenômeno aconteceu conosco, a equipe do documentário, tivemos ligação com diversas crianças da Campada Maria. Em cada membro da equipe nasceu afeto por uma criança específica. Comigo não foi muito diferente. Apesar de ter carinho por muitas crianças que nos acompanhavam diariamente, tive um afeto especial por uma menina chamada Dansi. Uma fotografia dela:



Dansi é a criança que está no centro da imagem. O semblante dela é sério, quase esboça um leve sorriso. A expressão dela geralmente era assim. Diferente das outras crianças, não sorria muito, era calada. Sua distinção do grupo infantil também estava no vigor, quando todos cansavam de nos acompanhar – afinal, chega uma hora em que o nosso trabalho deixa de ser novidade para eles – ela continuava. Nós, brasileiros, brincávamos que no final da diária a única pessoa da *equipe* com disposição para trabalhar no dia seguinte era Dansi.

Dansi não falava português, nem eu falava balanta. Nossa comunicação, apesar de entusiasmada, era cercada por limites. Em razão disso, não conseguia saber muito sobre ela, a conversa ficava presa aos assuntos da rotina, coisas que nos cercavam. Era praticamente impossível saber detalhes sobre o passado dela. Não sabia como evocar essas coisas, mas conforme vivenciava aquele jeito calado de Dansi, percebia que necessitava entender sua história.

Busquei informação na tabanca, e me levaram até onde morava a família da menina. Para minha surpresa, Dansi vivia na mesma casa que Maia, Isabel e Anser. Era a mesma casa onde eu havia almoçado dias antes e contado a narrativa do N'duma. Quem me recebeu foi a tia de Dansi, chamada Nimali N'djack. Ela falou que naquele dia eu não vi Dansi na casa, porque haviam mandado a criança até a campada vizinha buscar tecidos. Também revelou que não era a mãe de Dansi, a menina estava na sua casa no regime de criação⁵³. Porém, havia surgido um problema. A mãe de Dansi tinha morrido, havia 1 mês a menina era órfã. Nimali me disse que não sabia como fazer para criar Dansi, apesar do regime de criação, quem sustentava Dansi era o dinheiro que a mãe dela mandava todo mês. Agora, com o falecimento da mulher, o dinheiro não ia mais chegar.

Assim que saí da casa de Nimali, literalmente ao virar a esquina, uma pessoa da tabanca (cujo nome prefiro não revelar) veio me dizer que a tia de Dansi não havia me contado tudo. Por falta de dinheiro, ou talvez por ter recebido uma proposta financeira muito boa, Nimali enviaria Dansi para trabalhar em uma fazenda no Senegal. Também me informaram que o regime de criação na casa de Nimali nem sempre é justo, muitas pessoas utilizam a criança que veio de fora como uma espécie de empregada. A menina ou menino que veio para criação quase nunca recebe cuidados iguais aos cuidados dos filhos *legítimos*.

No mesmo dia, no final do expediente Nimali veio conversar comigo novamente. Ela me disse que estava sabendo que pessoas estavam inventando mentiras sobre ela, argumentou que era inveja, pois Dansi era a única criança que tinha relações verdadeiras com os brasileiros. Eu não soube o que responder, não confirmei, muito menos neguei.

⁵³ É comum dentro do grupo étnico Balanta (e também em outros grupos étnicos de Guiné-Bissau) o sistema de criação. Esse sistema consiste em um acordo entre famílias próximas sobre a educação de crianças. Por exemplo, quando o acordo é feito entre 2 famílias diferentes, cada uma delas deve enviar uma criança nascida na própria casa para ser criada pela outra família do acordo. Por isso, existem muitas crianças que nasceram em uma tabanca, mas são educadas em outra. Perguntei o motivo desta tradição para muitos idosos e idosas do país, quase todas as respostas caminhavam na mesma direção. O sistema de criação é uma prática secular na África Ocidental, o objetivo principal é revigorar os laços entre famílias aliadas.

Agora, relembando a narrativa, pensei em escrever que fiquei sem entender nada, mas seria um exagero. O fato é que aquelas informações me deixaram muito confuso.

Alguns dias depois, no domingo, resolvi ir a um restaurante. Convidei um colega guineense, William Intipe⁵⁴, para me acompanhar. Lá compramos bebidas e comemos um pouco de comida quase ocidental. Em determinado momento, William começou a conversar com o garçom e aparentava indignação. Quando acabaram, perguntei o motivo da discussão. Ele me disse que o garçom estava contando sobre os problemas que acontecem em muitas fazendas do Senegal. Casos de abuso e violência. Perguntei se o lugar para onde Dansi iria tinha essas práticas. Ele disse que não sabia realmente se Nimali teria coragem de enviar ela, mas caso fosse: sim, o lugar tinha aquelas práticas.

Não só William, mas muita gente (até hoje, inclusive) me fala que deveria ter tentado entender, compreender o discurso de ambos os lados. Investigar, de alguma forma, quem estava falando a verdade. Tentar saber se era Nimali que tinha razão, ou eram os outros. Após descobrir isso, eu poderia tomar um lado. O fato é que eu não queria tomar lado, não tinha tempo para isso e não me importava quem tinha razão. A situação era simples, a criança estava no meio da disputa. Ela estava sendo usada de forma descarada para garantir sei lá o quê. Decidi não checar lado nenhum. Eu vi com meus olhos a pobreza em que a menina vivia – comendo, muitas vezes, uma única vez por dia – também vi e senti o potencial dela. Não era justo deixar picuinhas acabarem com tudo. Foi a única vez na vida em que não tive dúvida. A partir daquele momento o que fizessem nela estariam fazendo em mim, queria impedir que tudo aquilo continuasse.

Assim que cheguei do restaurante, o diretor informou que na segunda-feira não haveria diária. Estávamos completando 1 mês em Guiné-Bissau, o cronograma encontrava-se adiantado, portanto, ele acreditava que seria bom dar mais um dia de descanso para os membros da equipe. Liguei para William na mesma hora, informei da folga, mas lhe disse que queria ir na Campada Maria mesmo assim. Ele concordou. No dia seguinte fomos até a casa de Nimali. Ao chegar me falaram que ela estava na praia pescando. Até o momento não sabia que existia uma praia na tabanca. William me levou até lá. Era bem perto, 5 minutos de caminhada. Ele me disse que o nome do lugar era

⁵⁴ William trabalha no IBAP, Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, órgão semi governamental de Guiné-Bissau. Também ajuda na fomentação do projeto de ajuda humanitária que relatei no ensaio anterior. É um amigo importante, ele me acompanha desde a primeira semana que estive no país. Mantemos grande amizade.

Kambangaram. Perguntei o que significava o nome, ele falou que ninguém sabia.⁵⁵ O caminho para Kambangaram é curioso, pois, até bem perto da praia é mato fechado, quem não conhece o lugar não tem como adivinhar que existe uma praia ali. Poucos metros da praia vem a surpresa, assim que as árvores abrem surgem a areia e a água. O lugar me saltou aos olhos desde o primeiro segundo, não imaginava que havia aquele canto da Campada Maria. Quando chegamos William chamou Nimali, e a conversa foi rápida. Expressei meu desejo, queria me tornar responsável por Dansi. Seria tutor dela e minha influência na educação cresceria de modo gradativo, o progresso dependeria da adaptação da menina. Não houve objeção.

Assim nasceu meu laço, não só com Dansi, mas também com a praia de Kambangaram. Sempre que estou no lugar lembro daquele dia. Logo, quando volto na praia é como se tivesse voltando em um dia chave para mim. Onde tive coragem de fundar um novo rumo para minha vida, onde tive a sorte de encontrar um acordo para estar junto de quem amo. Kambangaram simboliza a liberdade e o amor que as meninas me deram de presente.

Após comunicar a decisão para Dansi, ela ficou ainda mais próxima. A menina reconheceu, rapidamente, que aquilo mudou seu rumo. Algum tempo depois ela me disse que havia, sim, o boato de que ela seria vendida, mas não soube confirmar se era verdade. Eu não me importo se era ou não. Vi uma criança com potencial, mas nenhuma possibilidade de explorá-lo. Segui meu coração. A história da humanidade é recheada disso, gente que nasce sem chance de melhorar seu caminho. É uma espécie de destino social que me entristece muito. Infelizmente, não vejo perspectiva de mudança, também não tenho capacidade de adotar todas as crianças do mundo destinadas ao mesmo caminho.

Após a morte da mãe de Dansi, o pai dela nunca foi buscar a menina. Não fez nenhuma visita. Hoje (2021) Dansi tem 15 anos, ela argumenta que não liga para isso, que o pai dela sou eu. Dansi é extremamente racional e objetiva, sempre que penso nela, penso desse modo. Talvez ela tenha que ter se tornado assim, é uma questão de sobrevivência. Por outro lado, sei que existem muitas cicatrizes em sua vida. Tento

⁵⁵ Até hoje tento descobrir o significado do termo Kambangaram, mas, aparentemente, ninguém sabe o significado da palavra.

mostrar que o melhor caminho é enfrentar, lidar com as questões, pois, cedo ou tarde elas voltam.



Paralelo ao crescimento de Dansi consigo notar algo muito especial, apesar das frustrações e ameaças com as quais ela teve de lidar, seu amor pela terra é grande. A conexão que criou com a Campada Maria é necessária e afetiva, desde cedo tive que buscar uma maneira de respeitar isso. Ela provavelmente não tem intenções de viver como ocidental, não devo impor minha lógica. Tenho que reconhecer as relações e as experiências criadas na vida dela, saber que a vida da menina acontece diferente da minha idealização. A subjetividade de Dansi passa por lugares que desconheço, por isso devo reconhecer o importante papel de Nimali. Ela tem me ajudado nesse caminho, explicando que o modo de ver o mundo na cultura Balanta é bem diferente do modo ocidental (o meu, no caso).

* * *

Bom, para quem leu este ensaio com atenção, ficou claro que não tenho, apenas, uma filha, mas sim duas. Já falei sobre Anser no começo do texto. Ela é aquilo que relatei: dança, felicidade, insistência, descontração e curiosidade.

A nossa aproximação foi mais simples em relação ao caso de Dansi. De algum modo a narrativa do N'duma mexeu com Anser. Depois daquele almoço, ela sempre vinha

conversar, perguntar sobre o fantasma e outras coisas. Tínhamos longas conversas. O problema é que eram longas até demais. Em certa ocasião, perguntei se ela não tinha trabalho. Ela disse que tinha, mas enquanto estivesse conversando com os estrangeiros⁵⁶ a mãe não podia chamá-la para o trabalho. Achei graça, entendi que aquela menina tinha um raciocínio lógico afiado e também gostava de matar trabalho. Naquela altura eu já estava quase morando na casa de Cláudio⁵⁷. Quis explorar aquilo, disse para ela vir na hora do almoço fazer T.P.C⁵⁸. Ela veio. Fiquei surpreso, aquela menina tinha uma habilidade escolar bem interessante. A habilidade dela só era menor que a aversão pelos trabalhos da tabanca. Lavrar, cuidar da horta, tratar dos animais, tudo isso aborrecia muito Anser. Eu e as pessoas da casa de Cláudio criamos um apego grande por Anser, ela é leve e livre. Pensei comigo, se virei tutor de Dansi, também posso virar tutor de Anser. Foi assim que iniciou nosso trajeto.

Meses depois, o papel de tutor não servia mais, virei pai.



⁵⁶ Dentro da cultura Balanta o estrangeiro, o hóspede, é de extrema importância. Todos os membros da morança devem dar atenção à visita, ficar à disposição em tempo integral.

⁵⁷ No ensaio seguinte vou falar sobre minha relação com a família de Cláudio Alves.

⁵⁸ A sigla significa *Trabalho para Casa*. É a atividade que o professor manda os alunos fazerem em casa depois da aula. Na minha região do Brasil dizemos *tarefa*. Acredito que o termo mais popular para os brasileiros e brasileiras é *dever de casa*.

* * *

O sol está brilhando no alto do céu. Casa de Lava.

A empresa decretou luto de cinco dias em homenagem a um dos seus mais brilhantes executivos. O corpo do pai de Vitória estava discreto e unânime, poucos amigos, família e nada de imprensa. Alguns desconhecidos foram ao enterro para começar a mapear possíveis chances de investimento. Talvez isso possa ter dado certo, não sei. Oficialmente todos lamentavam mais uma vítima da pandemia.

Lembro de ter circulado com Vitória em uma região pobre da cidade, era inverno. Ela me disse que o homem tinha nascido naquele bairro.

Ela pede ao antigo assistente do pai (agora seu assistente) que lhe traga uma garrafa de água, vejo tudo como uma ação frontal. Tento entender o sentimento desse homem, ele tem 50 e tantos anos e agora vai trabalhar para uma menina de 25. Os anos de fidelidade ao chefe lhe deram isso, possibilidade de continuar na beirada. Imagino que esse homem de meia idade costuma vagar pela noite, isso faz com que se sinta feliz, o trabalho de assistente não lhe concede nenhuma grande erudição ou profundidade psicológica. O bem esboçado Raul – nome que acabei de inventar – é feito em linhas azuis noturnas. Na empresa nada do que faz é destacável, segundo Vitória.

De noite após o enterro. Vítima de sua própria vida, Raul, observa o resto do copo que tem na mão. De súbito traga um pouco mais da poderosa bebida com sonífero. Não demora em aceitar o descanso que ela oferece. A luz da televisão interrompe o traço, atenção ao locutor do jornal que fala. O sonífero tem rapidez. Em questão de segundos Raul apaga. O embate sedimentado nele é interessante, o olhar clínico do homem é também a destruição, a noite sussurra em seus ouvidos: ele obedece tudo o que a menina ordena.

Os novos ricos sorriem, os velhos também. A suntuosa montanha continua ocupando o pano de fundo, o clima da festa permanece inalterado. Raul observa os participantes e conclui: a velhice feliz é a maior propaganda do mundo. A noção de tranquilidade ganha dimensão no coração do personagem, mas logo ele acende um alerta: aquela gente não vale nada. A rebeldia que aflora acaba, em poucos segundos, como compadecimento solene de si. Em absoluto – diz Raul – vamos ver até quando eu aguento Vitória.



Vivendo na Campada Maria



Após o ensaio inicial deste conjunto de textos, que tinha como objetivo fazer uma introdução sobre aspectos da Guiné-Bissau, pretendo agora explorar e aprofundar questões importantes da minha relação com o país: a língua nacional (crioulo guineense), economia, política, a situação da Campada Maria no contemporâneo, a cultura Balanta e o início da minha afinidade com a tabanca. Após os dois ensaios anteriores, considero o terreno preparado. Com o volume de informações oferecido acredito que o leitor (ou a leitora) pode entrar neste aprofundamento com mais referências.

Portanto, agora o objetivo do ensaio vai além da introdução. Quero explorar os aspectos citados e tentar caracterizar os pontos que considero essenciais em cada um deles. Ressaltando sempre que o relato é uma consequência, indissociável, da minha vida na Campada Maria – onde estou sempre na condição de estrangeiro. Quem estiver lendo este texto, não deve esquecer também que a narrativa colocada aqui é um recorte temporal, um fragmento do que venho sendo até o presente momento e nunca uma reflexão absoluta ou definitiva em relação ao tema.

Sobre a origem das informações, devo alertar que a imensa maioria das fontes a que tenho acesso estão baseadas na oralidade (ela é a principal forma de transmissão de histórias nas tabancas). Para tornar a investigação mais sofisticada, sempre que possível recorri a textos publicados, visando confirmar ou criar parâmetros ao relato oral. Algumas

vezes eu consegui, em outras não. Tentarei deixar claro, ao longo do texto, quais informações são confirmadas por bibliografia de apoio, e quais estão baseadas *só* na oralidade.

Após colocar estes avisos iniciais, vale fazer um último alerta. A minha vida na Campada Maria acontece junto com o grupo étnico Balanta, as ficções que conheço, quase sempre, são narrativas Balantas. O relato que vou desenvolver no presente ensaio é uma consequência da minha trajetória entre os Balantas, porém essa etnia é uma dentre as muitas que vivem em Guiné-Bissau. É fácil perceber que estou falando de um ponto específico, logo, tenham em conta a especificidade dos meus argumentos. Não desejo criar uma narrativa totalizante.

* * *

Assim que comecei minha relação com Anser e Dansi, notei que o papel de tutor não seria o mais adequado. Havia me tornado, sem perceber, pai das duas. Contudo, o tempo de atuação de um pai é completamente diferente do tempo de atuação de um tutor. Em 2019, o amor e as demandas educacionais das crianças começaram a exigir uma segunda viagem, minha vida na Guiné-Bissau deveria se aprofundar. O melhor caminho para realizar tal missão era voltar à Campada Maria e viver entre os Balantas (a etnia de ambas), pois não estaria deslocando as meninas culturalmente com tanta violência. Além disso, viver entre os Balantas seria um prazer, eles me receberam muito bem na minha primeira viagem em 2018.

Desde então, tenho aprendido e criado uma relação vital com este grupo étnico. Mas antes de apresentar as pessoas com as quais tenho contato no país, desejo apresentar um quadro geral da etnia Balanta que me sinto capaz de fazer.

A exposição sobre os Balantas vai contar com dois pilares base. O primeiro é a minha própria pesquisa, um aprendizado que está fixo em informações orais que pude recolher nos últimos 5 anos. O segundo pilar é a tese de doutorado do pesquisador senegalês Chérif Mbonj, intitulada *Description Synchronique du Balante SO:FA*⁵⁹, defendida no departamento de Letras e Ciências Humanas da *Université Cheikh Anta Diop de Dakar*, em 2010. No texto de Chérif é possível encontrar um panorama extenso

⁵⁹ Em uma tradução livre: Descrição síncrona do Balanta SO:FA.

sobre os Balantas que vivem na Guiné-Bissau ⁶⁰, pois, além de realizar uma pesquisa significativa, o autor faz a leitura do livro *Nature et fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa*⁶¹, da escritora cabo-verdiana Diana Lima Handem. O livro de Handem é considerado pelos acadêmicos com quem Balantas conversei a melhor publicação realizada sobre os aspectos da etnia. Infelizmente, não tive acesso ao livro, ele foi publicado algumas vezes, mas em tiragens pequenas, fato que o torna extremamente raro.

Em primeiro lugar devo assinalar o termo *Balanta*. A palavra é uma denominação do crioulo guineense em relação ao grupo étnico. Porém, a etnia, dentro de sua intimidade, não reconhece a palavra. Na língua Balanta o termo que denomina o grupo étnico é *Brasse*⁶², e o termo que denomina a própria língua, *krasse*⁶³. Em uma conversa entre membros da etnia Balanta é muito mais comum eles chamarem o grupo étnico por *Brasse*, as exceções acontecem, quase sempre, em diálogos entre indivíduos com forte influência urbana – os Balantas que vivem nas cidades já não têm tanta relação com a língua da etnia, tendo em vista que na cidade vivem muitos grupos étnicos diferentes, e para manter uma comunicação possível, todos falam em crioulo guineense.

A informação mais comum dentro da oralidade sobre a origem do termo relata que a palavra vem da língua do grupo étnico Mandinga. A expressão original seria *Balanto*, o significado dela é “aquele que se recusa”. Os *Brasse* receberam tal nome por serem conhecidos como um povo insubordinado ao império do Mâli, os Balantas costumam dizer que seus ancestrais eram a maior força de oposição aos poderes do império. Como dito anteriormente, no ensaio *Campada Maria*, os Mandingas foram as principais figuras de poder no império do Mâli e são abundantes os relatos que falam da dificuldade de convivência entre eles e os Balantas.

A tese de doutorado de Chérif Mbonj vai pelo mesmo caminho da oralidade, inclusive ele cita a obra de Handem que também confirma a informação. Tendo este fato

⁶⁰ Não há uma unidade entre os Balantas que vivem em Guiné-Bissau, dentro da própria etnia existem divisões. Elas estão baseadas em fatores culturais, geográficos e principalmente em diferenças linguísticas. O grupo com o qual tenho convivência é nomeado por Balanta-Kentoche. Existem outras variações da etnia, como por exemplo: Balanta-Nhacra, Balanta-Naga, Balanta-Patch, Balanta-Mané e Balanta-Sul. No Senegal existem os Balantas-Ganja. Eles vivem, especificamente, no sul do país, região da Casamance. A Prof^a Dra. Cleonice Candida Gomes é pioneira no Brasil com relação ao estudo da cultura Balanta-Ganja.

⁶¹ Em uma tradução livre: Natureza e funcionamento do poder entre os Balantas Brasse.

⁶² O modo correto de pronúncia é Braze.

⁶³ O modo correto de pronúncia é Kraze.

em vista, mesmo sendo impossível ter certeza, acredito que aceitar esta narrativa como origem do termo Balanta é uma boa convenção.

Não existe um consenso a respeito do lugar *originário* dos Balantas. Ninguém sabe, com certeza, se eles são um grupo étnico formado na região da Guiné-Bissau ou fora dela. Entretanto, a maioria das opiniões, ouvidas por mim, afirmam que os Balantas vieram de fora da Guiné-Bissau. O local de origem desses primeiros Balantas que emigraram é um mistério. Existem inúmeras suposições dentro da oralidade, os comentários transitam sem ordem por afirmações das mais variadas, pressupondo a origem da etnia em diversas regiões da África. Como por exemplo onde hoje estão os seguintes países: Sudão, Egito, Camarões, Níger, Burkina Faso. Os relatos da oralidade, também costumam circular em torno de narrativas de que o grupo étnico teria emigrado de outra região da África forçados por alguma causa sinistra.

Em sua tese de doutorado, Chérif Mbonj assume uma posição não tão ousada, quanto outras que afirmam uma origem muito distante dos Balantas. Porém, a posição dele continua, igualmente, sem comprovação. Não existem documentos da época. O autor se alinha com o texto de Diana Handem para afirmar que os Balantas são originários do Futa Jalom, região montanhosa que está localizada na República da Guiné:

Pour échapper à l'armée de Peuls conduite par Koli Tenguela qui avait envahi le Fouta Djallon et quis les réduisaient à la captivité. (Cf. Diana Lima Handem, 1986, *Nature et fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa*, pp 29-34).

Selon la tradition orale rapportée par Diana Lima Handem, dans son ouvrage *Nature et fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa*, p. 15, certains BARA:SE ont dû s'enfuir du Fouta Djallon à la fin du XV^e siècle (entre 1490 et 1500) vers le Sud-Ouest pour se soustraire à l'autorité de Koli Tenguela, chef de guerre peul puis les rives du fleuve Corubal.⁶⁴

⁶⁴ MBONJ, Chérif. *Description Synchronique du Balante SO:FA*. 2010. Tese (doutorado) – Linguistique, Université Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, 2010. p. 4. Em uma tradução livre: Para escapar do exército Fula liderado por Koli Tenguela que havia invadido Fouta Djallon e que os estava reduzindo ao cativeiro. (Cf. Diana Lima Handem, 1986, *Nature et fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa*, pp 29-34). Segundo a tradição oral relatada por Diana Lima Handem, em sua obra *Nature et fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa*, p. 15, alguns Bara:se tiveram que fugir de Futa Jalom no final do século 15 (entre 1490 e 1500) em direção ao sudoeste para escapar da autoridade de Koli Tenguela, senhor da guerra Fula, depois das margens do rio Corubal.

Quando me deparei com esta questão que cruzava a oralidade Balanta e Fula, pedi para Ibrahim me falar sobre Koli Tenguela. Segundo ele, Koli Tenguela é um guerreiro/símbolo importante para os Fulas, pois unificou diversas tribos da etnia. Sua liderança foi um momento chave na queda do império do Mâli. Construiu diversas fortificações nas margens do rio Senegal, em um lugar que é conhecido como Futa Tooro. Essas construções impediram a ligação do império do Mâli com o oceano, fazendo com que a troca de mercadorias fosse dificultada – iniciativas como a de Tenguela sufocaram o império do Mâli. Sem atividade comercial com os europeus, ficou impossível manter a vasta estrutura do reino. Todavia, Ibrahim disse não saber nada sobre o elo entre a ascensão de Koli Tenguela e o êxodo Balanta.

Apesar de haver muita discordância sobre a *origem* dos Balantas, há consenso sobre o primeiro lugar habitado por eles na Guiné-Bissau. O referido espaço fica entre o rio Geba e o rio Cacheu, onde hoje está localizada a região de Oio.⁶⁵ Coincidentemente está região continua sendo o local do país com maior concentração de Balantas. Tanto a oralidade quanto a tese de Chérif Mbonj concordam neste ponto.

Depois de apresentar o que eu consegui saber sobre a origem dos Balantas, devo falar também a respeito de sua organização social. Imagino que a leitora (ou o leitor) deva ter notado que a história do grupo étnico, dentro dos ensaios que apresentei até aqui, é sempre marcada por conflitos com autoridades centralizadoras de poder. Em minha defesa, posso dizer que esta não é uma informação, apenas, do meu texto. É uma informação geral, ela existe com amplitude no conhecimento oral e nas publicações sobre a etnia.

E como quase todo argumento difundido em massa, ele acabou formando uma espécie de lugar-comum sobre os *Brasse*. A *impaciência* dos Balantas com relação aos dominadores tornou-se um clichê, uma característica que precisa ser falada quando o objeto de estudo é o grupo étnico. Arrisco dizer que até aí tudo bem. O problema é a formação do lugar-comum. Essa característica dos Balantas acaba incorporando outras, nem sempre verdadeiras, dentro das narrativas sobre a etnia. Como por exemplo, o argumento de que a rebeldia do grupo étnico está ligada ao gosto por uma organização social completamente horizontal. Isso é impossível. Não existe como implementar uma organização social totalmente reta para o lado. Os Balantas, inclusive, sabem bem disso.

⁶⁵ Conferir o mapa da página 12.

Para tratar do assunto com o respeito merecido, devo narrar o meu contato inicial com os Balantas (afinal, foram eles que me ensinaram quase tudo que estou escrevendo neste ensaio sobre o grupo étnico). Conforme for narrando, pretendo deixar marcada quais características sociais eu vejo neles, e também como os próprios Balantas me falaram delas.



O jovem da fotografia é Cláudio Alves, considero-o como um irmão. Tenho uma ligação muito forte com Cláudio e sua família. A primeira pessoa que me ensinou sobre a cultura Balanta foi ele. A fim de explicar como nos conhecemos, devo voltar à minha primeira semana em Guiné-Bissau (ano de 2018).

Como dito anteriormente, no ensaio *O narrador*, chegamos em Bissau pela primeira vez durante as comemorações do carnaval. Após conseguirmos furar a aglomeração da multidão, o motorista nos levou para a sede do IBAP⁶⁶. O edifício fica no bairro de nome *Antiga Veterinária* em Bissau. Chegando lá houve uma falha de comunicação, nossos anfitriões tinham esquecido de preparar camas, pois eles achavam que íamos direto para São Domingos. Mas por algum motivo que não lembro bem, acabamos não indo. Tivemos que passar a noite no local. A viagem de São Paulo até Bissau, contando o tempo de escala, dura um pouco mais de 24 horas – para mim, que

⁶⁶ Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, órgão semigovernamental de Guiné-Bissau.

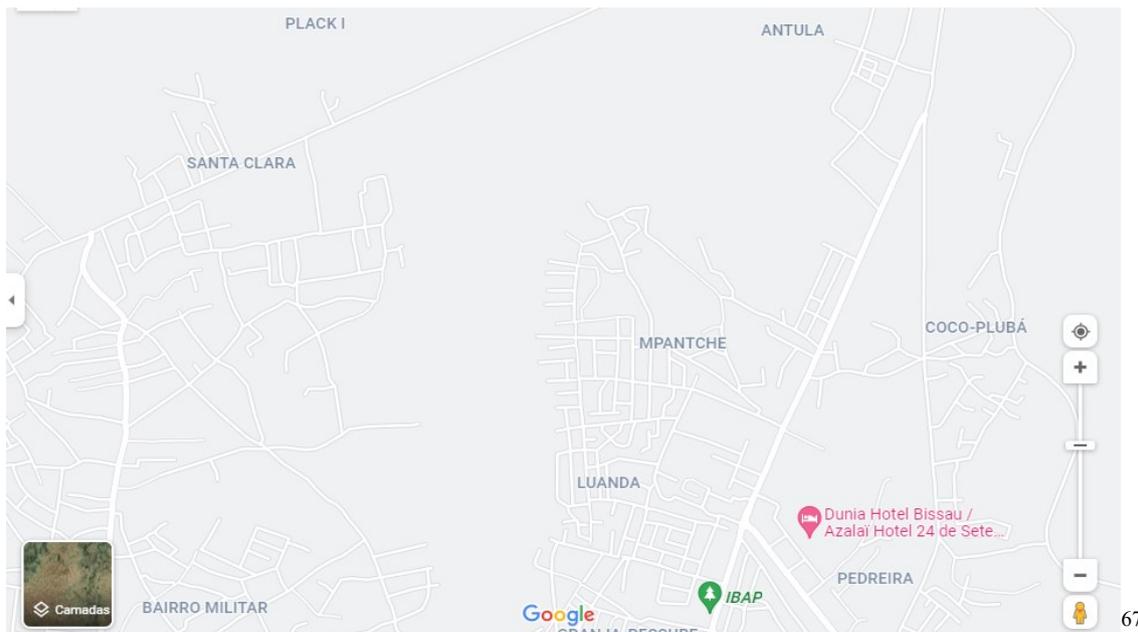
quase sempre saio do interior de Santa Catarina, ela dura aproximadamente 48 horas (contando o tempo das escalas). Sabendo dessa informação, é fácil imaginar o cansaço. Não ligamos para a falta de camas do IBAP. A equipe do filme dormiu no chão do saguão central do edifício. De manhã notei que os trabalhadores do órgão começavam a chegar, não me importei, continuei dormindo.

Acordaram-me próximo do meio-dia, era hora de ir para São Domingos. A visão do país durante o dia era outra. Era basicamente um lugar distinto, não parecia em nada com a cidade da noite anterior. Talvez eu não vá conseguir descrever minhas impressões iniciais sem ser metafísico ou clichê, ainda assim, vou tentar falar um pouco sobre elas.

Fiquei perplexo, de dia pude ver as pessoas, o fluxo era diferente em relação ao ritmo da noite do carnaval, havia calma e leveza. A luz dura do meio-dia se combinava aos tecidos das roupas das mulheres e criava uma dança lenta e despreocupada. Quando alguém olha para Bissau com atenção, fica evidente que naquele lugar já viveram centenas de culturas diferentes; meus olhos estavam começando a perder as certezas que vieram do Brasil. O fogo no carvão embaixo das panelas tinha harmonia, mas também desafiava o dito progresso humano. A pobreza era evidente, como eu imaginava antes, mas nem de longe era a única coisa forte naquele lugar. Quando vi um bairro composto de pequenas moradias no meio da savana, não sei dizer de outro jeito: eu me senti em casa. Fiquei muito triste quando percebi isso, quanto tempo perdi? Será que poderia ter estado lá antes? O motorista fez o caminho mais longo, pudemos ver tudo com muita calma. Tenho certeza que cada pessoa da equipe do documentário guarda uma impressão desse momento, é impossível passar sem afetação. Enquanto passávamos pelo local, o condutor nos disse que o nome do bairro é Antula.

Após 5 anos de trabalho na Guiné-Bissau voltei muitas vezes em Antula. Conheço pessoas que vivem lá. É claro que não tive mais aquela sensação. Eu me acostumei com o lugar, talvez. De qualquer jeito, cultivo meu carinho pelo bairro. Minha filha mais nova, Anser, inclusive, mora lá perto agora, no bairro de Mpantche. A região de Antula acabou tornando-se um local bem familiar para mim.

Hoje em dia acho engraçado, pois conheço a geografia de Bissau. O caminho de Antula é o mais longo para sair da capital em direção a São Domingos (a partir daquele ponto da cidade), não sei o motivo que levou o condutor a fazer o trajeto.



Bom, aquela experiência começou a quebrar minha resistência, não estava mais tão convicto de que a *guarda alta* era o melhor jeito de passar por aquele país. Somado a isso, em São Domingos tivemos uma reunião, e o diretor do filme decidiu que cada membro da equipe teria algum jovem local como assistente. A ideia dele era ótima para o filme, pois ajudaria na movimentação da equipe pela Campada Maria, os tais ajudantes locais, sem dúvida, fariam a aproximação necessária em relação ao povo da tabanca. Já eu, não sei o motivo, achei uma péssima ideia. Grande equívoco. Devo ter pensado que a pessoa atrapalharia, assim eu não ia conseguir fazer uma direção de fotografia primorosa, como iria fazer os melhores enquadramentos e iluminação tendo que ajudar alguém que nunca tinha visto uma câmera? Sei lá o que pensei. Fui infantil. Acho que quis discordar do diretor porque, no fundo, sempre fui um pouco *Brasse* e não suporto autoridade.

Entretanto, não pude fazer nada. O diretor deixou claro que era uma ordem. No dia seguinte conheceríamos nossos ajudantes.

Ainda bem que não pude fazer nada, pois o meu ajudante era Cláudio. Ele já tinha experiência prévia em fotografia e me ajudou para além do esperado, o desempenho dele foi muito além da maioria dos assistentes com DRT⁶⁸ que conheço. Rodamos centenas de horas de filmagens sem nenhum tipo de desentendimento. Cláudio me explicou como

⁶⁷ Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Antula,+Bissau,+Guin%C3%A9-Bissau/@11.8946971,-15.5972816,15z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xee6c4b1bcebb0f1:0x81f39de7c06e4b5c!8m2!3d11.8969747!4d-15.5914071>

⁶⁸ A sigla significa *Delegacia Regional do Trabalho*, mas no ramo audiovisual costumam falar “DRT” para se referir ao profissional que tem registro técnico perante o sindicato da área.

funcionava o ofício de fotógrafo na Guiné-Bissau, a relação das pessoas com a imagem e como isso vinha mudando com o avanço do celular.

Enfim, viramos amigos instantaneamente.

Nunca vou esquecer da primeira vez em que Cláudio me contou sobre a organização social dos Balantas, pois estávamos falando sobre um assunto completamente aleatório, Seleção Brasileira de Futebol:

- Cláudio, então você gosta daquela seleção de 2006?
- Sim, muito. Ronaldinho do barça *própri*⁶⁹ é grande jogador.
- Era né? Não é mais, faz tempo.
- Ele agora está velho – Cláudio afirma.

Sentido indignação pelas decepções que passei com Ronaldinho Gaúcho respondo:

– Não só isso. Ele faz muita festa, acho que vai na *discoteca*⁷⁰ todo dia. Futebol para ele deixou de ser prazer antes de 2010. Depois ficou só pelo dinheiro. Mas, sim, o cara tinha muito talento.

- E Neymar agora? – pergunta Cláudio.
- Desse nem nem fale, não posso nem ouvir o nome.

Cláudio começa a rir e pergunta:

- Neymar tem *mangas de badjudas*⁷¹ no Brasil?
- Muitas, incontáveis.
- E futebol nada, só festa também – continuo a minha resposta.
- Marcelo, veja que o diretor mandou eu e você filmar imagens de cobertura e sentamos aqui no cajueiro para falar de futebol.
- Ah, deixa ele lá. Não sabe onde estamos.

⁶⁹ É uma expressão em crioulo guineense que considero um pouco difícil de traduzir. “Própri” em português pode ser “em si”, “ele mesmo”, “de verdade” etc.

⁷⁰ Em crioulo guineense é comum usar o termo “discoteca” para se referir ao local de festas, casa noturna, salão de festas. A palavra também tem o mesmo significado no Brasil, mas encontra-se, quase, fora de uso.

⁷¹ Em uma tradução livre do crioulo guineense para o português: muitas garotas.

– Se ele descobrir pode *nervar*⁷²?

– Muito! Como diz no balanta: *wote sumande kifaie*⁷³.

Após exatos 10 segundo, Cláudio pergunta de novo:

– Agora vamos filmar então?

– Não, estou *lola waba*⁷⁴. – respondo.

– O diretor vai pensar que estamos com demora, Marcelo.

– Eu não gosto muito de patrão, Cláudio. Fico com pouca vontade de trabalhar.

Cláudio demonstra interesse e responde:

– Pode ser que você seja Balanta que está no Brasil e não sabe.

– Não, Cláudio. Com certeza não sou Balanta.

– Mas, porquê? – pergunto para Cláudio.

– Sabe que nós Balanta não gostamos de líderes. Os Balantas são um grupo de pessoas que não querem que exista um chefe em cima deles. Não querem que alguém esteja chefiando a tabanca, por isso não existe régulo⁷⁵. Nós Balantas temos muita guerra com os chefes que representavam os portugueses, também fazíamos guerra com quem veio antes deles, os Mandingas. Sempre lutamos contra os impostos e a morte da nossa cultura.

– Entendi, muito obrigado pela informação.

– Tenho uma dúvida, posso perguntar? – indago Cláudio em seguida.

– Sim.

– Se os Balanta não gostam de chefe, quem são os chefes dos Balantas agora?

⁷² A palavra “nervar” do crioulo guineense pode ser traduzida em português por “ficar bravo”, “ficar irritado” ou “ficar de mau humor”.

⁷³ Em uma tradução livre da língua balanta para o português: muito bravo.

⁷⁴ Em uma tradução livre da língua balanta para o português: cansado hoje.

⁷⁵ Eu não conhecia a palavra “régulo”, não perguntei o significado para Cláudio porque não quis interromper a explicação. Entendi pelo contexto da fala que devia ser um título para denominar algum tipo de líder. Depois pesquisei melhor sobre a história do termo, para minha surpresa ela tem ligação direta com o modo português de gerir as colônias. Régulos eram líderes locais submissos à coroa portuguesa, mas com imenso poder local, podendo fazer o que bem entendessem com os nativos. Após a independência de Guiné-Bissau, a palavra se manteve em uso. Ela é utilizada com frequência para fazer alusão aos líderes, principalmente, os líderes que exercem o poder de forma tirânica.

– Não há um chefe Balanta para todos. Cada tabanca tem seus líderes, mas eles não são reconhecidos em outros lugares. Os chefes Balantas da Campada Maria só têm alguma importância aqui.

– Entendi. E como eles são escolhidos? Eu posso me candidatar para ser chefe de vocês?

Cláudio acha graça e responde:

– Não é por voto, não tem como virar candidato. Também não existe um único meio de virar líder Balanta. Hoje posso dizer que são os que têm mais dinheiro, mas no passado eram os mais velhos. Aqui na Campada ainda são os mais velhos, quem tem dinheiro pode ter voz, mas não vira autoridade.

– Também temos uma tradição na cultura Balanta, quando um homem grande morre, um líder mais velho. Ele deve ser enterrado somente por outros líderes. Então no dia do enterro os chefes da tabanca vão até a casa do morto e cavam um buraco na varanda e colocam o corpo nesse local.⁷⁶ Depois colocam terra e finalizam com a cerimônia da cultura *Brasse*. Se o morto for de outra religião procedem de acordo com a religião da pessoa. Geralmente um líder que é da religião *Brasse*, não tem problema em fazer uma cerimônia de um líder que é protestante, por exemplo. – finaliza Cláudio.

– Existem líderes mulheres?

– Sabe que para os Balantas esse é um problema. Você pode ver que na cultura Balanta um homem pode casar com quantas mulheres ele conseguir sustentar. Na cultura do meu povo a mulher não é valorizada. Tem uma palavra que os brancos gostam muito de usar, como é? Maxista? Mazista?

– Machista – respondo.

⁷⁶ Essa é uma das tradições Balanta mais respeitadas no país, é praticada em larga escala em todo território nacional. A cerimônia não fica restrita aos líderes, qualquer morador de uma casa Balanta tem esse direito. Desde o bebê até o idoso devem ser enterrados na varanda de seu lar caso venham a falecer. O governo do país autoriza o costume. É comum também, ocorrer que Balantas falecidos fora da Guiné-Bissau sejam trazidos (quando há recursos financeiros) para serem enterrados na varanda da casa onde nasceram ou cresceram. A prática é quase uma unanimidade entre os Balantas que vivem nas tabancas, já entre os Balantas que vivem na cidade, o costume é relativizado. Os Balantas da cidade procedem de 3 formas: a grande maioria ainda enterra os mortos na varanda de casa, outra parte envia a pessoa que faleceu para a tabanca de origem da família para ser enterrada lá, por último, existe um grupo que não pratica mais o costume e prefere enterrar a pessoa que morreu em cemitérios que são organizados aos moldes da tradição cristã. A única vez que essa tradição recebeu proibição em Guiné-Bissau foi durante a primeira onda de Covid-19 (ano de 2020), mas agora voltou a ser liberada.

– É isso. A cultura dos Balantas antigos é machista, a mulher quase nada de direitos recebe. Agora existe mudanças, elas estão estudando e tomando conhecimento do mundo por rádio e telefone. É muito difícil achar uma jovem Balanta que aceite viver e receber o tratamento que a mãe dela recebia. Mas ainda há, temos casamentos arranjados ainda hoje.

– Certo, mas quem eu vejo trabalhar com mais intensidade são as mulheres.

– Sim, por isso estou a dizer que está mudando. Oficialmente os homens são colocados na liderança, são os chefes. Mas sabe que a mulher é pedra fundamental da casa. Elas que acabam decidindo tudo. O homem não tem coragem de contrariar ela dentro de casa, ele pode *roncar*⁷⁷ força na rua, na reunião dos chefes. Mas na casa eles costumam aceitar o que a mulher fala.

Após uma breve pausa, Cláudio continua:

– Veja na minha casa, eu fui escolhido para ser chefe da morança quando meu pai morreu. Com 19 anos recebi essa tarefa. Mas se não fosse minha mãe, Raquel, eu não poderia ter conseguido fazer nada. Ninguém ia me escutar. Ela é a verdadeira líder na casa. Ela criou muitas gentes, até outros filhos do meu pai que não são dela.

Este diálogo com Cláudio aconteceu na primeira semana em que estive no país. Também naquela semana, pedi para ele me apresentar à mãe; o nome dela é Raquel Alves. Tivemos afinidade rápida, nossa ligação cresceu em poucos dias. Fui acolhido em sua casa sem nenhum pedido ou condição. Com essa matriarca Balanta pude conhecer o quão profundo é o modo de viver do grupo étnico, e apesar do discurso oficial, vi que os chefes *Brasse* na verdade são as mulheres. Ela me mostrou como *baixar a guarda*, não ficar sempre na defensiva, e aceitar o começo da minha relação com a Campada Maria.

* * *

Para dar movimento ao ensaio, não vou contar os fatos de acordo com a ordem que Raquel me falou, mas sim, na ordem cronológica. Tentando acompanhar a história da construção da Campada Maria e da Guiné-Bissau, pois a formação e a vida da família de Cláudio são moldadas pelos acontecimentos naturais, políticos e econômicos do país.

⁷⁷ A palavra “roncar” do crioulo guineense pode ser traduzida em português por “gabar-se”, “contar vantagem” e “ostentar”.

No ensaio intitulado *Campada Maria* falei sobre o fundador da vila, Namoante Gomes. Encerrei o assunto tratando do sucesso de sua decisão, ele escolheu construir a própria casa longe de outras moranças para ter liberdade, mas com isso acabou atraindo muitas pessoas e fundando sua própria tabanca, a Campada Namoante. Também está relatado no ensaio *Campada Maria* que a vila acabou ganhando outro nome devido à popularidade da companheira de Namoante, Maria. Até hoje todos chamam a vila de Campada Maria, apesar do nome oficial ser Campada Namoante.

O que eu não disse, no ensaio *Campada Maria*, foi algo sobre a etnia desses primeiros moradores da tabanca. Resolvi não falar a informação, pois sabia de sua utilidade no desenvolvimento de um ensaio futuro visando aprofundamento do tema – no caso, este que estou escrevendo agora. As primeiras pessoas que chegaram no território, onde hoje é a Campada Maria, entusiasmadas pela ideia de Namoante, eram Manjacos (assim como ele e Maria). O problema é que, atualmente, a imensa maioria das pessoas que vivem no local é Balanta. Visando explicar este fenômeno, pedi para *Mana*⁷⁸ Raquel me falar sobre a chegada dos Balantas na Campada Maria. Segundo ela, os *Brasse* chegaram ao local em 2 momentos diferentes, durante a década de 50 (não soube especificar o ano), e logo após a independência do país, nos anos de 1973, 1974 e 1975.

Raquel disse que um pouco antes da década 50, ainda de forma embrionária, nasceu o Movimento das Forças Democráticas da Casamance. O grupo foi criado tendo como objetivo a independência do território conhecido como Casamance; a região está situada onde, atualmente, é o sul do Senegal. Raquel também conta que os *rebeldes* (termo dela) tinham muita raiva de Portugal, já que os portugueses haviam usado a Casamance como moeda de troca com a França.⁷⁹ A ameaça de um possível conflito do Movimento das Forças Democráticas da Casamance contra franceses e portugueses assustou as pessoas que viviam na região, dentre elas algumas eram Balantas. A solução encontrada

⁷⁸ Palavra do crioulo guineense que quer dizer “mãe” em português. Raquel é minha mãe na Guiné-Bissau. Em seguida vou contar um pouco da história da vida dela.

⁷⁹ A região da Casamance *pertenceu* ao império português até 1886, quando por consequência da Conferência de Berlim, eles cederam o território para os colonizadores franceses. A medida visava garantir uma troca por regiões da África consideradas mais interessantes para a exploração de Portugal. Os moradores da Casamance encararam a decisão com imensa insatisfação e desde então lutam por sua independência. O grupo paramilitar, citado por Raquel, é o mais conhecido, porém, ao longo da história da Casamance, já existiram dezenas de movimentos armados que reivindicam independência. Até 1960 os grupos armados lutaram contra a França, após a independência do Senegal houve um acordo. O estado de Casamance e do Senegal permaneceriam unidos por 20 anos, depois haveria separação. Entretanto, o acordo não foi honrado pelo Senegal, então os grupos de libertação da Casamance foram reativados (incluindo, o Movimento das Forças Democráticas da Casamance). A luta dura até hoje. Infelizmente mais uma variante desastrosa do processo colonial, outra péssima consequência da Conferência de Berlim na região.

por essas pessoas foi fugir para o norte de Guiné-Bissau. Dentre os refugiados estava uma família de Balantas cujo o nome do patriarca era N'dela N'djack⁸⁰. Tal homem era negociante de amendoim⁸¹ e vacas, necessitava de um local seguro não só para sua família, mas também para continuar tocando os negócios. Segundo Raquel, N'dela lembrou da Campada Maria, pois ele e Namoante faziam negócios com frequência, trocavam produtos entre si. N'dela fornecia amendoim e vacas, e Namoante dava em troca parte do arroz e do sal que eram produzidos na Campada Maria. Raquel conta que a conversa entre Namoante e N'dela foi simples e rápida, ambos concordaram que seria bom negócio morar um perto do outro. Além de parceiros comerciais, poderiam virar sócios em um novo negócio que os portugueses queriam implementar na região do São Domingos: massificar o plantio de cajueiros.

Durante o início da década de 1950, a Campada Maria contava com 2 figuras de referência, Namoante Gomes e N'dela N'djack. Ambos queriam prosperar seus negócios e sabiam que poderiam encontrar no Governo Colonial Português um aliado para isso. Raquel conta que eles nem precisaram ir até o local onde ficava a autoridade portuguesa, o próprio representante de Portugal que vivia em São Domingos dirigiu-se até a Campada Maria e fez acordo com ambos. Namoante e N'dela ganhariam uma quantidade enorme de terras desde que cumprissem um acordo em duas etapas. A primeira parte do acordo era limpar tais terras, ou seja, cortar a mata nativa e executar o plantio de cajueiros. A segunda parte do acordo era nunca cortar os cajueiros e, quando houvesse colheita, vender toda ela para o governo da colônia. Segundo Raquel, o trato não era exclusivo para os dois homens, Portugal estava obstinada em tornar Guiné-Bissau um país que produziria grande quantidade de caju. Para esse fim, oferecia o mesmo acordo para qualquer pessoa interessada. Ela conta também que, mais ou menos nessa época, havia ocorrido dois anos consecutivos de colheitas irregulares de arroz nas tabancas da região de Binar. Fato que gerou pobreza e deixou os Balantas do local alarmados, pois existiam grandes chances de iniciar um período de fome em tais vilas. A proposta do governo colonial acertou em cheio os Balantas que viviam naquelas tabancas, um grande número de pessoas veio para a região de São Domingos tentar prosperar e viver do caju. Um dos migrantes que viajaram para a região era o, ainda jovem, Rafael Alves (pai de Cláudio). Vindo da

⁸⁰ Uma curiosidade, o nome da minha filha mais nova é Anser N'djack. Ela é neta de N'dela N'djack. Infelizmente em 2018, quando cheguei na Campada Maria, N'dela já havia falecido.

⁸¹ O termo “amendoim” não é utilizado na Guiné-Bissau com frequência, os guineenses preferem usar o termo “mancarra” que é uma palavra do crioulo guineense.

tabanca de Tchanque na região de Binar, António estabeleceu-se na Campada Maria, pois tinha boas relações com N'dela N'djack. O jovem participou da limpeza, não só de sua terra, mas da terra de todos. Em troca ele ganhou muitos hectares do governo português.

O início da vida de N'dela N'djack e de Carlos Alves na Campada Maria é uma boa ilustração, porque deixa marcado que a vinda dos Balantas para o vilarejo na década de 50 tem dois motivos básicos: o começo das hostilidades na Casamance e o início do processo colonial português que visou tornar Guiné-Bissau um país com uma larga produção de caju.⁸² Porém, Raquel fala que a chegada dos Balantas na década de 50 não foi suficiente para criar um *maior número* (termo dela) na Campada Maria. A população da Campada nesse período ainda era em grande parte da etnia Manjaco.

Após finalizar a narrativa, gostaria de lembrar o que Raquel ainda não tinha nascido nessa época, ela nasceu em 1973, tudo que ela me transmitiu é resultado do conhecimento oral que lhe foi passado. Não encontrei nenhum documento que pudesse *comprovar* em termos acadêmicos a data exata da chegada de tais pessoas na Campada, não era costume, na época, produzir documentos de identificação para moradores de tabancas. As hortas de caju das pessoas que vivem na Campada Maria estão todas asseguradas pela oralidade, ninguém tem documento confirmando propriedade. O governo colonial, e depois o governo guineense independente, nunca tiveram interesse em regularizar a situação dos moradores das tabancas que plantam cajueiros. Quanto ao momento exato da intensificação do plantio de cajueiros na região de São Domingos, também não existe um consenso sobre o tema, os relatos orais variam.

Entretanto, sobre a cultura do caju em Guiné-Bissau é fácil encontrar bibliografia para comparar os argumentos dos relatos orais. Por se tratar da maior atividade econômica do país, o plantio de cajueiros é largamente documentado e conta com registros textuais. Posso utilizar, como exemplo de bibliografia, a dissertação de mestrado do pesquisador guineense Abdulai Ismail Seca, intitulada *A Expansão do Cultivo do Caju e Seus Impactos Ambientais e Econômicos na Guiné-Bissau*, defendida no Programa de Pós-

⁸² Em conversas informais com acadêmicos guineenses e brasileiros fui informado de que essa mudança de postura de Portugal tem, forte relação, com a elevação do território da Guiné-Bissau ao título de Província Ultramarina da Guiné (o país antes era conhecido como Guiné Portuguesa). Tal processo é constituído de diversas medidas econômicas, sociais e políticas. Todas elas tinham como objetivo aumentar a influência cultural de Portugal na região. Porém, apesar da forte especulação, nunca foram encontrados documentos sobre a especificidade do caju em tal processo. Duas hipóteses são as mais aceitas dentre as pessoas com as quais conversei. A primeira hipótese é que documentos oficiais sobre a relevância do caju, no processo colonial português, nunca existiram. A segunda hipótese é que tais documentos foram destruídos durante a mudança de governo que sobreveio a Revolução dos Cravos.

Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas no ano de 2020. O autor relata que:

Argumenta-se que as sementes de caju foram trazidas do Benim e de Moçambique, e já em 1911 alguns postos administrativos coloniais em áreas rurais tinham pequenos campos experimentais de caju para estimular sua produção por pequenos produtores (TEMUDO e ABRANTES, 2014)⁸³. No país existem duas variedades de caju “Caju di Mozambique”, com maçãs amarelas e nozes de calibre e “Caju di Terra”, com maçãs amarelas e avermelhadas e nozes menores. Na Guiné-Bissau, a maioria dos pomares de caju é cultivada com o “Caju di Terra” variedade, apesar de ter nozes menores, já que as maçãs são mais doces e usadas para o suco que é vendido localmente para aumentar a renda do produtor de caju (MONTEIRO et al., 2017)⁸⁴. A sua expansão cresceu rapidamente.

Em meados da década de 1940, os cajueiros podiam ser encontrados em todo o país nas beiras das estradas e as famílias de agricultores começaram a usar a maçã de caju para produzir bebidas alcoólicas. Já que era um produto de fácil acesso e que permitia a comercialização da mais valia na capital do país (Bissau) (TEMUDO e ABRANTES, 2014)⁸⁵.

O cultivo do caju teve um primeiro impulso sob a instigação do governador Sarmento Rodrigues (1945-1949), que promoveu sua expansão. Pelos meados da década de 50 estimava-se que a produção de castanhas era de 400 t por ano. No final da década de 1950 havia um consenso entre autoridades coloniais que o cajueiro tinha o potencial de assumir uma liderança papel no desenvolvimento agrário e industrial da Guiné-Bissau.

O valor potencial do cajueiro, sua robustez e possibilidade de utilização em culturas intercalares ou uma espécie de cobertura para longos períodos de pousio, a fim de recuperar fertilidade do solo, tem sido sugerida como prioritária para pesquisas e experimentação. Em meados da década de 1960, a exportação de castanha de caju atingiu 1250 toneladas e continuou a aumentar durante a década de 1970 (CATARINO et al., 2015)^{86,87}.

⁸³ A referência completa da citação é: TEMUDO, M. P.; ABRANTES M. The Cashew Frontier in Guinea-Bissau, West Africa: Changing Landscapes and Livelihoods. *Hum Ecol* v.42, p. 217-230. 2014. Disponível em : <https://link.springer.com/article/10.1007/s10745-014-9641-0>. Acesso em: 05 dez. 2018.

⁸⁴ A referência completa da citação é: MONTEIRO, F.; CATARINO, L.; BATISTA, D.; INDJAI, B.; DUARTE, M.C.; ROMEIRAS, M.M. Cashew as a High Agricultural Commodity in West Africa: Insights towards Sustainable Production in Guinea-Bissau. *Sustainability. Sustentabilidade*, v. 9. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su9091666>. Acesso em: 17 de maio de 2020.

⁸⁵ Mesma referência da nota 83.

⁸⁶ A referência completa da citação é: CATARINO, L.; YUSUFO, M.; YUSUFO, S. R. Cashew cultivation in Guinea-Bissau – risks and challenges of the success of a cash crop. *Scientia Agricola*, v. 72, n. 5, p. 459-457. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sa/v72n5/0103-9016-sa-72-5-0459.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁸⁷ SECA, Abdulai Ismail. *A Expansão do Cultivo do Caju e Seus Impactos Ambientais e Econômicos na Guiné-Bissau*. 2020. Dissertação (mestrado) – Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020, p. 32-33.





* * *

Após apresentar os primeiros Balantas da Campada Maria, aqueles que chegaram no início do ciclo do caju, agora, chegou o momento de apresentar os *Brasse* que vieram na segunda onda de migração, evento ocorrido nos anos que se seguiram à independência de Guiné-Bissau. Como dito anteriormente, a história da família de Cláudio se confunde com os acontecimentos naturais, políticos e econômicos do país. Se a narrativa sobre a vida de Carlos Alves se confunde com o ciclo do caju, a narrativa sobre Raquel Alves nasceu – literalmente – durante a guerra de independência do país.

Mana Raquel nasceu em plena guerra de independência. Seu pai, Lula da Silva⁸⁸, e sua mãe, Marisa, combateram durante todo o conflito pelas forças que reivindicavam autonomia para Guiné-Bissau. Durante o ano de 1969 Chingha ficou grávida de Raquel e precisou se esconder em uma tabanca chamada Campada Papai, bem próxima da Campada Maria (cerca de 5 km em direção a Ingoré). Seu comandante ordenou que ela permanecesse longe do conflito para garantir a segurança da criança.

Quando estou em Guiné-Bissau vejo Chingha quase toda semana, tenho oportunidade de conversar com ela durante longas horas. A ex-combatente conta que não tem nenhum documento, não cansa de dizer que nunca teve vontade de fazer *papéis* (termo dela). Todavia, Chingha garante que tem 90 anos de idade. Aproveitando a lucidez e boa saúde dela, eu e Cláudio pedimos para ela mesma narrar os acontecimentos que cercaram os primeiros dias de vida de Raquel:

*Raquel i padidu parmanha.*⁸⁹ A menina nasceu igual um peixe: se batendo. E não chorou tanto igual os outros homens que *pari*. A criança, pobre coitada, teve só uma semana de vida tranquila. Completando uma semana, estava dando de mamar para ela na varanda e chegou a tropa de Cenor (Lula). Ele olhou para a menina durante duas piscadas de olhos, virou para mim e disse: *os tugas*⁹⁰ sabem que há mulheres do PAIGC⁹¹ aqui.

⁸⁸ É costume entre os Balantas que algumas pessoas recebam dois nomes. Um nome de origem portuguesa e outro nome de origem Balanta. O pai de Raquel é conhecido por dois nomes, o nome português que é Lula, e o nome Balanta que é Cenor. Não é uma regra geral, algumas pessoas recebem dois nomes, outras não.

⁸⁹ Em uma tradução livre do crioulo guineense para o português: Raquel nasceu de manhã.

⁹⁰ Chingha usa o termo “tuga” do crioulo guineense, nesse contexto, para se referir aos soldados portugueses. Entretanto, o termo pode ser usado também de outras formas. Em outros contextos, a palavra “tuga” é usada com o objetivo de fazer referência às pessoas portuguesas, ou qualquer pessoa de pele branca. É um termo usado, quase sempre, de forma depreciativa.

⁹¹ Ver nota 17.

Não perguntei nada, na guerra você sabe que não há tempo de perguntas. *Eee, Marcelo e Cláudio, boka pudi vivi 1 dia na batalha. Bo sibi kuma sumo Coca-Cola katem lá?*⁹² Não existe diversão, não sei como aguentei aquilo.

O que aconteceu é que partimos rumo a fronteira do Senegal, não podíamos ficar na Campada Papai, se os tugas chegam e encontram os guerrilheiros vão matar todos, até quem não era do PAIGC.

No caminho da fronteira entramos pelo mato, os brancos não tinham coragem de entrar no mato de noite. Estava muito escuro. Eu estava levando Raquel na *banheira*⁹³, mas ela não parava de chorar. Então coloquei nas minhas costas, ela continuou chorando muito. Então coloquei no braço, aí ela parou. Ninguém tinha coragem de reclamar do choro da menina, todo mundo já tinha perdido crianças na guerra. Os brancos jogavam *bombas* que queimavam e não era possível apagar com água, nunca tínhamos visto aquilo.⁹⁴ Muitas crianças morreram com aquelas *bombas*.

Eu sei que a *Badjudinha*⁹⁵ parou de chorar depois de um tempo. A *banheira* foi carregada por uma companheira minha, eu ainda sentia as dores do parto, não estava bem para caminhar. Também levava na minha cabeça 20 litros de óleo de *chabéu*⁹⁶, Cincora mandou deixar, não obedeci. Aquilo podia alimentar muitas gentes da tropa se fosse misturado com arroz.

De repente luz e sons rápidos, como se uma *Baguera*⁹⁷ voasse muito rápido próximo de você. Na hora a pessoa não pensa em nada, só em ficar viva. Todos abaixaram na mesma hora, eu também abaixei. Abaixei com a mão protegendo a cabeça da criança, não pensei nisso, só fiz. Me coloquei contra os tiros, podia pegar em mim, afinal também tinha matado gente dos tugas, mas em Raquel não podia pegar. Nunca uma mãe vai permitir isso.

Para nossa sorte o mato que atravessávamos era mato da terra, *Folé, Cabaceira, Po di Sangui*⁹⁸, esses matos que são fechados. Se fosse mato de caju ia ser pior, é muito aberto. Os tugas só podiam atirar de longe, não tinha coragem de entrar. Mas não sei o motivo pelo qual eles não foram insistentes, não fizeram cerco, atiraram uns 10 minutos e foram embora. Esperamos por 1 hora, mandamos batedor e eles já tinham ido. Fugimos para o Senegal.

⁹² Em uma tradução livre do crioulo guineense para o português: Eee, Marcelo e Cláudio, vocês não iam viver 1 dia na batalha. Sabem que o refrigerante Coca-Cola não tem lá?

⁹³ O significado da palavra em crioulo é o mesmo que em português. A narradora está falando daquelas banheiras de plástico feitas para dar banho em bebês.

⁹⁴ Infelizmente mais uma nota de rodapé em que preciso explicar as atrocidades cometidas contra guineenses. Chingha está falando do explosivo conhecido popularmente como *Napalm*. Essa arma incendiária foi usada pelos portugueses durante a *guerra colonial*. Existe uma vasta documentação sobre tal conjuntura. Inclusive, documentos oficiais que estavam preservados, foram resgatados e depois publicados por historiadores portugueses. Quero dar especial destaque para dois nomes, o historiador António de Araújo e o historiador António Duarte Silva.

⁹⁵ A palavra “badjudinha” do crioulo guineense pode ser traduzida em português por “menininha”.

⁹⁶ Chabéu é o fruto de uma palmeira que existe em grande quantidade na Guiné-Bissau, o nome da planta no crioulo é Cibe. A palmeira em *krasse* é chamada de *P'quem*. No Brasil, o Chabéu é conhecido por Dendê.

⁹⁷ A palavra “baguera” do crioulo guineense pode ser traduzida em português por “abelha”.

⁹⁸ Todas essas plantas constituem, uma parte, da mata nativa de Guiné-Bissau.

Pensei que não era certo um bebê passar por aquilo, por isso fiquei na retaguarda do PAIGC nas proximidades do Senegal. Já Cincora lutou na linha de frente até o último dia de guerra. Depois do fim chegou e me disse, não quero virar como político no Bissau, vamos criar vacas. Eu concordei, sou filha de tabanca, não posso viver na cidade.

Nós Balantas que seguramos a guerra, éramos a maioria dos combatentes.⁹⁹

É quase consenso dentro da oralidade Balanta a afirmação de que a maioria dos combatentes pela independência de Guiné-Bissau era do grupo étnico *Brasse*, eles historicamente se reconhecem como uma das etnias que mais praticaram oposição ao domínio português. Porém, não há documentos que comprovem a etnia dos combatentes do PAIGC naquele tempo, então não será possível fazer uma comparação bibliográfica ao argumento. Também é importante destacar, mais uma vez, que a oralidade com a qual tenho contatos intensos é a Balanta, desse modo, acho importante relativizar o teor de alguns comentários, tendo visto o costume da etnia narradora em se colocar como centro ativo da ação.

* * *

Após o conflito, não só Lula, mas também diversos combatentes – dentre eles muitos Balantas – não tinham para onde voltar. Suas tabancas haviam sido destruídas ou eles, simplesmente, tinham perdido os laços com a *terra natal* depois de tantos anos de guerra. Segundo Raquel, foi nesse tempo que muitos ex-combatentes *Brasse*, que haviam lutado no norte do país, foram viver com suas famílias na Campada Maria. Atraídos pelo progresso de N'dela e Namoante, todos queriam retomar uma vida pacata e viver a promessa de um novo país. Segundo a oralidade na Campada Maria, depois de 1975 com a chegada dos ex-combatentes e suas famílias, a tabanca passou a ser uma vila com a maioria populacional do grupo étnico Balanta.

Raquel conta que naquela época ela era bem nova e não lembra de nada, mas diz que Lula costumava falar sobre os anos após a independência como anos de esperança e alegria. Também foram anos de mudanças constantes, pois Marisa e Lula estavam sempre em busca do melhor local para criar o amplo rebanho de vacas. Segundo Raquel, viveram

⁹⁹ A narração foi feita na língua balanta (*krasse*) no dia 22/04/2021. Anotada em papel também na língua balanta, posteriormente traduzida para o português por Cláudio Alves. Os trechos que Chingha falou em crioulo guineense foram mantidos com objetivo de diferenciar as duas línguas. As palavras em crioulo estão em itálico.

como nômades por quase 10 anos. Depois disso estabeleceram vida na tabanca de Kubompor, próxima da Campada Maria (cerca de 3 km em direção a São Domingos).

Quando Raquel completou 15 anos, Carlos Alves foi até a casa de Lula e manifestou o desejo de casar com a adolescente. Lula aceitou. Em 1987, com 17 anos, Raquel foi morar na Campada Maria. Ela foi a última das 4 esposas de Carlos Alves, é a mulher da casa que mais teve filhos, entre biológicos e de criação são 14 pessoas. Em 2017 António morreu de causa desconhecida, Raquel ficou viúva.

Em setembro de 2022, *Mana* Raquel vai completar 52 anos. Ela continua vivendo na Campada Maria, tornou-se responsável pela morança de António junto com Cláudio. Graças ao prestígio de seu pai combatente¹⁰⁰, e também ao número de posses de António, os Balantas da região a aceitam como liderança (apesar de não ser uma situação oficializada).

Aconteceram por meio de conversas com Raquel, meus primeiros contatos com a questão política e econômica da Guiné-Bissau. Acho interessante resgatar estes primeiros diálogos e refletir, não só sobre a política e economia do país, mas também, como tal questão se manifesta em meu discurso ao longo do tempo.

Em 2019, usando um gravador de som registrei uma conversa entre nós:

Meu pai Lula da Silva lutou quase 11 anos na guerra de libertação da Guiné, participou da expulsão dos portugueses na região do Cacheu. Foi responsável por comandar um pequeno grupo do PAIGC que expulsou uma tropa grande de portugueses que subiam o braço do rio Cacheu que vai dar em São Domingos; depois disso ganhou o apelido de “5 horas, corra português”.¹⁰¹

Continua:

Mesmo com todo esforço feito em conjunto, toda a gente ajudou o PAIGC a fazer a independência, agora não é toda gente que fica com poder para escolher as coisas. Os políticos ficam em Bissau e de lá dizem o que mandam, não estão preocupados com os filhos da Guiné, os jovens quando crescem sonham em ir embora da África, quase nenhum pensa em ficar. Não era o espírito que a revolução tinha planejado.¹⁰²

¹⁰⁰ Em Guiné-Bissau existe, ainda, muita injustiça com as mulheres. Um exemplo claro está no prestígio que os ex-combatentes pela independência desfrutam em contraponto ao total descaso com as mulheres que também combateram. Se apenas Chingha tivesse combatido, Raquel, certamente, não teria o mesmo respeito na região.

¹⁰¹ Relato gravado em fevereiro de 2018.

¹⁰² Idem.

Esta foi a primeira conversa explícita que tive com Raquel sobre política. Na época, eu apenas escutava. Não tinha segurança de responder. Os debates continuaram ao longo do tempo, e Raquel foi me dando mais detalhes sobre a vida de uma pessoa que vive na tabanca. Em outra oportunidade ela disse o seguinte:

Marcelo, muitos anos passaram, aconteceu muita luta. As gentes morreram pensando em liberdade. E no fim o plano de Cabral acabou assim, as pessoas da tabanca acabaram como bicho, comendo só uma vez no dia.¹⁰³

Naquela época não soube como reagir. A afirmação de Raquel me soou como uma pergunta: o plano de Cabral era o país ficar desse jeito? Sabia que não existia uma resposta definitiva para a questão, entretanto necessitava pesquisar, queria entender melhor a posição de Raquel. Antes da pesquisa, a única coisa que eu sabia sobre Amílcar Cabral era o senso comum: nele figurava um homem fundante para a independência do país; conforme o homem cresceu, cresceram também as chances de nascer o momento histórico desencadeador da libertação nacional. O discurso do senso comum fala que, basicamente, sem Cabral não haveria independência.

Ainda em 2019 iniciei minha pesquisa sobre Amílcar Cabral, os primeiros resultados me deixaram surpreso. A pesquisa deu no mesmo lugar que o senso comum, encontrei uma unanimidade. Amílcar Cabral era para todos os autores que li (de diversos países) uma esfinge de liberdade e potência política:

As palavras de Cabral, suas reflexões apresentadas neste volume, não são somente documento de uma época. Além de testemunha de uma experiência revolucionária, prova de que a África pode seguir sua própria via de desenvolvimento, o desenho teórico-político traçado pelo autor permanece um instrumento de completa atualidade. Como afirma Aminata Traoré, hoje, mais do que nunca, é necessário “tecer de novo” os “fios de esperança” de algumas vozes da África desse período que buscavam “uma nova consciência histórica e política”.

Entre harmonia e contradição busca chamar a atenção de leitores, militantes, críticos, educadores e estudiosos contemporâneos à extraordinária contribuição de Amílcar Cabral, para que possamos com isso manter firmes, no presente, tais “fios de esperança”, tão úteis e indispensáveis aos muitos desafios que o atual processo de globalização (re)propõe para as sociedades.¹⁰⁴

¹⁰³ Anotação de dezembro de 2018.

¹⁰⁴ VILLEN, Patricia. *Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 18.

Com certeza inseguro com o tema, e sendo pretensioso, em abril de 2019 aproveitando que estava em uma série de reuniões com os gestores do Parque Nacional do Rio Cacheu, escrevi junto com meu amigo William Intipe¹⁰⁵ algumas linhas biográficas:

Amílcar Lopes Cabral era filho de mãe guineense e pai cabo-verdiano. Em 1959 participa da fundação do PAIGC (partido que permaneceu clandestino até a independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde). É reconhecido como o principal idealizador da constituição dos países como unidade. Sua teoria é fortemente baseada na crítica ao neocolonialismo, contra o excesso de dogmas que permeavam a cultura africana, a favor da ascensão das mulheres na sociedade e igualdade social. Por ter vivido a infância em ambos os países, Cabral foi capaz de fazer uma leitura muito particular em relação a situação das duas colônias de Portugal, traçou simetrias que foram fundamentais para a elaboração de uma resistência efetiva e duradoura nos dois territórios. A guerra pela independência durou muito mais do que as tropas de Portugal e Guiné-Bissau imaginavam. Nesse longo tempo de luta, Amílcar Cabral pode experimentar e refinar seu método. Com Cabral surge mais que um argumento sobre história da África, é posta em perspectiva a questão título do neocolonialismo: o papel do homem europeu como figura central em um projeto de poder. A luta pela independência causou ao neocolonialismo uma fissão irremediável, retirou força da argumentação que define o homem branco como um ser pronto e estático dentro da história, capaz de salvar outros homens “inferiores” sem nem pensar em problematizar suas atividades. Através da teoria de Amílcar Cabral a racionalidade humana (apesar de inegável) se transformou em uma salvaguarda menos definitiva. Do mesmo modo, está no trabalho de Cabral uma renovação da história de Guiné-Bissau, o país volta a existir a partir do momento em que lhe é atribuído um papel de fora do discurso de centralidade europeu. Infelizmente, antes do fim da guerra o PAIGC, que vinha demonstrando sinais de crise, quase afundou. O ápice do problema ocorreu com o assassinato de Amílcar Cabral em um desentendimento com colegas da direção do partido. O idealizador da independência nunca pisou no país libertado.¹⁰⁶

Relendo este texto, consigo reconhecer facilmente que nossa interpretação não estava longe do discurso que busca oficializar um símbolo. O Cabral descrito por nós em 2019 é uma criação unilateral e sem ambiguidade nenhuma. Sem dúvida fomos ingênuos na produção da narrativa. Esta breve biografia de Amílcar Cabral poderia ser a biografia oficial de qualquer fundador nacional, bastaria trocar o protagonista e manter os adjetivos.

Próximo de finalizar minha segunda viagem à Guiné-Bissau, em junho de 2019, sentei com Raquel, queria conversar mais um pouco sobre a posição dela. Iniciei falando que, quando lia os textos de Cabral, tinha o desejo de concordar com tudo, provavelmente ele levou uma vida com intenções para além da burocracia, no mínimo era um bom orador. Porém, quando eu olhava para os pedaços do país a que tinha acesso, não via

¹⁰⁵ Ver nota 55.

¹⁰⁶ Manuscrito realizado em abril de 2019.

nenhuma das coisas idealizadas nos textos. Acrescentei que meus olhos de estrangeiro eram um problema, não conhecia de fato a profundidade das relações históricas do país, também havia sutilezas nas tradições locais que eu simplesmente ignorava. Afirmi para Raquel que uma reflexão com rigor exige tempo, a pesquisa que eu havia feito sobre Amílcar Cabral era *nada*. Continuava não me sentindo confiante com o tema. Assumi para *Mana* que não conseguia saber qual era o plano de Cabral. Nem se deveria vê-lo como um herói ou vilão. Todos os argumentos que vinham na minha cabeça pareciam um grande emaranhado de opiniões sem fundamento, se continuasse naquele caminho o resultado seria uma generalização sem rigor.

Raquel respondeu:

Amílcar Cabral não existe mais, a história dele foi contada junto com a história da independência. Não dá para separar mais as duas coisas, quem ganha com isso são os políticos que falam: somos os continuadores de Cabral. Eles enganam, falam que são herdeiros dos fundadores; se Cabral pariu filhos assim então que tristeza. Na nossa família você não vai ver nenhum sinal de relação com o governo.¹⁰⁷

A opinião de Raquel, ainda hoje, é taxativa ao afirmar que os políticos de Guiné-Bissau nunca vão mudar. Ela duvida de que os herdeiros do poder tenham intenção de romper com os privilégios. É possível traduzir sua opinião da seguinte maneira: os poderosos de Guiné-Bissau continuam governando, pois a estrutura de dominação colonial eurocêntrica é parte fixa nas relações de poder internas ao estado – essas relações não foram alteradas com a independência do país.

A posição de Raquel, franca e sem medo, me fez querer conhecer mais. Em julho de 2019, quando cheguei ao Brasil, resolvi ler Amílcar Cabral na fonte, ter contato com os textos e discursos dele próprio. Quanto mais lia cabral, mais os argumentos de Raquel pareciam fazer sentido. Lendo as reflexões de Cabral, é possível notar que ele mesmo sabia da dificuldade vindoura. Em suas falas reconhece o problema que seria uma organização de poder na região conseguir, logo após a independência, ir para além da ideia de centralidade colonial em termos de governo. O tema foi assunto frequente em seus discursos:

Quer dizer, em nosso entender não é possível fazer uma luta nas nossas condições, não é possível lutar de facto pela independência de um povo, não é possível estabelecer de facto uma luta armada como a que tivemos que estabelecer na nossa

¹⁰⁷ Anotação feita em junho de 2019.

terra, sem conhecermos a sério a nossa realidade e sem partirmos a sério dessa realidade para fazer a luta.

[...]

Todos vocês conhecem qual é a realidade social da nossa terra a desgraça da exploração colonialista. Mas não sejamos tão acusadores dos colonialistas.

Desgraça também da exploração da nossa gente pela nossa gente. Vocês viram ontem, quando vos falei da estrutura social da nossa terra. Nós somos, de fato, explorados pelos colonialistas na nossa terra, na Guiné e em Cabo Verde. Tanto no comércio em Cabo Verde, como na Guiné, os colonialistas são sempre os que ganham mais até ao fim, porque em Cabo Verde, por exemplo, não há nenhuma empresa comercial que não esteja ligada a uma empresa em Portugal. Assim como na Guiné, o monopólio de todo o nosso comércio (o nosso não, o seu comércio) era da Gouveia e da Ultramarina, ligadas aos Bancos, tudo dos tугas.

Mas, camaradas, temos que dizer a verdade. Muito povo de Cabo Verde sofreu por causa da exploração dos donos das terras, cabo-verdianos mesmo. Assim como na Guiné, uma parte do grande sofrimento do nosso povo estava nas mãos da nossa própria gente.

Isso não podemos esquecer de maneira nenhuma, para podermos saber o que é que vamos fazer no futuro.¹⁰⁸

É claro que o tema passa por uma realidade muito anterior ao processo que realizou a independência do país, a questão é maior do que parece. Ela exige cuidados sob pena de cair em redução. A exploração escravocrata do mercantilismo, seguida do processo de colonização genocida, são pilares da organização de poder na região. Não há como supor que um *simples* marco, uma data que proclama a independência, transforme por completo a situação social de um país. Não tenho qualquer dúvida de que a exploração secular, o cativo imposto aos povos da região, são fundamentais e produzem enorme influência dentro da Guiné-Bissau. Por outro lado, creio ser necessário duvidar de qualquer generalização.

O assunto exige maior reflexão, tentarei fazer o trajeto nas próximas páginas. De qualquer modo, é interessante salientar que essa opinião sobre o governo não é uma opinião só de Raquel. É uma postura muito difundida, dentro da oralidade das tabancas o governo do país, quase sempre, é tratado como vilão. Grupo de aproveitadores que existem do outro lado da fronteira social do país.

¹⁰⁸ CABRAL, Amílcar. Partir da realidade da nossa terra. Bissau: PAIGC, 1984. p.21. e p.31



Acordo cedo para acompanhar Cláudio em uma travessia rotineira e perigosa. Todas as madrugadas durante a colheita¹⁰⁹ do caju inúmeros jovens passam a fronteira entre Guiné-Bissau e Senegal. O objetivo é conseguir vender o produto por um valor alto e livre de impostos. O preço da castanha de caju no Senegal pode chegar ao dobro do praticado no mercado interno guineense. Ziguinchor, cidade senegalesa mais próxima da fronteira norte do país, tornou-se um centro regional de negócios, virou sinônimo de lucro certo para quem consegue cruzar o limite entre os países sem ser pego por fiscais. Graças ao número alto de soldados que fazem a patrulha é preciso atravessar com pouca quantidade de produto, no máximo 3 sacos de 50 kg por vez. Diante disso, não só os filhos de Raquel, mas quase todos os agricultores que vivem na região, ficam boa parte da madrugada esperando que os militares se distanciem.

Ao sair de casa sinto aflição, vontade de ficar. Luto contra isso e enfrento, preciso viver a experiência, não ficar apenas sentido-a de fora. Quero saber o que move os jovens que fazem essa tarefa, olhar o comportamento e a expressão facial deles durante a travessia; e mais ainda, quero dar oportunidade para que eles me vejam na mesma situação. Assumo meu papel de *intruso*, sei que é uma constante em nossas relações. Por outro lado, não quero ser um observador que permanece de longe vendo tudo em segurança. Hoje não há lua, e o caminho fica completamente escuro, não vejo nada além da luz da lanterna que Cláudio segura. Como já aprendi a caminhar na mata, não tropeço tanto. Os jovens até se esquecem de mim e começam a conversar sobre a garota mais bonita da vila na opinião deles, chamada Sinha. Ela agora está namorando um rapaz de outra etnia que vive na cidade. Eles fazem brincadeiras e dizem que é por dinheiro. Um dos rapazes esbraveja, fala que o namorado de Sinha não vale nada, tem medo até da sombra. Eu começo a rir quando descubro que o nome do namorado de Sinha é Zidane. Eles não entendem, acham que estou rindo pelo fato de o jovem ter medo de andar de moto sem capacete. Como poderia rir disso? Eu, sem dúvida, tenho mais medo do que ele.

Nenhum perigo aparece, nenhum fantasma, animal selvagem, muito menos soldados. O sono volta, parece até bem entediante. Diferente do que imaginava, não enfrentamos nenhuma resistência, nem sinal dela. Os garotos têm grande vantagem perante os militares, conhecem bem os locais da mata e as planícies. A conversa sobre Zidane os deixou bem soltos e animados. Perguntam se faço isso para escoar meu caju

¹⁰⁹ O processo se dá entre os meses de março e junho, o ponto alto da safra é em maio.

quando estou no Brasil. Digo que não tenho horta. Exceto Cláudio, ninguém acredita. Isso gera interesse. Continuam perguntando mais coisas sobre minha vida, como tenho dinheiro se não planto nada. Explico que sou da cidade, há gerações ninguém da minha família planta nada. Sou uma espécie de Zidane brasileiro, inclusive pelo bom futebol. Eles riem, e falam que meu futebol não é tão bom assim.

Aproveito, sinto abertura e pergunto: como é a relação com os soldados?

Um jovem chamado Sambu responde, diz que depende muito, se a patrulha que aborda a pessoa estiver composta somente por soldados, há grandes chances de deixarem passar. Diz que os soldados são como eles, jovens de tabanca que estão procurando uma vida melhor. É muito difícil receber violência de soldados quando não há oficiais por perto, no máximo deixam 1 dos 3 sacos como suborno. Quando o oficial está presente as coisas mudam. Sambu conta que uma vez perdeu toda a carga e sofreu palmatória. Diz conhecer pessoas que além de perder a carga perderam a bicicleta e também o dinheiro que tinham no bolso. Questiono o motivo de ser tão diferente assim quando há um oficial. Contam-me que o salário de uma oficial é muito maior do que o do soldado, por esse motivo eles não podem deixar ponta solta e arriscar uma denúncia. Existem muitos soldados interessados no posto, esperando qualquer chance para ocupar o lugar.

Logo avistamos três motos esperando, é sinal de que já estamos no Senegal. Neste momento não há mais perigo. Por motivos óbvios, o governo do país não realiza nenhum tipo de fiscalização séria. O produto comprado dos guineenses que vão até Ziguinchor é vendido, posteriormente, no porto de Dakar com preços altíssimos para países da União Europeia, Oriente Médio e América.

Chegamos ao mercado de Ziguinchor próximo ao meio dia. O vendedor sorridente e falador me incomoda, não por seus comentários – depois me contaram que ria da minha cor – mas por seu idioma. Ele fala alguma língua que utiliza certas palavras em francês, nunca me interessei pelo idioma francês ou por vendedores; pela primeira vez em 2 meses eu me sinto completamente longe de casa. O mercado é um imenso emaranhado de gente, e Cláudio conhece cada pedaço. Sua felicidade por conseguir atravessar sem problemas me faz simular uma cara alegre.

As pessoas comprimidas nos corredores pouco se interessam por nós, estão acostumadas com estrangeiros. Carregam aquele ar indiferente que presenteia as multidões da cidade grande. O interesse de quase todos durante o mês de maio é um só:

castanha de caju. O balé entre negociantes não me causa nenhum tipo de atração, tento focar nos movimentos e não consigo. Resolvo que depois perguntarei para Cláudio sobre o que falavam e quais eram as condições de compra. Tenho certeza de que, independente do que for tratado, o camponês vai perder. Estou mais interessado na vendedora de peixes que não para de repetir “branco belle”, ela sim atraí. Eu me aproximo, e a moça diz que seu nome é Maymuna. Logo surge Cláudio, está um pouco irritado, diz que não posso ficar conversando com mulher senegalesa sem saber quem é, pode dar conflito com o *povo* dela; avisa que o Senegal não é a Guiné, devo ter cuidado por aqui.



* * *

Na metade de 2020 liguei para Raquel, queria passar algumas instruções para ela se proteger do Covid-19. *Mana* estava brava, o governo guineense havia aumentado a guarda da fronteira,¹¹⁰ estava proibido atravessar por conta do vírus. Ela me disse que o dinheiro dela não poderia durar nem 15 dias. Sem comércio com o Senegal não sabia o que fazer. Tentei acalmar Raquel e prometi que ajudaria. Logo em seguida, aproveitando que estava com o telefone na mão, liguei para minha filha mais nova, Anser, que vive na capital. Economicamente era como se o vírus não existisse para ela, tirando o isolamento

¹¹⁰ A importância das transferências de produtos pela fronteira é enorme. É por meio do mecanismo que as pessoas que vivem nas tabancas do norte do país conseguem vender seus produtos agrícolas por valores altos.

social, o Covid-19 pouco afetou a vida de Anser. Bom, pensei que não deveria levar a vida de Anser como exemplo, afinal ela era uma criança, e além disso recebia dinheiro do estrangeiro. Resolvi ligar para algum adulto. Disquei o número de um amigo que é bancário em Bissau, mesma coisa: fora o isolamento social, a vida econômica dele não tinha sido afetada. Então liguei para uma amiga que é professora. Mesmo resultado de antes. Para tirar a última prova liguei para Ana Gomes, neta de Namante. Ela estava mais desesperada do que Raquel, falei para Ana sobre meu experimento. A resposta dela foi uma risada. Em seguida disse que isso era óbvio, qualquer guineense sabia do abismo entre as cidades e as tabancas no país.

Nos dias seguintes, fruindo do tempo livre que o isolamento social havia me dado, resolvi mergulhar completamente no argumento de Ana. Tentar entender se existia um abismo entre o rural e o urbano no país. Rapidamente, mesmo que de forma arcaica, a investigação me deu algo: sim, existiam diferenças grandes. Enquanto lia as informações lembrei de minhas visitas a Bissau e a outras cidades do país, recordei que nelas havia um relativo controle estatal e um esforço para assimilar a cultura do ocidente. Já no interior isso quase não acontecia. Por exemplo, em Bissau era promovido um combate constante às punições físicas nas escolas. No interior do país, pelo menos nos lugares onde fui, as crianças continuavam sofrendo com surras e torturas psicológicas quando eram consideradas *burras* na sala de aula.

Durante a pesquisa encontrei o último relatório da UNICEF que trata sobre Guiné-Bissau.¹¹¹ O documento publicado em 2018 informava que a mortalidade infantil no país continuava alta e pouco controlada. A cada 1.000 nascimentos foram contabilizadas 38 mortes de recém-nascidos, o número mais que triplicava quando eram consideradas complicações no parto ou morte da mãe. Os números revelavam que um parto em Guiné-Bissau, em 2018, tinha aproximadamente 15% de chances de apresentar problemas graves – a situação no interior era mais drástica ainda, pois na capital existia para onde correr.

Também descobri que a tentativa de ocidentalizar as cidades do país gera custos enormes. Somente na balança de exportação, em 2020, Guiné-Bissau teve um déficit estimado de 23,9 bilhões de Francos CFA.¹¹² É difícil ver sentido em tal ambição de

¹¹¹ Cf. UNICEF. *Every Child Alive – the urgent need to end newborn deaths*. Genève: United Nations Children’s Fund, 2018.

¹¹² CEM, Ministério da Economia e Finanças da Guiné-Bissau. *Nota do enquadramento macroeconômico e orçamental de 2020*. Bissau: Governo da Guiné-Bissau, 2020. p. 5. Em Outubro de 2021, o Francos CFA valia cerca de um centavo de real. Por essa cotação, o valor acima equivale a cerca de 230 milhões de reais.

ocidentalização, pois enquanto escrevo este trecho, agosto de 2021, o sistema público de educação em Guiné-Bissau completa 7 meses de greve. Situação que permanece sem previsão de acabar: o presidente do país Umaro Sissoco, que foi recebido em Brasília, também em agosto, com honras, pelo atual presidente brasileiro, confessadamente admirador de ditadores de direita, recusa qualquer tipo de negociação com os professores. Naturalmente, escolas privadas continuam funcionando, mas elas são escassas na região rural e sempre custam caro.

A falta de sintonia entre a centralidade do poder e o povo que vive no interior é encontrada, também, no sistema de saúde básico precário, na falta de atenção com entidades de desenvolvimento interno e no cuidado quase nulo com o bem estar das crianças que vivem em tabancas. Na construção oficial da história as pessoas do campo estão posicionadas em lugar de destaque, são o povo que se rebelou contra o dominador branco. Porém, na economia, aparentemente, nunca deixaram de ser mão de obra barata e material humano descartável.

Ngugi Wa Thiong’o tem um famoso ensaio sobre o satírico em que trata da prosa do escritor nigeriano T. M. Aluko. Descreve o relacionamento problemático dos projetos europeizados de organização pós-independência e o quanto isso chega de modo espinhoso na população:

What does this independence mean? For the peasants and the urban workers this is a period of gradual disillusionment. Independence has not given them back their land. They are still without food and clothes. But now there is a difference. Before independence basic realities were boldly and visibly delineated: all conflicts were reduced to two polarities – white was wealth, power and privilege; black was poverty, labour and servitude. ‘Remove the white man,’ cried the nationalist leaders, ‘and the root cause of our trouble is gone.’ Gone? Not exactly! The peasants and workers are still the hewer and carriers, but this time, for what Aluko would call the ‘black White Man’.¹¹³

Após 15 dias eu ainda estava imerso na pesquisa sobre o rural e o urbano em Guiné-Bissau, minha busca na infinidade de livros físicos e arquivos em PDF foi

¹¹³ THIONG’O, Ngugi Wa. *Homecoming: essays on african and Caribbean literature, culture and politics*. London: Heinemann, 1972, p. 56. Em uma tradução livre do inglês para o português: O que essa independência significa? Para os camponeses e trabalhadores urbanos, este é um período de desilusão gradual. A independência não lhes devolveu suas terras. Eles ainda estão sem comida e roupas. Mas agora há uma diferença. Antes da independência as realidades básicas eram claras e visivelmente delineadas – branco era riqueza, poder e privilégio; preto era pobreza, trabalho e servidão. ‘Expulsemos o homem branco’, gritavam os líderes nacionalistas, ‘e a raiz de nossos problemas desaparecerá’. Desapareceu? Não exatamente. Os Camponeses e trabalhadores ainda são os mineradores e carregadores, mas dessa vez para o que Aluko chama de o "Homem Branco negro".

interrompida por uma ligação no dia 26 de julho de 2020. Quando atendi caiu a chamada, vi que era o número de Raquel, liguei de volta:



Ela me perguntou se eu havia pensado em alguma solução para o problema, eu disse que não. Então perguntei o que as outras pessoas estavam fazendo para contornar a situação. Raquel disse que elas alugavam motos para levar os produtos na madrugada até o Senegal. Sem pensar muito falei: vamos comprar uma moto. Na mesma semana compramos. Depois me contaram que no dia da chegada da moto houve uma enorme festa, as pessoas beberam até cair, e enquanto caíam xingavam o governo.

Não sei se hoje em dia eu me arrependo da minha atitude. O fato é que há 2 anos atrás eu não conseguia ir para longe da opinião de *Mana*, nem conseguia ir para longe de uma mistificação que, eu e os outros, faziam da minha personalidade.

Em seguida devo falar sobre a questão.

* * *

Continuando esta narrativa ficcional.

Durante minhas duas últimas viagens ao país, 2019 e 2021, pude conhecer uma parte do cinema guineense. Em um monitor de televisão, colocado na sala da casa do meu amigo Aziz Djedjo, assisti a todo tipo de obra. Sem dúvida, o filme que mais me marcou chama-se *Mortu Nega*¹¹⁴, dirigido por Flora Gomes.¹¹⁵

¹¹⁴ MORTU Nega. Direção de Flora Gomes. Bissau: Instituto Nacional de Cinema (1988). 35mm (92 min). O título do filme é uma expressão crioula, que em uma tradução livre para o português significa *rejeição da morte*. Refere-se ao doente que a morte decide não levar; aquele que viverá mais tempo. Link do filme: https://www.youtube.com/watch?v=TNZ_4lczt5A&ab_channel=avurto

¹¹⁵ Nascido em Cadique, na região sul de Guiné-Bissau, é um dos principais diretores de cinema guineense, também pioneiro da técnica no país. Fez sua formação em Cuba durante as décadas de 70 e 80, período em que Guiné-Bissau e a nação caribenha tiveram forte intercâmbio.

A narrativa está baseada na relação de Diminga com seu marido Sako – ele é combatente e está lutando pela independência de Guiné-Bissau. Quando a protagonista resolve sair de sua vila e procurar o marido que há muito tempo não vê, o trajeto fílmico acompanha sua jornada por uma guerra de independência em vias de terminar. A jovem passa a viver as relações da linha de frente e, rapidamente, mostra o valor de quem nasceu no interior. Gomes usa dessa técnica para marcar que a revolução somente existiu por ter recebido ajuda das pessoas que viviam em tabancas. Deixa fixo no conjunto narrativo, e também nas experiências de Diminga, que a constituição de uma linha de frente robusta foi resultado da participação dos camponeses.

Após o conflito, o entusiasmo dura pouco, a incerteza toma conta da vida no país. O PAIGC fatia Guiné-Bissau na forma de feudos para seus líderes. A tabanca volta para o esquecimento, deixa de ser centro de organização, retorna para a borda. Canções de vitória ecoaram pelo país, entretanto, nas letras havia um detalhe muito importante; a vitória tinha uma causa nítida: o combatente. Aquele que pegou nas armas era o responsável pela liberdade. Graças ao desejo de luta dos combatentes existia liberdade, o governo só seria forte se fosse um governo centrado na figura do homem que pegou nas armas.

Na segunda parte do filme, Sako fica doente, e o casal precisa viajar em busca de ajuda. Recorrendo aos antigos combatentes, que são agora figuras de destaque do partido, encontram apenas desculpas e indiferença. Em Bissau nenhuma porta se abre. Ao mesmo tempo, o país em franca modernização parece esquecer e repudiar as tradições das etnias locais. Diminga e Sako voltam para sua tabanca e lá preparam uma cerimônia reunindo tradições de diversas etnias¹¹⁶, querem que a morte rejeite o doente. Por fim conseguem, o plano final da obra são crianças comemorando a chegada da estação chuvosa e a cura de Sako.

A obra de Flora Gomes é permeada de otimismo e apresenta em certos momentos um moralismo forçado, ainda assim, é muito interessante e respira aspectos frescos de uma república jovem. A turbulência ética em relação ao que fazer com Guiné-Bissau está viva no filme, e sem dúvida é a maior questão de divergência não só da obra, mas também do contexto político atual no país

¹¹⁶ Gomes escolheu criar uma cerimônia original, composta por tradições múltiplas. Não pretendia localizar seus personagens em uma etnia específica.





Em 2021, aconteceu um debate na casa de Aziz a respeito de *Mortu Nega*, a questão sobre a disparidade entre o rural e urbano apareceu de novo. Na oportunidade pude conhecer diversas pessoas, escutar a opinião delas, ver que existe gente com tanta raiva da situação quanto eu, e ver também que existem outras pessoas que, apesar de não concordarem com a situação, preferem encarar os fatos com mais frieza. Isso me fez muito bem, estava precisando de um choque de realidade. Após todos irem embora, Aziz me apresentou um jornalista chamado Castro Alves¹¹⁷.

Castro perguntou se eu queria continuar a conversa, falei que sim. Não esperei nem meio segundo, comecei a dividir minhas inquietações, lembro de estar com muito ódio do governo local. Castro não disse nada, acho que esperou a raiva me cansar. Quando fiquei calado, ele iniciou seu comentário. Afirmou que compartilhava meus sentimentos, mas que de nada adiantaria aquela postura. Uma postura ética inteligente, na opinião dele, não deve enxergar o país como um paraíso que está nas mãos de tiranos. Se por acaso meu pensamento era aquele, então, ainda havia muito de idealização em minha relação com Guiné-Bissau.

Depois de alguns segundos, Castro continuou dizendo que Guiné-Bissau não é um paraíso, as pessoas do interior não são os anjos que descrevi. Entretanto, sim, é um fato que a tabanca ainda não conquistou sua independência. Nem lhe foi dada a chance, pois o dia em que o interior alcançar autonomia o governo (pelo menos na forma como está organizado) vai cair. Argumentou que um número relevante de indivíduos tinha a mesma posição que eu, a mesma raiva e a mesma vontade de atacar. Só que na opinião dele o pensamento dessa gente, assim como o meu, não se colocava no mundo. Era um pensamento que vinha cansado pela raiva, quase sempre era um mero desejo de autoafirmação. Sorriu e disse enxergar em minha fala um belo desabafo, mais nada.

Castro abriu um livro e mostrou este poema:

N' Pidi Bós

Bô purdan
 Bô purda nha tulesa
 Ami sin bós i ka nada.
 Nmisti djubi na bô pés
 Nha pobu sikidu na si balur
 Nha fiansa i na bós
 Es bô mukur-mukur

¹¹⁷ Castro tem 48 anos.

Es bô manera santadu di ntindin
 Es bô kapoti k uta tadjan di mau udjus
 Nterga tudu na bís nha pubis.
 Nha pubis si nbai un dia
 Bô kanta si berdi di speransa
 Na moransa sin igual
 Bô kontenti suma bon frutus ku mama Guiné ta danu.¹¹⁸

Castro perguntou o que achei do texto. Respondi que na minha opinião era um texto fraco, cerimonioso, a idealização do povo estava desproporcional. Os versos escorregavam para uma afetação que me parecia falsa, não tinha ousadia. Castro disse que o poeta tem um imenso conhecimento sobre a história do país, além de livre passagem no interior. Porém, assim como eu, o poeta falhava no modo de expressar os problemas da tabanca.

Falou que são poucos os setores que conquistaram a independência na Guiné-Bissau. Um deles, claramente, é a literatura. Recomendou que fosse pesquisar melhor nos livros. Fazendo isso poderia encontrar uma forma de discurso mais afiada, o contato com a literatura guineense ajudaria no despedaçamento das minhas ilusões, e meu foco estaria menos vago. Devia aprender sobre independência com quem já é independente.

Após esse dia sinto que estou mudando um pouco. Buscando enxergar o problema com mais frieza e distanciamento. Conforme me aproximo da literatura do país, entendo que não devo buscar uma solução mágica, encontrar dentro da minha idealização as ferramentas para *consertar* Guiné-Bissau. Gostaria de citar, novamente, Odete Semedo. Afinal ela tem sido uma autora chave, não somente no meu processo, mas também para a construção literária de Guiné-Bissau. Desde a década de 90 ela vem publicando com intensidade e sem o desejo de esconder as contradições nacionais, pelo contrário, sempre que possível escancara as relações guineenses. Em sua poesia vive o espírito crítico, pois ela tenta se desvencilhar dos fantasmas que tomam conta do país, ao mesmo tempo encara os problemas de frente. Nos textos que produz existe indignação por uma dívida cobrada todos os dias com sangue, como se os débitos em relação aos combatentes fossem eternos.

¹¹⁸ FERREIRA, Édison Gomes. *Fulgor Efusivo*. Bissau: Associação Guineense de escritores, 2017. p. 69. Em uma tradução livre do crioulo guineense para o português: Peço-vos/Me perdoem/Me perdoem pela minha tolice/Não sou ninguém sem vocês./Quero seguir vossos passos/Meu povo sentado sobre seu valor/Minha fiança é vocês./Este vosso murmúrio/Esta vossa forma calma de entender/O vosso capote me protege dos olhos de inimigos/Entrego-vos tudo meu povo./Meu povo se partir um dia/Cantem só o verde da esperança/Na casa grande de todos/Vocês felizes com o bom fruto que a mãe Guiné nos deu. Tradução de Castro Alves.

Simultaneamente, não esquece que existe um campo mútuo entre história e narrativa que atua sobre o país:

Bissau Sukuru

Bissau Sukuru
 Guiné fundu
 Murgudjadu na kasabi
 n na koba
 bu na ntera
 Paké nha ermon
 n punta?
 Si kaminhu i un son son¹¹⁹

Também:

**Otcha kusas kunsu
 Bissau ka misti fia**

Bissau ka mistiba fia
 na ke k'i na odja
 nin na ke k'i na sinti

Bissau dispidi di si fidjus
 nun, i mborka
 pa risibi kalef
 pa risibi limbida
 di nhara sikidu ku si fidida
 Bissau ka fia¹²⁰

Ou então:

Bu Tcholonadur

Ka bu larsi
 pertu mi
 rasta stera bu sinta

N odjau ku rostu firidu
 na mostra foronta
 bu na ianda
 pes ka iangasa tchon

¹¹⁹ SEMEDO, Odete Costa. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. p. 55. Tradução da edição brasileira: Bissau é um enigma/Bissau é um enigma/Guiné um mistério/mergulhada numa profunda angústia/eu a construir/e tu a destruíres/Porquê, meu irmão/pergunto/se o caminho é único?

¹²⁰ Idem. p. 71. Tradução da edição brasileira: Quando tudo começou Bissau não quis acreditar/Bissau não quis acreditar/no que via/no que estava a sentir/Bissau despediu-se de seus filhos/nua deitou-se de braços/para receber chicotadas/para receber açoite/com ramos espinhosos/de nhára-sikidu/Bissau não quis acreditar.

Pertu mi
 bu puntan n kontau
 punta pa moransa di kasabi
 pidin pa n mostrau
 kaminhu sin susegu
 kurba di sufrimenti
 paki ami i bu tcholonadur

Ka bu ndjutin
 perto mi
 ka bu djubi e larma
 ku na rian na rostu
 nin ka bu purfia nha kombersa
 pa e nha fala tirmidu
 di bedjisa semprenti

Pertu mi
 ka bu larsi
 bin...
 sinta, paki storia ka kurtu¹²¹

Em suma, Castro e Odete Semedo me convidaram para conhecer a dúvida. Comecei a crer na ambiguidade, não posso afirmar que deixei de ser dualista, mas tenho me esforçado e não caio mais, tanto, nas mesmas armadilhas. Percebo que antes de 2021, eu procurava legitimar a subjetividade do povo da tabanca a partir do pertencimento a um Estado-Nação. Contudo, isso não existe por lá. Minha irritação era derivada da impossibilidade lógica. Não conseguia enxergar nada, sem antes criar um conflito dicotômico entre bem e mal. Buscava enxergar um deus cristão dentro de tudo aquilo, o que não existe. Na falta disso, tentava encontrar na biografia de Amílcar Cabral, alguém que pudesse ocupar o lugar de salvador. É claro que não encontrei. O que encontrei foi um suposto antagonismo entre facções (tabanca contra cidade), que, aliado ao meu prestígio crescente, me forneceu poderes entre a população. Antes de conversar com Castro, meu comportamento era de alguém que tentava ocupar a ausência. Tentava de algum modo substituir a divindade ausente que nunca encontrei no interior da Guiné-Bissau. Queria, a partir da minha lógica cristã, amparada pela revolta de *Mana*, construir

¹²¹ Idem. p. 23. Tradução da edição brasileira: O teu mensageiro/Não te afastes/aproxima-te de mim/traz a tua esteira e santa-te/Vejo tremenda aflição no teu rosto/mostrando desespero/andas/E os teus passos são incertos/Aproxima-te de mim/pergunta-me e eu contar-te-ei/pergunta-me onde mora o dissabor/pede-me que te mostre/o caminho do desassossego/o canto do sofrimento/porque sou eu o teu mensageiro/ Não me subestimes/aproxima-te de mim/não olhes estas lágrimas/descendo pelo meu rosto/nem desdenhes as minhas palavras/por esta minha voz trémula/de velhice impertinente/Aproxima-te de mim/não te afastes/vem.../senta-se que a história não é curta.

dicotomia. Fundar um Estado-Nação onde a lei fosse nós. Em outras palavras, queria colocar em prática meus planos de revolta que na adolescência foram um sucesso.

Depois daquela noite na casa de Aziz, após rever *Mortu Nega* na companhia de guineenses, entendi que um passo importante ainda precisava ser dado. Era necessário mundanizar o meu pensamento. Viver de fato a tabanca, aceitando os exageros e sem tradução. Minha vida na Campada Maria, apesar de consciente, estava cercada de muitos escudos e de uma interpretação pronta sobre o bem e o mal.

Sem escapatória, de forma crua, consegui enxergar minha figura. Eu me via (e alguns deles também me viam) no papel de um libertador, um justiceiro que chegou para resolver tudo. Ao ver aquela figura, e pela primeira vez conseguir me enxergar longe do mito, entrei em um grande vazio. Sem mistificação, eu me senti ridículo. Lembrei de Maurice Blanchot sobre o absoluto:

O absoluto não é, então, mais do que o isolamento fatigado de uma alta forma espiritual, estrangeira à realidade viva e que, ignorando-a, pensa ser tudo, mas é apenas a totalidade vazia da ignorância.¹²²



¹²² Blanchot, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 268

* * *

A comunidade inoperada de Jean-Luc Nancy começa assim:

O testemunho mais importante e mais triste do mundo moderno, aquele que reúne, talvez, todos os outros testemunhos que essa época se encarregou de assumir, sem que se saiba por que decreto ou necessidade (pois testemunhamos também o esgotamento do pensar da História), é o testemunho da dissolução, do deslocamento ou da conflagração da comunidade. O Comunismo é o “horizonte intransponível de nosso tempo”, como disse Sartre, em vários sentidos, por vezes políticos, ideológicos, estratégicos, mas nenhum desses sentidos chega a ser esse, bastante estranho às intenções de Sartre: a palavra “comunismo” torna emblemático o desejo de um lugar de comunidade, encontrado ou reencontrado, para além das divisões sociais, da subjugação a um domínio tecnopolítico e ao mesmo tempo, através disso, da deterioração da liberdade, da palavra, ou da simples felicidade – quando essas se encontram submetidas à ordem exclusiva da privatização – e, por fim, de maneira mais simples e decisiva, para além do definhamento da morte de cada um, dessa morte, que não sendo mais do que aquela do indivíduo, abriga uma carga insustentável e se desintegra na insignificância.

Mais ou menos consciente, mais ou menos deliberadamente e mais ou menos politicamente, a palavra “comunismo” constitui tal emblema – algo diverso e até mesmo do *sentido* de uma palavra. Esse emblema não está mais em voga, a não ser para alguns, em retardo; para outros, mais raramente, como se tivesse sido tomado pelo sussurrar de um resistência selvagem, mas impotente diante do desmoronamento visível do que prometia. Se ele não está mais em voga, não é somente porque os Estados que o adotaram se mostraram, já de há muito, como agentes de sua traição. (Bataille, em 1933: “toda e qualquer esperança de revolução foi descrita como a deterioração do Estado: mas, ao contrário, são as forças revolucionárias que o mundo vê deteriorar-se, ao mesmo tempo, toda força viva assumiu hoje a forma do Estado totalitário.”) O esquema da traição, destinado a preservar uma pureza comunista originária, de doutrina ou de intenção, revelou-se cada vez mais insustentável.¹²³

Neste ensaio o autor discute a formação de comunidades e a crise que tal conceito atravessa dentro dos humanismos¹²⁴. Nancy elabora a distinção entre duas forças, a sociedade e a comunidade. Segundo ele, a comunidade não pode ser separada do provisório, muito menos do êxtase. É uma doação incondicional que por meio do afeto nega qualquer cristalização, ou seja, é uma forma de organização social que rechaça a absolutização de um estatuto, por isso mesmo abdica de sua própria permanência. Sociedade, pelo contrário, é um movimento que perde o desejo do êxtase, abandona o

¹²³ Nancy, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 27-28

¹²⁴ Ver nota 40.

incondicional em nome de um projeto. Funda identidade em oposição ao comunitário que existe como subjetividade; está baseada em uma organização voltada para o absoluto.

Os arranjos temporários de organização social com os quais eu tenho contato no interior da Guiné-Bissau, deixam explícita a concepção de comunidade proposta por Nancy. Visto que a partir do momento em que as pessoas precisam contrabandear sua própria colheita para não passar fome, não é mais uma luta contra um absoluto, é a ausência dele que impera – a fugacidade dos elementos internos, com relação aos limites comunitários, cria o êxtase. Quem não tem um absoluto para evocar, também não tem um absoluto condenador. Esse limbo assimétrico, impossível de ser driblado, cria temporalidades. A vida econômica na família de Raquel caminhava em um ritmo lento e com marcações de colônia: fome, doenças e violência. Ainda que inconsciente, a resposta encontrada por eles foi a ruptura. No começo era um olhar discreto e insolente contra o *libertador*. Agora ninguém sabe mais. De alguma forma a ausência de *libertador* ou divindade torna o tempo excessivamente ficcional. Viver na tabanca é como viver submerso em uma narração Balanta.

Por outro lado, nossa tentativa cacofônica de criar um estatuto legível, de traduzir tais relações para um ordenamento – grande erro – deixaram evidente que a transição de comunidade para sociedade é muito rápida. Acontece a partir do momento em que a narrativa do passado começa a exercer o papel de absoluto, a desobediência torna-se programada; criar autonomia deixa de ser prioridade. Nasce um histórico dos membros da sociedade. O histórico se baseia em – ao mesmo tempo faz testemunho de si – um repertório absoluto. A identidade dos membros já está fechada, ela pouco se modifica e quase nunca é problematizada. A sociedade é um conceito hegemônico, e sua abrangência não para de aumentar, é impossível pensar um aparato de Estado-Nação que não lide com tal nervura.

Atualmente estou tentando dizer sim para o desdém que convida para fora. Buscando aceitar o tropeço para além da experiência programada em projetos de poder. Agora minha vida na casa de *Mana* existe na forma de comunidade, ela nasce em meio aos fantasmas de um estado pós-colonial que ainda não existe. Conquistamos traços de inquietação e subjetividade todos os dias.

* * *

O leitor (ou leitora) deve ter notado que prometi falar da língua nacional, o crioulo guineense, no começo do ensaio, e ainda não cumpri. Desculpem, escrever sobre a questão que perpassa a relação entre tabanca e cidade sempre me empolga. Não é a primeira vez que perco a noção do tempo. Mas em todo caso, vou escrever sobre o crioulo guineense, mesmo que de maneira breve, agora.

Em primeiro lugar devo me corrigir, afirmar que o crioulo guineense é a língua nacional está um pouco errado. O idioma oficial do país é o português. Ele é utilizado nas instituições públicas, dentro das universidades, escolas etc. Mas não passa disso, o português é a língua da formalidade em Guiné-Bissau, nas ruas pouca gente fala. A maioria absoluta das pessoas no país usa o crioulo guineense. E por mais criticado que seja, devido a sua *informalidade* gramatical, sem o crioulo Guiné-Bissau não existe como país. Ele é o meio pelo qual todos os grupos étnicos do território conseguem manter uma comunicação uniforme.

A oralidade no país afirma em consenso que o crioulo guineense surgiu devido ao contato do idioma português com línguas das etnias locais. Nasceu, portanto, devido à necessidade de estabelecimento de uma comunicação no território, onde hoje é a Guiné-Bissau, que beneficiasse as diferentes culturas que por lá circulavam. Moema Parente Augel escreve o seguinte:

Já no decurso do século XVI, através dos primeiros contactos de viajantes e navegadores portugueses com as populações locais, isto é, os povos da Senegâmbia até Cabo Verde, se foram formando, pouco a pouco, os inícios tanto do crioulo guineense como do cabo-verdiano e o crioulo de Ziguinchor, de base lexical portuguesa.¹²⁵ Como disse o sacerdote italiano Arthur Biasutti, um dos pioneiros de estudo do crioulo na Guiné-Bissau, autor de um *Vokabulari Kriol-purtugês*, trata-se de uma língua “filha do português pelo vocabulário, mas de mãe africana, isto é: gramática, sintaxe e psique” (Biasutti, 1987, p.8)¹²⁶.

Desenvolvendo-se a partir dos continuados contactos com os portugueses, durante quatro séculos, esse falar passou pouco a pouco ao estatuto de idioma, organizando-se estruturalmente, sedimentando-se na sua forma nacional e genuinamente guineense.¹²⁷

¹²⁵ Citação da autora: Cf. entre outros Rougé, 1986; Kihm, 1994; Couto, 1994; Scantamburlo, 1997.

¹²⁶ A referência completa da citação é: BIASUTTI, Arthur. *Vokabulari Kriol-purtugês* (Esboço – proposta de vocabulário). 2.ed. Bafatá: Missão católica de Bafatá, 1987

¹²⁷ AUGEL, Moema Parente. O desafio do escomburo: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 82-83.

Ao longo dos séculos o crioulo ganhou corpo, atravessou os períodos de transformações sociais do país, e hoje é uma realidade. Portanto, é importante reconhecer o valor do idioma. Não apenas sua resistência, mas também sua capacidade de adaptação às linguagens locais e estrangeiras.

* * *

E acabo por aqui minha breve explanação sobre o crioulo guineense.

Se a leitora (ou leitor) estiver estranhando, considerando minha argumentação sobre o crioulo como insuficiente, saiba que é isso mesmo. Também avalio meu conhecimento sobre o crioulo guineense como raso, e beirando o vago. Porém, este conhecimento nada mais é que um resultado de minhas relações com Guiné-Bissau. Minha vida no país é realizada ao lado dos Balantas, precisei aprender a língua deles (*krasse*) muito cedo – principalmente por minhas filhas que são Balantas. O crioulo, pelo contrário, estou aprendendo bem devagar. Comecei a estudar o idioma com rigor em 2021.

Um dos culpados pela minha alienação ao crioulo é Carlos Alves, pai de Cláudio. Ele exigia, desde a década de 90, que os membros de sua morança falassem português com fluência. Portanto, em minha vida na Campada Maria, sempre estou pulando de uma língua para outra (sem nem pisar no crioulo). Em uma parte do dia falo *krasse* e em outra falo português.

Acredito que muitas pessoas que vão encontrar este texto podem ter interesse no crioulo guineense. Nesse caso, recomendo o livro, já citado, de Moema Parente Augel. É uma ótima oportunidade de início para uma imersão no idioma. Vejo a obra como um interessante ponto de partida, a autora apresenta diversos caminhos possíveis de estudo sobre o idioma oficial de Guiné-Bissau: o crioulo guineense – oficial pelo menos na minha opinião.



3ª viagem



A imagem apresenta um ar esfumaçado, os tons colocados são meticulosos, a ideia de volume é proposital. O movimento chega rápido, quase não existe resistência no enquadramento. Tudo pensado demais. Em 2021 realizei minha 3ª viagem ao país, durante a qual perdi a vontade de fotografar, construí poucas imagens. Sempre por obrigação, não queria deixar o trabalho parado. Ao contrário do que imaginava, fui feliz não sendo fotógrafo.

Quando fiz esta imagem, correta e premeditada demais, lembro que queria ir embora. Tudo tinha virado rotina, aquela vida morna voltou. Guiné-Bissau e o Brasil são o mesmo para mim (pelo menos dentro do meu ciclo de afeto), a minha câmera deixou de mirar a experiência da saudade. Existe saudade para quem tem a garantia da volta? Não sei, talvez. Aprendi a desgrudar os estigmas do meu corpo. Sou desejo e não apenas técnica, sou mais que um simples pai, sou também maior do que a vontade de largar tudo. De certo, agora estou preso entre mundos de afetos que não me transbordam mais.

Não vou falar de bloqueio criativo, não era isso que sentia, executei muitas imagens, consegui percorrer caminhos relevantes na minha pesquisa. Porém, sem vontade e por obrigação. Parei de buscar imagens em tudo, ou agora sei que imagens são tudo. O fato é que fotografar não é mais a principal tarefa da minha vida. Como *intruso* percebo

que não tenho mais que legitimar minha presença. As fotografias deixaram de ser um cartão de visita, sinceramente não preciso mais delas – nunca precisei, inclusive. Mas só entendi isso agora.

Esta fotografia, por exemplo, fiz para gastar negativo. Queria terminar o rolo de filme o quanto antes, estava indo em direção à cidade de São Domingos e não tinha nenhuma vontade de tirar as 36 fotos lá. Então fui assim, clicando ao longo do caminho. Mirando rastros e tons que pudessem de algum jeito me liberar. Depois eu falaria que era uma questão conceitual da impermanência, sei lá, qualquer desculpa serve. Parece que agora, quanto mais me firmo, menos sou afrontado. Acho que qualquer imagem passa quando você alcança uma *posição*. Uma das falas que mais gosto do cinema de Edward Yang está no começo de *História de Taipei*, um arquiteto (ou engenheiro) olha para vários prédios em um plano aberto e comenta que está muito difícil dizer quais ele projetou e quais não, finaliza assim:

Se eu estou envolvido ou não, parece cada vez menos importante.¹²⁸

A fala circula em torno da questão do número de prédios iguais que não param de surgir em Taipei. Em meu peito ela explodiu para além disso. Desde que comecei minha atuação como fotógrafo escolhi não estar com a câmera todos os dias. Algumas histórias desenvolvem-se devagar, dão pistas do que pode acontecer, não preciso estar sempre com a máquina. O problema é que durante a 3ª viagem as pistas não me importavam mais, eu tinha uma vida para viver que era mais interessante, as imagens não poderiam competir com aquilo. Para resolver o problema, comecei a mandar outro cara para fotografar, algumas vezes eu mesmo ia, mas nem sempre. O fato é que esse bando de imagens saiu da mesma câmera, elas estão nos mesmos negativos, esse outro fotógrafo e eu somos a mesma pessoa. Somente nós sabemos quem fez qual foto, para os outros elas são unidade. Alguns dizem que elas são maravilhosas, difíceis e explosivas. Também as vejo como falsas, inventadas e dissimuladas.

A máscara no rosto aperta, cheiro de suor, não tomo banho faz 2 dias. São 6:30 da manhã. Desejo profundamente dormir bem. O aeroporto de Lisboa é sem graça. A viagem para Guiné-Bissau de 2021 foi a pior de todas, muitas certezas e nada de novo. Finalmente minha vida na África descobriu a rotina. 5 anos depois me vejo mais fora do que dentro,

¹²⁸ *HISTÓRIA de Taipei*. Direção de Edward Yang. Taipei: Hou Hsiao-Hsien, (1985). 35mm (110 min.). Minuto 8. Tradução de Janus Films.

buscar conciliação não me anima. Sinto que vivi tudo de modo inteiro. É isso, estou cansando, os números do monitor marcam meu embarque para as 17:30. Ainda faltam 10 horas? Não sei, acho que mais. Talvez menos, não vou contar. É bastante tempo de qualquer jeito. 5 anos se passaram, os resultados do projeto social são impressionantes, minhas filhas são maravilhosas, minhas fotos e filmes começam a me dar algum dinheiro, e finalmente, me liberam do Miojo. Não acredito, impossível que minha vida seja só isso, é muita pobreza. A luz no aeroporto é toda uniforme. O céu azul está bem claro, poucas nuvens passeiam devagar. Essas cadeiras não são de todo ruins, dá para tirar cochilos, não há muito barulho e isso ajuda.

Vou tomar uma Coca-Cola e comer alguma coisa, espero que o cartão passe. Primeira vez que volto de Guiné-Bissau e estou feliz. Estranho, parece traição. Tenho a impressão de que fui enxotado de lá. Peguei muitas doenças por conta da chuva e alguns poucos e leais amigos ficaram do meu lado. Mas afinal quero ser amado por todos? Não existe isso. Vejo claramente minha situação: inconstante e sem euforia, Marcelo foge e vai buscar abrigo entre os brancos. Onde nasci as casas são feitas de alvenaria, existem muros e silêncio. As marcas da minha cultura e experiência local vão me redimir. Tudo o que existe fora desse pequeno mundo seguro, neste momento, me parece obtuso e não fala muito. Voltar feliz de Guiné-Bissau é, definitivamente, o fim de um ciclo.

Escrever sobre o contraponto entre ser estrangeiro, com sua cultura materna, de um lado, e a amplitude de uma terra nova onde é preciso viver e realizar escolhas morais, do outro lado, é tão batido. Ainda por cima tem meu ego que tenta engolir tudo o que enxerga.

O gesto apressado das pessoas, correndo para pegar o avião, faz contraste com meu estado de espírito. Estou inerte, sem expectativa ou ambição. Na mente, como de costume, um emaranhado de coisas. A diferença é que agora não embarco, não quero mais confiar no turbilhão. Minha liberdade existe quando controlo o ritmo, por isso não me parece tão nociva a felicidade de estar voltando para o Brasil. É o reconhecimento, estou começando a entender que devo viver uma parte do ano lá. O refrigerante é saboroso, não sei se consigo parar. O problema é que essa coisa faz mal, deve ter muito açúcar, sódio e conservantes. Tenho usado muito desde que comecei a evitar os comandos automáticos da minha cabeça.





* * *

A mulher na sequência de fotos chama-se Ada. É minha vizinha em Bissau, e também é da família de Lula da Silva. No dia em que as imagens foram realizadas, conversávamos enquanto ela quebrava carvão para cozinhar. Ada se mostrou admirada por nunca mais me ver com a câmera:

– Marcelo, abo bu kata tarbadja maas ku kamara?

– Tarbadja – respondi.

– N’kata odjou maas ku kamara. Som si djumbai ku djintis i dinoite ku mindjeris.

Acho engraçado, começo a sorrir e respondo:

– Be!¹²⁹

Continuo:

– Não, Ada. Bu kabeça kasta diritu. N’ka tene mindjer, nim ninquim. N’ka tene vontade di tira foto, sta satiado som.

– Si bu bai pa tera di brancos sim foto bu na tene purbulema. Elis na sutou kuforça
– Responde ela.

– I bardadi, ena bim puntam keku na bim fasi li.

Ada assume ar de autoridade, para de quebrar o carvão:

– Pega a kamera, tira nha foto li. Os brancos na bai fala kuma Marcelo i mais sibi tira foto. I tira fotos di es djintis ki ta tarbadja di parmanha até dinoite.

– N’ka sibi.

– Pabia di ke? – indaga Ada.

– Bu ntindi exotização?

– Não.

– Na rispundi na português. N’ka na sibi falau kila na criol sta bom?

Ada concorda, eu tento explicar:

¹²⁹ “Be” é uma interjeição do crioulo guineense um pouco difícil de traduzir, é usada com muita frequência pelas pessoas do país. Em uma tradução livre para o português pode ser traduzida por “nossa”.

– Exotização é quando você tira foto de alguém que não tem a mesma vida que você, colocando a pessoa como alguém diferente em um sentido ruim. Como se fosse um tipo de humano que está longe de ser evoluído. Como se fosse um bicho quase. Percebe?

– Sim.

– Marcelo, n’ka fia na kila. Tiram foto, na bai tene fama na Brasil. Djintis na bai fala kuma mindjer bonita ikila. Bu na bai tene dinheiro manga del. Asim buna pudi gasta mass ku es mindjeris ku bu tene. – afirma Ada.

– N’ka tene mindjer – respondo sorrindo.

– Abo bu torna africano propi, bu ta vivi ku djintis di tabanca, goz busta suma animista¹³⁰. Os brancos na nerva ku bo. Abo lá bu ka pudi tene mass di um pessoa pa fasi bu badjuda.

– A kabeças di brancos kasta diritu, Ada. Na bai pega kamara butira bu fotos, má kontinua na papia, i tem ku parsi di cuma alkim tirau nam foto. Bu ka pudi sedu suma kil foto nunde ku djintis Sta na tarbadju sozinha. Bu ntindi?

– Sim – responde ela.¹³¹

Ada gostou das fotos. Quando mandei os arquivos para o seu telefone, ela escolheu uma das imagens, fez impressão em papel e pendurou na sala de sua casa. Tentei deixar claro que ambos fizemos o retrato, o trabalho havia sido uma realização em conjunto. Aparentemente ela concordou, mas não sei dizer se ela está convencida de verdade, ou se falou só para me agradar. De qualquer modo, mesmo que Ada não esteja

¹³⁰ Animista em crioulo é uma expressão coloquial bem ampla. Geralmente, e é isso que Ada quer dizer, serve como um termo que designa alguém por seguir costumes que não são monoteístas. Pessoas que seguem religiões, ou costumes das etnias locais, são com frequência chamadas de animistas. Alguém que segue a religião *Brasse*, por exemplo, é denominado animista em Guiné-Bissau.

¹³¹ Cláudio me ajudou na tradução deste diálogo. A tradução dos trechos falados em crioulo seguem a respectiva sequência: Marcelo, você não trabalha mais com a câmera?/Trabalho./Não vi mais você com câmera. Só se divertindo com as pessoas e de noite com mulher./Não, Ada. Tua cabeça não está boa. Eu não tenho mulher, nem ninguém. Falta vontade de tirar foto, estou achando chato só./Se você voltar para terra dos brancos sem fotos vai ter problema. Eles vão te bater muito lá./É verdade, vão perguntar o que vim fazer aqui então./ Pegue a câmera, tire uma foto minha aqui. Os brancos vão dizer que Marcelo é muito bom fotógrafo. Pegou fotos dessa gente que só trabalha o dia inteiro./Não sei./Porque não sabe?/ Sabe o que é exotização?/Vou responder em português. Não vou saber dizer isso em crioulo, tá bem?/Marcelo, não acredito nisso. Tire foto minha, vou conseguir fama no Brasil. As pessoas vão falar que mulher bonita aquela. Você vai conseguir muito dinheiro também. Ai vai poder gastar mais ainda com essas mulheres que você tem./Não tenho mulheres./Você já virou africano mesmo, vivendo com gente da tabanca, agora está como animista. Os brancos vão ficar bravos. Vocês lá não podem ter mais que uma pessoa como namorada./ A cabeça dos brancos não está boa, Ada. Vou lá pegar a câmera e tirar fotos tua, mas continue conversando, tem que aparecer que alguém tirou a foto. Não pode ser como aquelas fotos onde a pessoa tá solitária trabalhando.

convencida, a existência de diálogos como este falam muito sobre a renovação do processo fotográfico.

Acredito que sinais como este avisam sobre novas possibilidades, talvez tenha passado a época em que eu pegava a câmera e saía caçando imagens dos guineenses. Pode ser que tenha chegado o momento de construir as imagens em parceria com eles, debatendo e tentando entender como as pessoas desejam um retrato, por exemplo. Com isso, não quero dizer que vou condicionar a totalidade do processo ao retratado, mas sim, que pretendo abrir uma via de mão dupla em minhas fotografias.

Reparando com cuidado as duas imagens de Ada é possível notar que elas possuem uma abertura. Uma diferença que pode distinguir estas fotografias da maioria das imagens que fiz na Guiné-Bissau em 2018, por exemplo. Uma olhada rápida decerto fala o contrário, não há diferenças, as imagens de 2018 e 2021 são praticamente idênticas. O cenário, a atividade e o distanciamento do quadro são os mesmos. Porém, a expressão facial de Ada é completamente nova. Não estou falando do sorriso, em minhas primeiras imagens já existiam sorrisos, mas eram sorrisos de momento. Algum flagra de uma gargalhada que sucedeu uma piada, um sorriso de simpatia, outras vezes um sorriso provocado pelo fotógrafo. Mas nenhum sorriso ou expressão, até agora pelo menos, apareceu em meu trabalho fotográfico com estas características que a face de Ada apresenta.

A expressão dela é abertura, o rosto de Ada demonstra que é íntima e possui cumplicidade com o fotógrafo. Enquanto fala está sorrindo de maneira simples, sem pretensão de moralizar sua posição. Mesmo que ainda continue como figura passiva na fotografia, afinal de contas está sendo retratada, ela não é alheia ao processo, está consciente do que acontece. Inclusive, foi ela quem pediu pela imagem. O desejo em fotografia que sumiu, pode ser um indício de que não devo/quero mais fotografar como eu fazia no passado. É preciso ficcionalizar de outro jeito.

A expressão facial de Ada está deslocada do quadro, pois é nova. Acabou de surgir e não vibra em igualdade com os elementos da imagem. A única coisa, aliás, que me empolga nestas duas imagens são as expressões dela. Isso não quer dizer que devo abdicar das imagens antigas. Pelo contrário, devo entender a finitude da estética fotográfica, que aparentemente não passaria, e buscar outros caminhos. Reencontrar, assim que der vontade na fotografia, mas nunca como obrigação – ou pelo menos neste caso não – e sim, como desejo.

Eu não tenho domínio do idioma crioulo, e Ada apesar de ser Balanta não fala *krasse*, assim, pedi para Cláudio me ajudar e explicar esta reflexão para ela. A única palavra do discurso que ele precisou alterar foi *intimidade* para *costume*. Segundo ele, costume tem o significado de hábito, a palavra no crioulo é usada quando alguém quer significar uma relação de convivência próxima entre pessoas; já intimidade em crioulo é quase sempre usada em uma direção sexual do termo.

Em poucos dias, Ada me respondeu dizendo que entendia tudo, não achava as fotos ruins. Foi o melhor retrato que alguém já fez dela. Disse que o costume nasceu porque eu morava com eles. Se estava no campo vivia na tabanca, se estava em Bissau vivia no cortiço. Nunca buscava por luxo. Mesmo que Anser tivesse luxo, ela vivia em outro bairro e não ostentava na frente de ninguém.

A resposta dela não me satisfez, falei para Cláudio que não conseguimos tirar de Ada uma resposta própria. Ela respondeu minha indagação de forma diplomática, deveríamos tentar outra forma de abordagem. Cláudio, então, disse para tentar pedir uma foto de Ada. Ela deveria fazer um retrato de si, para me mostrar como queria ser fotografada da próxima vez. A resposta foi a seguinte:



A *selfie* de Ada diz muito. Talvez não sobre enquadramento ou composição, afinal nunca tolerei *selfies*. Mas, inegavelmente, a imagem fala com eloquência como Ada gostaria de ser vista. Na fotografia é possível enxergar Ada sorridente e com uma das suas melhores roupas, não há sinal de trabalho ou de cansaço. A única coisa que remete às suas atividades é o fundo da imagem, ali existem sacos de armazenar carvão, uma bacia para peneirar o material, e por fim, o portão do depósito de carvão. Mas como eu disse é *ali*, é outro lugar, Ada fez questão de se colocar longe dos instrumentos de trabalho. Para mim isso indica que ela pretende ser vista para além deles. Independente de seu ofício, Ada tem ambição de ver sua subjetividade em uma fotografia.

Será impossível fundamentar um conceito de imagem agora, falar sobre esta novidade que ainda estou digerindo como se fosse algo acabado. No momento não consigo chegar em um núcleo central da argumentação, apenas posso tatear as pistas que surgem durante o processo. Ao mesmo tempo em que meu desejo por fotografia sumiu, entendo que um universo se abre. Indicações das mais variadas apontam para um possível recomeço na fotografia. Mas não um recomeço de captura, e sim, um reinício de brincadeira. Evitando pretensões.

55 – O pintor realista

“Totalmente fiel à natureza!” – Como consegue fazer isso?
 Quando é que porventura
 a natureza se submete a um quadro?
 Infinita é a menor parcela do mundo!
 – Finalmente pinta o que dela lhe agrada.
 E o que é que lhe agrada?
 Aquilo que sabe pintar!¹³²

O pintor realista de que fala Nietzsche é o esteta. Aquele que é engolido por sua *obra*. Como autor, o esteta não existe para além da reprodução de si. Do que sabe, do seu vício para enxergar um suposto absoluto; uma visão que, mesmo limitada, supõe prerrogativas de totalidade. Quando a *obra* engole o autor, é porque existe em alguma escala, a suposição de que há uma estética ideal na forma artística. Creio que estou lutando e falando muito sobre ter perdido a vontade de fotografar, pois, em certa medida, estava me tornando um esteta. Começava a trabalhar com uma certeza formal, supondo que devia trilhar um caminho único dentro da fotografia.

¹³² NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017. p. 30.

* * *

Um terreiro no meio de 3 casas é o cenário principal.

Crianças correndo de um lado para o outro. Os adultos dançam e vestem suas melhores roupas. Música alta. No *talo* do alto-fante como dizem na minha terra. Poeira vibrando, o ar parece decisivo. É época de seca, então somos o começo do Sahel. Gente pulando entusiasmada, acho que vão matar um carneiro. A cozinha não para, durante a cerimônia sua atividade é infinita. As mulheres se revezam, converso com *Mana Segunda* sobre a peruca que ela está usando. *Bontche Kifaie*.¹³³ Ela diz que no outro dia vai usar os brincos de ouro que ganhou de Jorge. Pergunto com quantas mulheres Jorge casou. Ela informa que são 17. Eiii, são muitas. Ela retruca dizendo que também são muitas brigas no dia. Imagino, digo que vou superá-lo, quero 20 companheiras. Ela diz que é impossível, agora ninguém mais faz isso. N’puga me puxa, saia da fumaça da cozinha, vamos ver a dança. Logo acima do grupo que dança há uma cabine com DJ (aos moldes ocidental). Ele se porta como uma celebridade, ao seu dispor são muitos equipamentos. O jovem veio de Dakar. Pergunto para Nimali se Dansi já foi para casa, ela responde que sim. Hmmm. As estrelas estão desaparecendo, o escuro da noite começa a dar lugar ao cinza da manhã. O barulho está vindo de todos os lados. A espera por uma cerimônia de casamento é grande, 3 dias de festa. Arroz e carne estão liberados. Muita carne é servida, aliás. Toca pela 15897^a vez o sucesso do momento entre os Balantas. A música na língua *krasse* sobre o casamento é de Rey Cabila, chama-se *Biden*¹³⁴. Um trecho dela:

Prip na Rey Cabila, rip biden ah mom anin uambu biama too wassana nhgun aiah awot tam bbess, wambu biaa ne nnin ma iama iah, mbom alo ma neh wassana abe, ba kama iidah banghu ohlo.¹³⁵

Alguém para e diz: a reza do Balanta é assim. O calor já vem com força. Jorge me oferece whisky (é um artigo de extremo luxo por aqui), recuso. Então ele oferece cachaça, não quero nada; eu não bebo, Jorge. Ele diz que não confia em quem não bebe, eu digo que também não confio. Então ele oferece carne de porco: essa eu aceito. Ótima carne,

¹³³ Em uma tradução livre do balanta para o português: muito bonita.

¹³⁴ Bidem na língua Balanta é o termo utilizado para casamento. Também é sinônimo de *Lavagem*. *Lavagem* é um tipo especial de cerimônia *Brasse* que é realizada quando a mulher não é mais virgem ou vai casar grávida.

¹³⁵ Em uma tradução livre do balanta para o português: assim fala a música de Rey Cabila, vou cantar sobre o casamento, pois engravidei uma mulher e agora a família dela quer fazer *lavagem*. Eu avisei que ainda não tenho dinheiro. A família dela me disse que como não tenho dinheiro para fazer *lavagem*, eles vão dar ela para outro homem. Tradução de Cláudio Alves.

muita graxa. Ele pergunta o que é graxa, digo que é o caldo de gordura que escorre da carne. Na minha terra falamos assim. Jorge sorri, faz uma cara que fico com preguiça de interpretar. Muito sono.

A multidão que dança pouco se importa com o sol que aparece. Manuel me aborda, pede para lhe ajudar com remédio de dor cabeça. Peço para Dorka ir pegar no meu quarto, ela volta em menos de 10 minutos. Diz que também pegou chocolate. Sem problema, Dorka você é da família – respondo. Manuel fala que tem preocupação com o estudo dela, afirmo que Dorka tá garantida na escola particular em 2022. Ele agradece e pergunta onde vou dormir. Respondo que na casa de Ana Gomes, hoje na parte dos Balantas na Campada Maria há muito barulho. Manuel confessa que também dormiria fora se pudesse, mas necessita ficar ali já que é um dia importante na morança.

Devem ser 11 horas da manhã, o sono está vencendo, nem escuto Manuel direito. Levanto e me preparo para ir embora. Vou até o noivo (o mesmo Jorge do whisky) para dar tchau. Ele impede. Diz que preciso ver uma parte da cerimônia de lavagem. Estou cansado, mas preciso mesmo ver a cerimônia, nunca vi uma. Tá, eu vou. São 13 horas, e todos vão até a praia de Kambangaram. Cláudio explica: na tradição Balanta uma mulher quando vai casar e não é virgem, deve ter seus cabelos raspados durante a cerimônia; mas hoje em dia isso já não é tão praticado. Depois fiquei sabendo que Fatu (a noiva) pagou 5 mil Francos CFA – algo em torno de R\$ 70 – para os organizadores da cerimônia e se livrou de rasparem seus cabelos. Eles apenas foram lavados.

Na praia Jorge vem conversar, questiona sobre a escola de Dorka. Respondo que está garantida, a menina tem futuro. Ele agradece o cuidado pela neta, diz que está me devendo um favor. Respondo que vou cobrar o favor imediatamente: estou precisando que você libere a passagem dos trabalhadores do projeto por meio de suas terras, é um bom atalho. Jorge consente. Cláudio e William ficam bravos, questionam como vamos pagar a bolsa de Dorka. Respondo que o gasto de combustível vai cair muito, pois vamos usar o caminho das terras de Jorge. Com o dinheiro que sobrar pagamos os estudos de Dorka e de mais outra criança. Finalizo assim: confia no pai. William sem estar convencido responde assim: pai dos gastos não planejados. Ah, vou dormir, tchau. William, cerimônia Balanta é lugar de negociar avanços para o projeto. Cláudio pergunta: e no Brasil quando é essa época? Respondo: no fim de ano quando o pessoal está com o coração mole.

Ao chegar na casa de Ana encontro um balde para tomar banho, sabão e toalha limpa. Vou com preguiça, tomo um banho rápido. Depois corro para a cama, encontro o quarto preparado com muito carinho. Deito e durmo.

Assim que acordo dou de cara com Dansi. Ela diz que precisa de dinheiro para comer, dou 5 mil Francos CFA. A menina diz que não é suficiente. *Be, Dansi! Vai comer ouro, filha?* Ela sorri e diz que é só ela comprar algo que Anser vem e pega quase tudo. Tá. 10 mil Francos CFA. Vem comer na casa de Ana, não é para ficar na estrada. Dansi não aceita, prefere comer na casa de *Mana Raquel*. Beleza, vão lá que eu já chego. Agradeço à Ana pela hospedagem. Vou embora. Vejo o telefone: 19h. A música na casa de Jorge acabou. Chegando na casa de Cláudio as crianças estão lá. Anser não quis vir, foi ver novela. Dansi, então, convidou Noemi (prima dela). Noemi fica encantada por um poster com cantores e cantoras de rap dos EUA que Cláudio pregou na parede. Fala:

– Marcelo, tira foto minha com o cartaz?

Tirei. Aqui está a fotografia de Noemi:



Ao pressupor um desvio fotográfico, crer em uma busca que leve para longe do estado do *pintor realista* de Nietzsche, é preciso entender que as possibilidades de fuga estão na própria estética. Por mais uniforme que uma maneira de fotografar pareça,

sempre existirão elementos ou imagens inteiras (como é o caso deste retrato de Noemi) que traem o uniforme. Desse modo, gostaria de olhar para estas traições como possibilidade de ressignificar o trabalho – e não como falhas.

É óbvio que a tão temida rotina chegou. As imagens de 2021, em sua maioria, são resultado de uma vida estabelecida. Não existe mais aquela euforia do começo de minha trajetória em Guiné-Bissau. O momento de pegar a câmera e sair capturando imagens revelou-se nulo em 2021, quase um carimbo de onde apenas resultaram imagens esteticamente iguais às dos anos 2018 e 2019. O jeito, me parece, é olhar para as fotografias que de algum modo são curingas.

Curingas, pois não foram planejadas ou foram criadas fora da minha estética usual. A fotografia de Noemi é um bom exemplo. Não fiz a imagem pensando em uma unidade de portfólio, o motivo para ter feito esta imagem é o desejo de Noemi. Ela queria ter um retrato junto com o poster, por isso, a composição privilegia a união entre ela e as figuras do rap dos EUA. A única decisão estética que tomei com consciência é o ângulo do enquadramento, a foto foi tirada de baixo para cima, pois era o ângulo possível onde a altura de Noemi possibilitava uma união maior com o cartaz. A câmera também foge do padrão, é uma câmera digital simples (onde não há troca de lente, nem um sensor 35mm) que as meninas usam para aprender fotografia. O flash é outro elemento novo, nos outros anos ele quase nunca aparecia.

Após imprimir a fotografia e dar de presente para Noemi, pedi para Dansi formatar o cartão de memória onde estava o retrato da menina com o poster. Eu achava que muitas imagens naquele cartão não *interessavam*. Por sorte, Dansi esqueceu de apagar. Em razão disso, esta e outras imagens digitais sobreviveram.

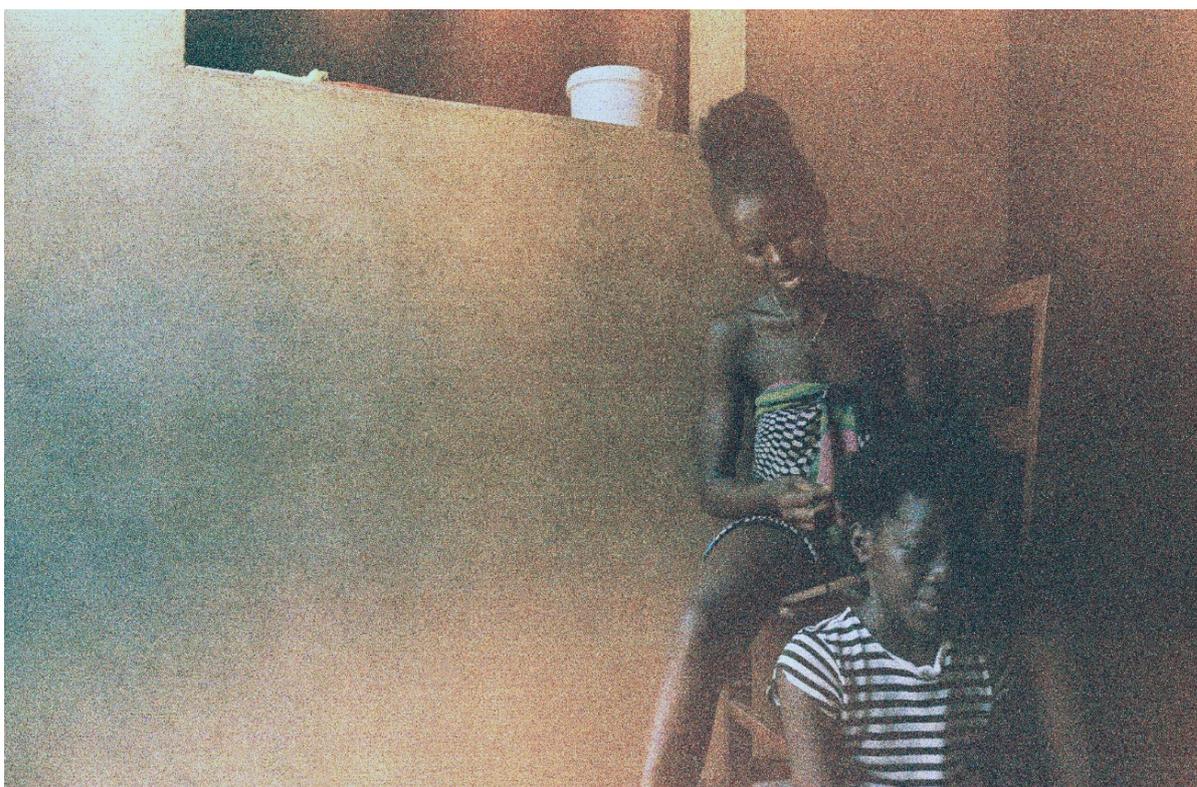
Arrisco dizer que tal acaso foi um dos melhores acontecimentos fotográficos da viagem. Um número relevante de imagens sobreviveu, o lado doméstico de minha vida em Guiné-Bissau está intrínseco nestas fotografias. Nelas é possível encontrar uma visão fotográfica menos marcada pela certeza, uma moral não tão vigilante e despreocupada com a continuação estética. O conjunto de imagens trata sobre instabilidade, não existe uma unidade aparente entre elas.



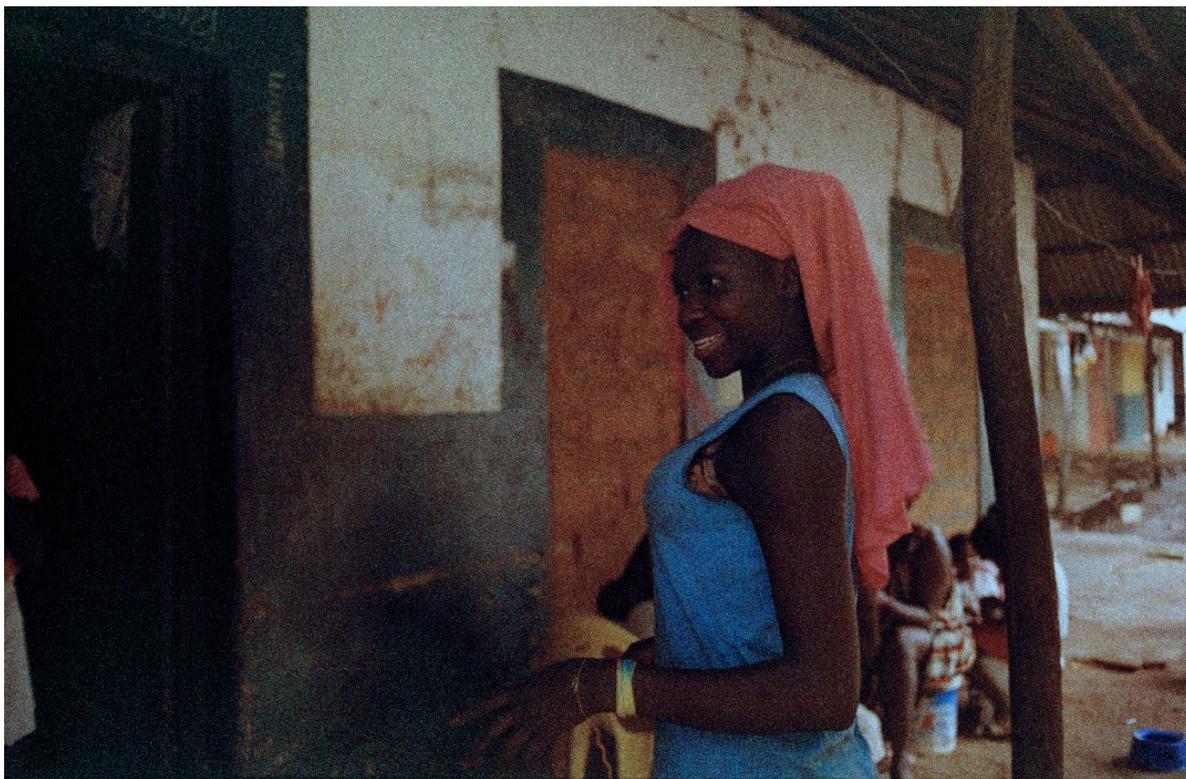
Encontrei esta composição agora, não sei o motivo pelo qual tirei a fotografia. De qualquer modo, esta imagem também carrega as propriedades que citei. É uma fotografia ocasional, feita na rotina da família de Anser. O brilho da imagem digital propõe uma cena, mas é impossível moralizar a ação, pois não há como organizar uma relação fixa entre os elementos. Claro que é possível supor, criar narrativa, mas não existe aquela tensão da imagem capturada que direciona para um discurso moral.

Começo a pensar que dentro da minha vida na Guiné-Bissau, a câmera deixou de ser um meio exclusivo de exploração, ela virou um meio de interação com a minha família. Uma ferramenta que serve aos afetos. A ferramenta que documenta o cotidiano de maneira mansa e não é mais capaz de elaborar figuras unhas e sem ambiguidade.

Talvez caiba, e eu essa sinto necessidade, falar disso utilizando um autor. Mas antes, nas próximas páginas, vou compartilhar alguns exemplos desta estética, também no formato analógico, feitos em 2021. A única exceção fica por conta da fotografia da página 136. Ela foi realizada em 2019, mas escolhi incluí-la no conjunto, por me parecer um arranjo interessante em termos de composição.



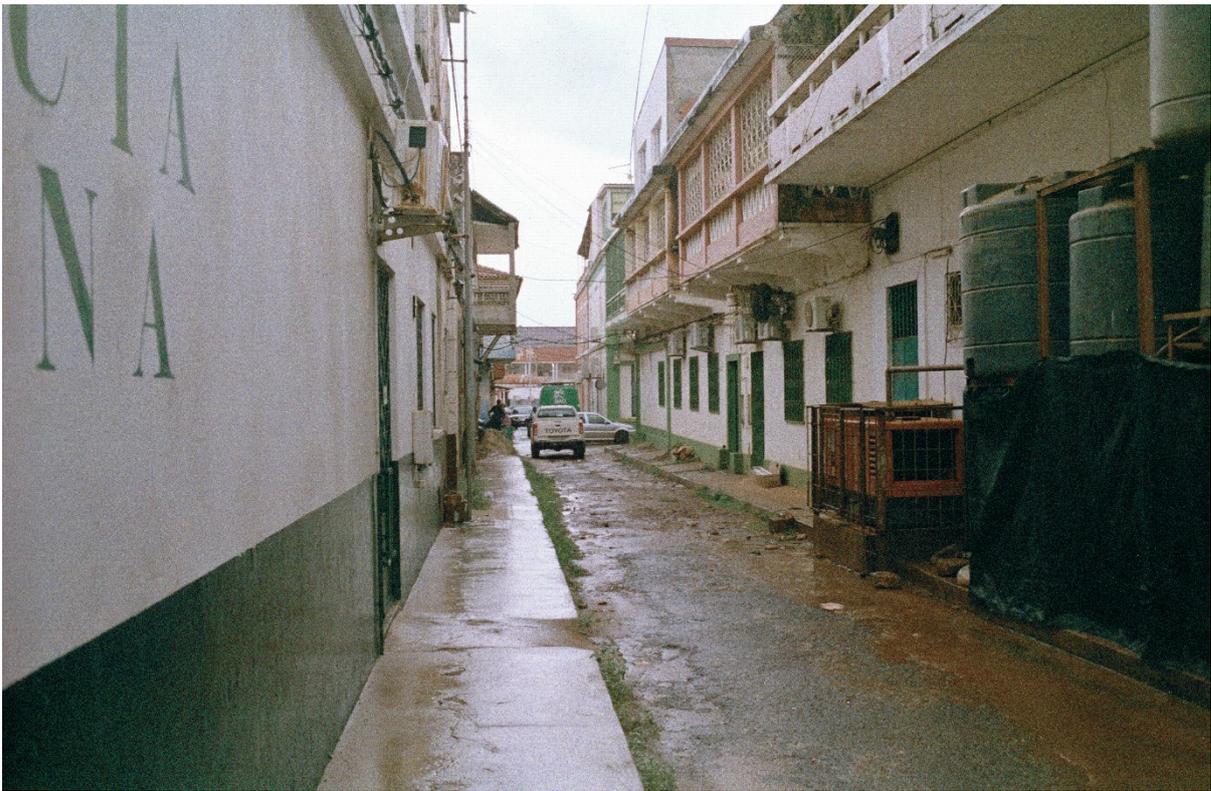














* * *

Como dito anteriormente, quero citar um autor que tem sido importante neste processo. A partir dos textos dele é que estou conseguindo iniciar uma abertura para entender a questão: a transformação de uma estética aparentemente sólida em uma estética aparentemente instável. A teoria de Carl Einstein tem ajudado minha relação com a fotografia a ficar menos definida e refém de modelos estéticos. Por meio da obra de Einstein pude ambicionar uma interpretação que evita o olhar excessivamente carregado de significados sobre a imagem. Em outras palavras, estou conseguindo colocar a proposta de Barthes¹³⁶ com peso em minha vida, somente depois de reler Carl Einstein. Em paralelo, Einstein foi um dos primeiros pensadores ocidentais a refletir, com rigor, sobre o lugar que a arte do continente africano ocupa dentro do repertório eurocêntrico.

Em 1915 é publicado *Negerplastik*¹³⁷. O livro é um estudo da relação entre arte africana¹³⁸ e as bases do pensamento que fazem a história da arte europeia. Na obra estão noções de estética essenciais para o fortalecimento da postura modernista do começo do século XIX. Einstein é, sem dúvida, um dos responsáveis pela relativização do olhar eurocêntrico. Ao problematizar a história da arte do ocidente, está colocando na superfície do debate, a ideia de que uma invenção da História como estrutura é essencial ao fortalecimento do ocidente como tradição única a ser seguida. Para o autor, a organização de conhecimento ocidental é baseada no tempo cronológico, a tradição foi construída tendo como centro a ideia de avanço temporal.

Quando coloca arte africana em perspectiva, assumindo que as manifestações artísticas do continente foram historicamente depreciadas pelo eurocentrismo, Einstein está elaborando o argumento de que a política organizacional do ocidente reconhece as manifestações das culturas, desde que elas sejam sustentadas, pelo menos em parte, como afirmação ou revisão da identidade eurocêntrica. Qualquer cultura ou arte que exista e

¹³⁶ A proposta de Barthes que menciono está colocada no texto *fotos-choque*. Neste conjunto de textos, eu trabalho o assunto no ensaio *O narrador*.

¹³⁷ Cf. Einstein, Carl. *Negerplastik*. Tradução de Fernando Scheibe e Inês de Araújo. Florianópolis: UFSC, 2011.

¹³⁸ Vale lembrar que Einstein compôs a obra durante o intenso processo de incorporação colonial que vinha sendo desenvolvido, desde o século 19, pelos grandes estados europeus. A própria obra carrega esse tumultuado *ímpeto*, muitas das esculturas analisadas no livro são da Oceania. Não obstante, o termo arte africana é um conceito impreciso que o autor conseguiu desenvolver melhor em outros textos futuros. Depois de um tempo Einstein abandonou o termo *africana*, e começou a referir-se ao povo específico do qual o objeto era originário.

tenha sobrevivido fora desse lugar é encarada como vestígio de um humano que não se encontrou como ser que se desenvolve na ideia de avanço temporal. Logo, seja qual for a atividade realizada fora da tradição ocidental, será catalogada e vista como um testemunho relacionado a um ser que está em um patamar mais baixo:

Não há talvez, nenhuma outra arte que o europeu encare com tanta desconfiança quanto a arte africana. Seu primeiro movimento é negar a própria realidade de “arte” e exprimir a distância que separa essas criações do estado de espírito europeu por desprezo tal que chega a produzir terminologia depreciativa. Essa distância e os preconceitos decorrentes tornam difícil – e mesmo impossível – qualquer juízo estético, pois tal juízo supõe, em primeiro lugar, certa familiaridade. O negro, entretanto, sempre foi considerado ser inferior que podia ser discriminado e tudo por ele proposto era imediatamente condenado como insuficiente. Para enquadrá-lo, recorre-se a hipóteses evolucionistas bem vagas. Algumas delas se serviram do falso conceito de primitivismo, outras adornaram esse objeto indefeso com frases falsas e persuasivas, falavam de povos vindos do final dos tempos, além de tantas outras coisas. Esperava-se colher por intermédio do negro um testemunho das origens, de um estado que jamais havia evoluído. A maior parte das opiniões expostas sobre os africanos repousa sobre tais preconceitos construídos para justificar uma teoria cômoda. Em seus juízos sobre os negros o europeu reivindica um postulado, o de uma superioridade absoluta, de fato exagerada.¹³⁹

Em *Negerplastik* inicia-se uma teoria geral da arte, onde são unidas (de maneira sistemática) a noção de etnografia e estética. Ao carregar para o núcleo do texto uma concepção analítica, vendo as figuras como criações que não precisam do excesso de significado histórico, Einstein consegue despir a característica etnográfica da simples validação estrutural da história. Simultaneamente, consegue elaborar um argumento sobre a forma na obra de arte que foge ao funcionalismo. Afasta-se da representação: antes de representar algo, ou de significar historicamente, a obra de arte é forma.

Salienta que não há conteúdos acabados, representações em definitivo, e sim forças que atuam na imagem. Nunca estáticas, concordantes, ou totalmente compreensíveis na história. Para Einstein, é indispensável enxergar as obras de um novo jeito. Olhar para as imagens, não como se fosse a primeira vez que as víssemos, mas sim, como se fosse a primeira vez que víssemos. Evitar um excesso de simbolismo é enxergar as formas como se fosse o início da possibilidade da visão, onde o peso da realidade histórica ainda não exerce qualquer tipo de tendência para a interpretação. Uma proposta contundente de análise, dentro de tal ética, deve dar importância para uma base visual que não esteja fixa somente em constatações utilitárias da forma, muito menos, que esteja fixa

¹³⁹ Ibidem. p. 29-30.

em prerrogativas estéticas confinadas a uma orientação única de repertório. Segundo Einstein:

Trata-se de um fato: toda análise abstrata, seja qual for o lugar que ela conceda à visão, faz prova da independência e, em virtude de sua estrutura específica, não exprime todas as divergências do devir artístico.¹⁴⁰

Ao friccionar escultura africana ao embrião do modernismo, Einstein consegue deixar evidente, pelo menos em parte, a noção de humanismo ocidental. Questiona a identidade humana, sua participação na definição de olhar, e o semblante do homem ocidental na forma de centro da história da arte. Propõe não ser possível imaginar uma unicidade da identidade humana, sem ter que inevitavelmente, apelar para os paradigmas do eurocentrismo.

A proposta estética de *Negerplastik* é abertamente motivada por uma investigação e repotencialização do olhar. O autor pretende devolver às figuras a noção de que suas formas não são passíveis de um esgotamento instantâneo quando confrontadas ao histórico. Ao chamar atenção para estética como repertório que se liga de maneira íntima ao antropológico, Einstein está sedimentando uma dimensão política na investigação da história da arte. Deixa claro que a visão integradora da imagem é uma construção. Portanto, uma questão chave no discurso baseado em verdades superiores, ou inquestionáveis, do repertório ocidental é quebrada. Não obstante, a discussão que *Negerplastik* instaura está fixada no dilema: quais validações históricas estão presentes nas imagens quando vistas pela ótica de um ser humano que é tido como absoluto dentro de sua tradição?

Mais tarde, quando começou a escrever para a revista *Documents*, Carl Einstein continuou limando sua proposta estética. Evitou colocar a arte feita fora da Europa como solução contemporânea para a forma artística europeia, e igualmente negou que a arte moderna europeia seja uma espécie de volta ao *primitivismo universal*. Pelo contrário, defendeu que o único jeito possível para escapar de determinismos é reconhecer a noção de que toda interpretação está imersa em história. Talvez seu texto mais emblemático desse período seja *Aforismos Metódicos*, trabalho em que o autor organiza parágrafos na forma de conjuntos com pequenos trechos, discutindo sempre o método de pensar história da arte:

¹⁴⁰ Ibidem. p. 44.

A história da arte é a luta de todas experiências ópticas, espaços inventados e figurações.

De vinte anos para cá podemos constatar uma diminuição da realidade mecanizada e um aumento da invenção alucinatória e mitológica.¹⁴¹

Continua:

Mas nesses momentos em que se começa a duvidar das noções abstratas, acredita-se ainda, de forma inocente, na visão ou no espaço supostos constantes. Mais tarde, ataca-se com o mesmo ceticismo, sinal de uma ínfima liberdade humana, o espaço pretendido constante e uniforme. Descobre-se um pluralismo dos espaços específicos. Não se procede mais por um desvio através dos objetos e tenta-se uma figuração direta. Vê-se assim o motivo como uma interrupção do processo visual direto (o motivo é agora um impedimento), e se criam figuras alucinatórias que correspondem a um processo autista. Vê-se o mundo convencional como um conjunto de signos esgotados. E se pretende, a exemplo do matemático e do físico, que constroem seus espaços específicos, criar configurações adequadas ao tema para fornecer *soluções elegantes* na ordem psicológica. Constata-se a cisão completa entre o objeto e o conjunto dos signos mecanizados e convencionais que, em razão de sua compreensão fácil e de sua múltipla utilização, são apreciados biologicamente. O objeto é um conjunto de experiências mistas, e é por causa disso que se pode desencadear por meio dele um grande número das mais variadas reações.¹⁴²

A obra de Carl Einstein conduz uma nova premissa em relação ao pensamento que se ocupa da história da arte ocidental: as obras são fonte de reflexão e criação tão importante quanto o tempo. O autor se livra do espectro imutável da temporalidade cronológica para enunciar que as obras existem, também, como fonte de reinvenção de tempos. Falar delas somente na modalidade de confirmação de contextos históricos é empobrecer a reflexão. Aceitar o eurocentrismo como verdade absoluta é um grande erro. A atuação teórica de Carl Einstein consegue tirar do conceito de tempo o aspecto funcionalista absoluto. Evidencia que a existência temporal é pautada por uma interpretação da experiência de viver imerso no tempo. Logo, é possível concluir que não existe possibilidade de pensar o atemporal dentro de uma condição que, simplesmente, desconhece a existência sem tempo. Pois o humano não existe fora dele.

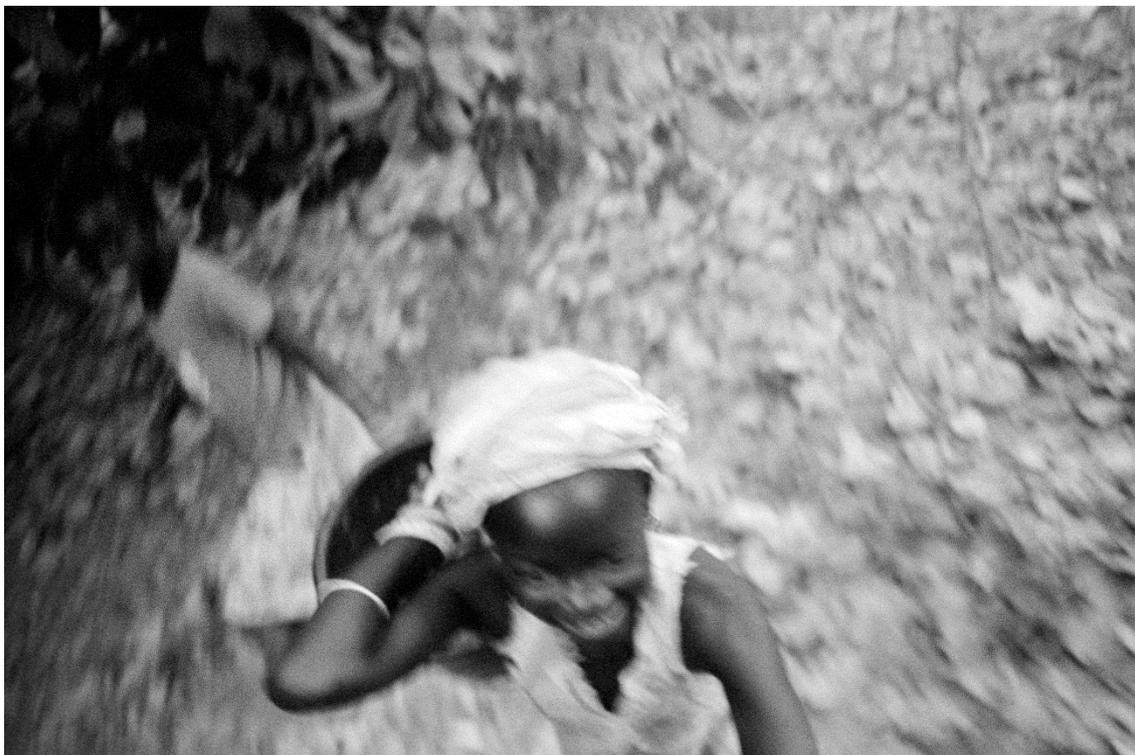
Tendo contato com *Negerplastik*, e também com os textos de Einstein na revista *Documents*, percebi que a fotografia existe para além da representação cronológica de verdade. Ela não opera só a partir de um ponto fixo, é possível criar uma reflexão crítica,

¹⁴¹ Einstein, Carl. *Documents*. Tradução de Takashi Wakamatsu. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016. p. 7.

¹⁴² *Ibidem*. p. 10.

deixar a imagem na incerteza, esquivar-se da ilusão de que documentar o *real* dentro do tempo é o único objetivo fotográfico. Fugir da ideia de que o papel da câmera é originar verdades documentadas, livres de suposição e isentas, operadas quase que automaticamente pela máquina. O arranjo técnico da imagem como homogeneidade de acontecimentos temporais é, sem dúvida, um caminho tentador, entretanto, nele reina a fotografia da imagem absoluta do mundo – livre de problemas, percorrendo sua própria glória, sempre sincera e nunca falível.

Acredito ser necessário esquecer o desejo por um visível puro, quero reconhecer a enormidade de incertezas que trafegam nas imagens. Para isso é crucial perceber a dificuldade na fotografia, seu lado que não apresenta caminhos, mas apenas variações de dúvidas e perspectivas distantes de repertório. Logo, para começar gostaria de relativizar a importância da cronologia dentro do meu argumento. Quando eu falo 2021 em contraposição aos outros anos, não quero dizer que esta estética da incerteza começou em 2021, não é isso. Ao falar de 2021, estou me dirigindo ao período em que o olhar sofreu mudanças maiores, o ano em que ficou mais evidente a transformação de minhas relações com a fotografia. Porém, é claro que estas imagens fora de *uma ordem estética* sempre existiram no meu trabalho. Basta reparar nesta fotografia, realizada em 2018, de Dansi e Bissigüe correndo:



Outro pilar importante de Einstein, citado em nosso breve resumo, é a intenção de evitar o excesso de significação moral em relação ao corpo da obra – sua forma. Ao perder a vontade de fotografar, penso que acabei *baixando minha guarda* moral. Isso por sua vez, possibilitou que o resultado imagético da 3ª viagem fosse menos amarrado a uma certeza. É claro que esta circunstância não foi proposital, estou reconhecendo ela agora. O ato de fotografar por obrigação possibilitou que os dois personagens que citei, o Marcelo fotógrafo e o outro cara (eu na minha versão *não profissional*), tivessem igualdade de poder em relação ao material criado. Em vista disso, o trabalho ganhou ambiguidade, olhando para o conjunto de imagens fica até difícil dar um veredito. Não é fácil dizer se elas são imagens domésticas ou registros de uma investigação fotográfica. Após esta constatação, uma pergunta surge: existe uma diferença significativa entre a fotografia doméstica e a investigação fotográfica?

Talvez a diferença entre os dois *pólos* esteja na excessiva significação moral em relação à forma da imagem. O que Einstein propõe é uma postura ética que aposta na relativização de tais segregações estéticas. Conseqüentemente, a estruturação do discurso em relação ao material perde força, porque sem o argumento de uma centralidade formal (a prevalência de um tema), as imagens começam a existir de maneira autônoma. Com isso, a ficção ganha velocidade, e as categorias começam a brincar entre si. Fogem do alcance do fotógrafo e começam a ter vida própria, fazendo um trajeto que vai muito além de uma simples polarização da forma.

Continuando a trilha que nos leva ao contato com as pistas destas imagens, agora me parece uma boa oportunidade para elaborar um ponto comunitário – no sentido de Nancy. Um lugar de onde seja possível partir em busca de outra proposta de Einstein: enxergar as obras como se fossem o início da possibilidade da visão. Escolho isso visando um debate apropriado, se é que posso usar este termo, para dimensionar o conjunto de imagens sem moralizar em excesso.

O argumento de Einstein é fácil de entender, ele convida quem está lendo *Negerplastik* enxergar as imagens como se fossem o início da visão. Como se a pessoa nunca tivesse visto nada antes, e como se a obra fosse a primeira coisa que ela está vendo na vida. Supondo que minhas imagens realizadas em 2021 fossem a primeira coisa que uma pessoa visse na vida, ela com certeza perderia, logo de cara, duas questões que são fundamentais na problemática que estou levantando: ela não ia saber que talvez existam pólos que opõem as imagens feitas em 2021, também não ia saber que existe um discurso

biográfico que nomeia estes pólos em dois – fotografia doméstica e investigação fotográfica.

Parece-me que a relação dessa pessoa com as imagens seria completamente diferente da relação que tenho hoje, pois, no fundo, não estou falando tanto de uma composição estética, mas sim de um discurso moral, de um ego que não aceita ver sua supremacia ameaçada. Ao pressentir o fim de uma estética aparentemente muito relevante e que me trouxe a vida que eu sempre quis, é difícil aceitar. O fim das imagens capturadas de uma África desconhecida e o surgimento das imagens de um cotidiano que eu conheço bem prometem um mergulho na imprevisibilidade. Não sei o que vai vir daí. Ao escrever sobre os retratos de Ada, falei sobre o fim de uma certeza formal e uma renovação do processo fotográfico. Todavia, isso acarreta em uma relação completamente nova com o mundo, desde o sentido psicológico até o sentido financeiro. Pois eu vivo de imagens, e quero continuar vivendo. Só que não quero deixar de produzir, viver somente de imagens feitas por quem eu fui antes, quero que as imagens feitas por quem eu sou agora também tenham importância na minha vida. O problema é que estas fotografias de 2021 fazem uma estética que não premeditei, muito menos sei aonde vai dar.

Após colocar isso, chegamos na conclusão e última proposta de *Negerplastik*: a relação entre ocidente e cultura africana. Carl Einstein é taxativo em afirmar que dentro da estrutura hegemônica da história da arte ocidental não há espaço para outras culturas, somente há espaço quando elas são retratadas como um estágio anterior da evolução humana. Como sendo vestígios de uma humanidade primitiva. É claro que isso não é um estrutura una, existem diversas variações e formas de compor tal discurso. Talvez, meu medo nasça desta questão, pois ao não conseguir, e decidir não buscar mais imagens, capturadas: fazer retratos de uma África não explorada. Estou me afastando mais ainda desta estrutura social do ocidente, o problema é que, diferente de outras rupturas, esta não foi premeditada.

Independente do medo, acredito que o caminho no momento é um só. Esquecer a reprodução de fotografias de quem fui, onde o centro estético era uma África *selvagem e não explorada*, e aceitar as imagens que nascem de quem sou agora, retratos de uma vida morna, onde a África é conhecida, doméstica e muito familiar. Possivelmente estas imagens não são grandes descobertas, elas vão registrar *apenas* momentos que compartilho com minha família. Mas talvez esteja aí a questão, essa familiaridade cultural revela que agora a África também sou eu.

* * *

Hoje, dia 27 de janeiro de 2022, passei a tarde em chamada telefônica com minhas filhas. O que é sempre muito bom. Nunca esqueço de ser grato pela relação, o laço criado parece ser cada vez mais forte. Entretanto, devo admitir que esse tipo de evento não mexe comigo como antes. Quando as conheci, cada ligação era o núcleo da minha vida no Brasil, toda a rotina girava em torno das ligações. Prestava atenção em cada entonação, nos detalhes das vozes, cada palavra era assimilada com muito cuidado. Nos dias que se seguiam às ligações, eu ficava repassando na cabeça inúmeras vezes tudo o que conversamos.

Atualmente não é isso que acontece, minhas reações mudaram. Não quero dizer que o contato com as meninas se tornou algo dispensável ou irrelevante, pelo contrário, o laço é eterno. O que estou tentando dizer é que incorporei a paternidade, é algo que está em mim. Não preciso agarrar de maneira desesperada o amor. Pois o desespero me fez perder coisas importantes no Brasil e algumas vezes sobrecarregar as meninas e os colaboradores em Guiné-Bissau. Depois de sofrer muito, entendi que o medo não era perdê-las, ou talvez perder uma conquista estética na fotografia, o medo era que minha vida voltasse a ser ausente de *propósito*. Depois de 2021, entendi que Anser e Dansi não são tapa buraco afetivo, as fotografias não serão sempre iguais esteticamente, e o Brasil pode ser um lugar interessante para viver. Começo a reconhecer a importância das coisas que estão incorporadas pelo amor, pois elas não vão passar, e o vazio é a maior oportunidade que tenho para ser livre.

Estou começando a parar de viver em função de núcleos narrativos que me tornavam protagonista de uma ficção premeditada e controlada.

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
 E lastimava, ignorante, a falta.
 Hoje não a lastimo.
 Não há falta na ausência.
 A ausência é um estar em mim.
 E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
 Que rio e danço e invento exclamações alegres,
 porque a ausência, essa ausência assimilada,
 ninguém rouba mais de mim.¹⁴³

¹⁴³ ANDRADE, C. D. Obra poética, volumes 4. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989. p. 237.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Ansel. *O Negativo*. Tradução de Thales Trigo. São Paulo, Editora Senac, 2002.
- _____. *A Câmera*. Tradução de Thales Trigo. São Paulo, Editora Senac, 2002.
- _____. *A Cópia*. Tradução de Thales Trigo. São Paulo, Editora Senac, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. *Altíssima pobreza: regras monásticas e forma de vida*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- _____. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: homo sacer 2*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ALVARENGA, André Luiz. *A arte da fotografia digital*. São Paulo: Ciência Moderna, 2005.
- ANDRADE, C. D. *Obra poética, volumes 4*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989. p. 237.
- ANTELO, Raúl. *A Escuta Selvagem*. Boletim de pesquisa nelic, v. 17, n. 27. Florianópolis: UFSC, 2017.
- _____. *O Absoluto, texto apresentado no colóquio literatura de vanguarda e política – o século revisitado*. Niterói: Editora Comunità, 2012.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Edson Bini. 3ª ed. Bauru: Edipro, 2009.
- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- AZEVEDO, L.; RODRIGUES, M. P. *Diário da Libertação*. São Paulo: Versus, 1977.
- BARROS, Filinto de. *Kikia matcho: o desalento do combatente*. Lisboa, 1999.
- BARROS, Miguel (org.). *Flora Gomes: o cineasta visionário*. Bissau: Corubal, 2014.
- _____. *Sociedade Civil, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional*. Bissau: IMVP, 2013.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Tradução de Julio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- _____. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Tradução de Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

- _____. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013
- CABRAL, Amílcar. *Alguns princípios do partido*. Lisboa: Editora Seara Nova, 1974.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- DA SILVA, F. H.; SANTOS, M. B. *Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau: um roteiro*. Lisboa: Fronteira do Caos, 2014.
- DERRIDA, Jacques. Anne Doufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: escuta, 2003.
- EINSTEIN, Carl. *As premissas*. Tradução de Maria Aparecida Barbosa. Desterro [Florianópolis]: Cultura e barbárie, 2016.
- _____. *Documents*. Tradução de Takashi Wakamatsu. [Florianópolis]: Cultura e barbárie, 2016.
- _____. *Negerplastik*. Tradução de Fernando Scheibe e Inês de Araújo. Florianópolis: UFSC, 2011.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Traducción: Carlos Rodolfo Molinari Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- FAUVELLE, François-Xavier. *O Rinoceronte de Ouro – Histórias da Idade Média Africana*. Tradução de Regina Salgado Campos e Iraci D. Poleti. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- FERREIRA, Edison Gomes. *Fulgor Efusivo*. Bissau: Associação guineense de escritores, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*.¹⁴⁴ Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu editora, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.
- LANGFORD, Michael. *Fotografia avançada*. Tradução de Ronald Saraiva de Menezes. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- _____. *Fotografia – manual de laboratório (técnicas e equipamentos)*. Tradução de círculo do livro. São Paulo: Civilização, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 5ª. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Tradução de Celina Cavalcante Falck. São Paulo: Editora Record, 1997.

¹⁴⁴ A edição encontrada não dá créditos para o tradutor ou tradutora.

- MANTENHAS para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau, Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1977.
- MBONJ, Chérif. *Description Synchronique du Balante SO:FA*. 2010. Tese (doutorado) – Linguistique, *Université Cheikh Anta Diop de Dakar*, Dakar, 2010.
- MEILLASSOUX, Quentin. *Después de la finitud: ensayo sobre la necesidad de la contingencia*. Traducción de Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2016.
- Ministério da Economia, do Plano e da Integração Regional - Instituto Nacional de Estatística, *Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação*, Bissau. 2009.
- MEPIR, FMI. *Segundo Documento de estratégia Nacional de Redução da Pobreza*. Washington: FMI, 2011.
- MEFGB. *Avaliação do impacto da pandemia de Covid-19 na economia de Guiné-Bissau. Bissau: Governo Nacional de Guiné-Bissau, 2021*.
- _____. *Nota do enquadramento macroeconômico e orçamental de 2020*. Bissau: Governo Nacional de Guiné-Bissau, 2020.
- _____. *Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação*. Bissau: Governo Nacional de Guiné-Bissau, 2009.
- MUDIMBE, Valentin-Yves. *The invention of Africa: Gnosis, Philosophy and the Order of Knowledge*, 1988.
- NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016
- _____. *La comunidad enfrentada*. Traducción: J. M. Garrido. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2007.
- _____. *La comunidad revocada*. Traducción: L. Felipe Alarcón. Buenos Aires: Maldulce, 2016.
- _____. *O intruso*. Tradução de Priscila C. Laignier.
- _____. *The inoperative community*. Translated by Peter Connor, Lisa Garbus, Michael Holland, and Simona Sawhney. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.
- NEWHALL, Beaumont. *The History of Photography*. New York: The Museum of Modern Art, 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Organização de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RESENDE FILHO, E. P. *Pierre Aubenque e a ideia da analogia do ser aristotélica*. O que nos faz pensar, n. 15 (julho. 2012).

- ROMANDINI, Fabián Ludueña. *A comunidade dos espectros. I. Antropotecnia*. Tradução de Alexandre Nodari e Leonardo D'Ávila de Oliveira. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.
- SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.
- SCHISLER, Millard W. L. *Revelação em preto-e-branco*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SCHWARZ, José Carlos. *Ora di Kanta Tchiga*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1997.
- SECA, Abdulai Ismail. *A Expansão do Cultivo do Caju e Seus Impactos Ambientais e Econômicos na Guiné-Bissau*. 2020. Dissertação (mestrado) – Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.
- SEMEDO, Odete Costa. *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996.
- _____. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- _____. *No Fundo do Canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.
- SIGÁ, Félix. *Arqueólogo da calçada*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996.
- SILA, Abdulai. *A última tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- _____. *As orações de Mansata*. Bissau: Ku Si Mon, 2007.
- _____. *Dois tiros e uma gargalhada*. Bissau: Ku Si Mon, 2013.
- SLOTERDIJK, Peter. *Ira e tempo: ensaio político-psicológico*. Tradução de Marcos Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- _____. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- _____. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUGEZ, Marie-Loup. *Historia de la fotografía*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.
- SUCUMA, Arnaldo. *Política e democracia na Guiné-Bissau pós-colonial*. Africa Development, Dakar. v. 46, n. 1, 2021.
- TCHEKA, Tony. *Noites de insónia na terra adormecida*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996.
- THIONG'O, Ngugi Wa. *Homecoming: essays on african and Caribbean literature, culture and politics*. London: Heinemann, 1972.
- UNICEF. *Every Child Alive – the urgent need to end newborn deaths*. Genève: United Nations Children's Fund, 2018.

VILLEN, Patricia. *Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FILMOGRAFIA

CAMPADA MARIA. Direção de Danilo Dias de Freitas. Campinas: Metrô filmes, (2018). Vídeo (102 min.).

CONVERSAS no Maranhão. Direção de Andrea Tonacci. São Paulo: Extremart, (1977 – 83). 16mm (116 min.).

HISTÓRIA de Taipei. Direção de Edward Yang. Taipei: Hou Hsiao-Hsien, (1985). 35mm (110 min.).

MORTU Nega. Direção de Flora Gomes. Bissau: Instituto Nacional de Cinema (1988). 35mm (92 min.).